

**UNIVERSIDADE TIRADENTES – UNIT
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA E EXTENSÃO-PPGPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO-PPED
MESTRADO OU DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**

LETÍCIA FUMIKO KUDO

**“Quem tem alma não tem calma!”
TDAH pelas narrativas de mães em grupos do Facebook**

**ARACAJU
2022**

LETÍCIA FUMIKO KUDO

**“Quem tem alma não tem calma!”
TDAH pelas narrativas de mães em grupos do Facebook**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tiradentes – Mestrado/Doutorado, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de concentração: Educação

ORIENTADOR: Ilka Miglio de Mesquita
ORIENTADOR: Ronaldo Nunes Linhares

**ARACAJU
2022**

K95q Kudo, Leticia Fumiko
"Quem tem alma não tem calma" TDAH pelas narrativas de mães em grupos de facebook / Leticia Fumiko Kudo; orientação [de] Prof. Drª Ilka Miglio de Mesquita, Prof. Drº Ronaldo Nunes Linhares – Aracaju: UNIT, 2022.

103 f. il ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Tiradentes, 2022
Inclui bibliografia.

1. Narrativas de mães. 2. TDAH. 3. Facebook. 4. Mônadas. 5. Decolonial. I. Mesquita, Ilka Miglio de. (orient). II. Linhares, Ronaldo Nunes. (orient.). III. Universidade Tiradentes. IV. Título.

CDU: 159.952.6:004.738.5

SIB- Sistema Integrado de Bibliotecas

FOLHA DE APROVAÇÃO

Aprovado em 15 / 02 / 2022

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a. Ilka Miglio de Mesquita (Orientadora)

Prof. Dr. Ronaldo Nunes Linhares (PPED/UNIT) (Orientador)
Universidade Tiradentes – (PPED/UNIT)



Documento assinado digitalmente
Elison Antonio Paim
Data: 15/02/2022 15:52:35-0300
CPF: 433.160.930-87
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof. Dr. Elison Antonio Paim
Universidade Federal de Santa Catarina (PPGE/UFSC)

Prof. Dr. Alexandre Chagas
Universidade Tiradentes - (PPED/UNIT)

DEDICATÓRIA

À minha filha Ana Clara e esposo Guilherme, razão maior para a busca de meu aperfeiçoamento pessoal e profissional. Pessoas sensíveis e amadas, que sempre me compreenderam, me aceitaram, foram pacientes e meus maiores incentivadores no trilhar desta caminhada.

À minha irmã Maria Eduarda, quem me apresentou, previamente, como seria o maior amor do mundo... o amor materno.

Aos meus pais, quem possuem uma fé inabalável em minha capacidade. Ao meu pai, quem constantemente me ensina sobre a matéria mais importante da vida... a experiência vivida. À minha mãe, quem desde cedo me ensinou a importância da educação e apostou em um ensino de qualidade como ferramenta que garantisse um futuro melhor. A primeira mulher/mãe, com quem tenho aprendido e que admiro.

AGRADECIMENTOS

Às mães com quem dividi sentimentos, frustrações, inquietações, culpa, cansaço, alegrias, conquistas, aprendizagens, memórias... obrigada por me aceitarem no grupo, por tudo que me ensinaram e por dividir comigo a preciosidade maior, a experiência vivida.

À minha filha, meu amor! Quem me ensina todos os dias, a ser uma mãe melhor, mais paciente e atenta. Quem quase me faz explodir de amor quando diz “mamãe eu te amo” e “queria de ser uma mãe igual você!”. Meu amor... eu é que gostaria de ser uma filha tão afetuosa, inteligente, maravilhosa, evoluída como você! Minha “Ana Tudo” pessoinha que frequentemente me chama atenção para a necessidade do ouvir (parece que estou até escutando-a dizer: Mamãe, deixa eu faláaaaa!!!!). Quem me desarma, com seu sorriso encantador, sapeca (carregado de “amor verdadeiro, com um pouquinho de golpe” como a gente costuma dizer) e suas frases engraçadas. Você é minha vida! Minha esperança de dias melhores!

Ao meu esposo Guilherme, amigo, parceiro e maior incentivador dos meus projetos. Quem mudou meu modo de sentir, quem me ensina pacientemente, me motiva, segura minha mão, enxuga minhas lágrimas, me mimar, cuida, quem transforma um simples abraço, em minha morada. Você, meu amor, me ajudou a construir nossa maior riqueza, nossa família, que é perfeita, exatamente como é. Quero que esteja ciente do quanto te admiro e que sem você, este trabalho não seria possível. Talvez, sequer tivesse começado, não fosse seu “empurrão” e encorajamento para ir buscar o que outrora havia sido um sonho. Faço desta, uma esquina, de prosa, narrativas, versos, poesias e lembranças para a posterioridade. Para que daqui a 30, a 50 anos, eu possa reler e lembrar que você, “meu Guilherme”, proporcionou minhas maiores alegrias e é o amor da minha vida!

À minha irmã Maria Eduarda, com quem aprendi outra forma de amar, forma esta que como filha única que era, jamais experimentaria. Aos meus pais Adélia e Édson, por tudo que me proporcionaram e ensinaram. Sou o que sou, entre acertos e defeitos, pelo amor (mesmo cultivado a distância) que me deram ao longo dos anos. Obrigada por tanto... eu amo vocês!

À Ilka, orientadora, amiga, mulher potente, porreta, leoa, presente que o destino nos deu, e que seguirá em nossas vidas, visto que foi nomeada integrante da família (né, vovó Uka?). Você, conforme outrora escrito em carta, é a personificação do aconchego, que se faz a cada sorriso sincero, a cada chamado de “minha japonesinha”, a cada abraço – mesmo que virtual – mas igualmente caloroso, fraterno, acolhedor, que alivia e partilha nossas dores, frustrações, angústias, cansaços. Mas é também desassossego, gestos e cabelos frenéticos, é luta, é (re)existência, resistência, inquietante, inquietada, insurgente, subversiva - é tudo mais que representa a decolonialidade do existir. Através de suas lentes sensíveis, você me conduziu por (des)caminhos e veredas que eu nem imaginava desbravar (lembrando e escutando você dizendo: “mas cadê a sensibilidade Letícia?”), e sempre ao meu lado, segurando minha mão. E assim seguiremos... até o fim! Obrigada por tanto! Eu amo você!

Aos companheirxs do grupo de pesquisa GPHMEI (Grupo de Pesquisa História Memória, Educação e Identidade) Rafa, Mirianne, Jade, Wendell, Laís, Rony, pessoas com quem tão pouco convivi e tanto me ensinaram (e ainda ensinam!).

À Mirianne – mulher, tenho um amor e admiração inexplicável por você! Sinto que te conheço de outras vidas. Você segurou minha mão (e advogou em minha causa

quanto às inconformidades da Ilka, quando meu pré-projeto de pesquisa ainda era sobre Neurociência kkkkk) desde o primeiro dia que ingressei na Unit. Você é uma mulher inspiradora!

À Rafa, minha companheira - de grupo de pesquisa, de mestrado, de angústias (e quantas angústias!), de celebrações, de compartilhamentos – muito obrigada por percorrer este caminho ao meu lado. Você me ajudou a me encontrar, quando estava perdida e distante de minha pesquisa. Ajustou as lentes de meu olhar para questões que hoje suleiam meu trabalho. Me ensinou (e ainda ensina) sobre diferença, aceitação, sobre reinventar-se, sobre superar limites... você é uma potência!

Aos companheiros de turma, de disciplinas e amigos que o PPED me deu. Mesmo o fato de a pandemia ter impossibilitado que estivéssemos presentes fisicamente, não diminui o carinho e as marcas felizes que deixaram em meu coração.

Aos professores, colegas de curso, amigos que acompanharam esta jornada e estiveram presentes na banca, obrigada por todos ensinamentos, eles foram tantos! Vocês me instigaram, questionaram, me fizeram rever conceitos, apontaram possibilidades... Essas são tantas!

Elison, sua generosidade, disposição, olhar atento e sensível, ajudaram a dar alma a este trabalho, que muito foi inspirado por suas palavras, suas lentes, sua luta e firmeza na educação enquanto ação política. A admiração que tinha pelo profissional, cresceu ainda mais ao conhecer a pessoa que é. Obrigada!

Alexandre Chagas, obrigada por aceitar participar desta “cilada” (compor a banca, de última hora, com uma abordagem até então desconhecida e diferente ao que está familiarizado), pela disposição em desconstruir-se, pelo esforço, pela forma sensível a que se dispôs ler meu texto e fazer parte desta construção. Sei que não foi fácil, mas gostaria de ressaltar que você esteve presente desde o início da minha pesquisa, através de suas produções merecidamente notadas no PPED e que você emocionou a todos nós com as suas impressões.

Ao Ronaldo, quem se disponibilizou a me orientar nesta reta final (a partir de janeiro de 2022), quem tanto me ensinou sobre as possibilidades e importância da comunicação na educação, quem me instigou, me provocou, questionou e também me fez questionar (e como questionei né, Ronaldo kkkkk), obrigada! Tenho profunda admiração por você, pelo modo sensível com que acrescenta à nossa pesquisa e direciona nosso olhar. Lembro do quanto ficava admirada ao assistir às bancas que você compunha. Geralmente o último a falar, eu pensava “pobre do Ronaldo, não sobrou nada pra ele acrescentar”, mas, para minha surpresa (mesmo te conhecendo), lá vinha você com “senhoras considerações”, que, por vezes, chegavam com a sutileza de uma martelada (de conhecimento e experiência, claro, rs). Eu soube, desde o dia da entrevista, que você seria meu “malvado favorito”.

Agradeço também à Universidade Tiradentes e a agência de fomento Capes, pela concessão da bolsa de estudos, que viabilizou o desenvolvimento da pesquisa e a oportunidade de cursar o mestrado (projeto que ficou parado durante 10 anos). Obrigada por possibilitar meu encontro com a vida acadêmica para iniciar a vereda rumo a um sonho de infância: o de ser doutora!

Ao Secretário Acadêmico, Cleverton (Clevboy, meu amô verdadeiro, cheio de golpe), que tantas vezes me socorreu, me acalmou, me orientou com as burocracias... obrigada! Apesar de nosso contato ter sido remoto (em função da pandemia), tenho um carinho e respeito enorme por você!

Por fim, a meus familiares, amigos, àquelas e àqueles, cujos nomes não estão aqui, mas que igualmente torceram e vibraram por mim e minhas conquistas, sintam também minhas palavras de gratidão. Obrigada, obrigada, obrigada!

Os cientistas dizem que somos feitos de átomos, mas um passarinho me contou que somos feitos de histórias.

Eduardo Galeano (2012)

RESUMO

Esta dissertação tem como tema as narrativas das mães de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) nos espaços públicos das mídias sociais digitais, em específico, os grupos do Facebook. A partir de uma escuta sensível e a articulação com as experiências vividas, memórias como meios de produção de conhecimento, o objetivo deste trabalho consiste em perceber as potencialidades, sensibilidades e, também, os rastros de colonialidades que atravessam o ser-saber-fazer das mães, bem como os ambientes que elas construíram e constituem. À luz do pensamento decolonial e das sensibilidades do filósofo Walter Benjamin, ferramentas teórico-metodológicas elencadas, identificamos e problematizamos os resquícios do pensamento colonial, que ainda (in)visibilizam saberes, estéticas, culturas, corpos, modos de ser e viver, que classifica, diferencia, que elege a ciência médica como único conhecimento verdadeiro e válido e subalterniza os sujeitos, saberes e fazeres outros. Através da tecitura de diálogo entre a área da comunicação e com as teorias decoloniais, pensamento de Walter Benjamin e Paulo Freire, tensionamos a cultura-mundo tecnicista, imediatista, produtiva, hiper visível, que permeia nossa sociedade. Esses tensionamentos nos encaminha a fazer reflexão sobre os espaços outros a qual as pessoas também têm convivido e desenvolvido relações – os grupos do Facebook. Assim, procuramos pensar criticamente essas esferas, de forma a perceber não somente as marcas negativas, mas também as possibilidades que essas esquinas digitais possibilitam. Dito isto, defendo os pressupostos de que os grupos do Facebook, criados pelas mães de TDAH, são terrenos férteis, insurgentes e potentes para problematizações, interações educativas, para acervo de suas memórias e fortalecimento identitário. E as mães, narradoras com quem dialogamos, são sujeitas de suas próprias histórias, fazem deste, local de produção (de conhecimento, de memória, de afetividade), espaço para ação política e (re)existências. Com o pensamento nas memórias, experiências e saberes outros, os procedimentos metodológicos adotados fundamentam-se em uma abordagem qualitativa. A escrita das narrativas das mães é apresentada na forma de mônadas, neste sentido, serão acompanhadas e “ouvidas” as narrativas de dois grupos do Facebook, “Mães de filhos com TDAH” e “Mãe de Pessoa com TDAH. O estudo permite refletir criticamente sobre produções de conhecimentos que estão à sombra, à espera de oportunidade para emergir, na decolonização do ser, saber, poder, dos espaços virtuais, narrativas e memórias, que também educam, ensinam, produzem conhecimento, cultura. Produz vida, que resiste.

Palavras-chaves: Narrativas de mães. TDAH. Facebook. Mônadas. Decolonial

ABSTRACT

This dissertation has as its theme the narratives of ADHD mothers in the public spaces of digital social media, specifically, Facebook groups. From a sensitive listening and the articulation with the lived experiences, memories as means of knowledge production, the objective of this work is to perceive the potentialities, sensitivities and, also, the traces of colonialities that cross the being-know-how of mothers, as well as the spaces of the groups they built. In the light of decolonial thinking and the sensibilities of the philosopher Walter Benjamin, theoretical-methodological tools listed, we identify and problematize the remnants of colonial thought, which still (in)visibilize knowledge, aesthetics, cultures, bodies, ways of being and living, which classify, differentiates, which elects medical science as the only true and valid knowledge and subordinates other subjects, knowledge and spaces. Through the weaving of dialogue between the area of communication and with decolonial theories and sensibilities, we tension the technicist, immediatist, productive, hyper visible world-culture that permeates our society. These tensions lead us to reflect on the other spaces in which people have also lived and developed relationships – the Facebook groups. Thus, we seek to think critically about these spaces, in order to perceive not only the negative marks, but also the possibilities that these digital corners make possible. That said, I defend the assumptions that Facebook groups, created by mothers with ADHD, are fertile, insurgent and potent grounds for problematization, educational interactions, for the collection of their memories and identity strengthening. And the mothers, narrators with whom we dialogue, are subjects of their own history, they make this a space of production (of knowledge, memory, affection), a space for political action and (re)existences. With thoughts on memories, experiences and other knowledge, the methodological procedures adopted are based on a qualitative approach. The writing of the mothers' narratives is presented in the form of monads, in this sense, the narratives of two Facebook groups, "Mothers of children with TDAH" and "Mãe de Pessoa com TDAH" will be monitored and "heard". The study allows us to critically reflect on knowledge productions that are in the shadow, waiting to emerge, in the decolonization of being, knowledge, power, from virtual spaces, narratives and memories, which also educate, teach, produce knowledge, culture. It produces life, which (re)exists.

Keywords: Narratives of mothers. ADHD. Facebook. Monad. Decolonial

SUMÁRIO

1 INTERSTÍCIOS PARA UMA NARRATIVA INSURGENTE: ENTRE POEMA E SENSIBILIDADES	11
1.1 Encontro com o tema	16
1.2 Compondo uma escrita: questões de pesquisa, objeto, objetivos e (des) caminhos	22
2 A COLONIALIDADE EM MEIO A SOCIEDADE DIGITAL	32
2.1 Tempo para comunicar-se	38
3 COMUNICAÇÃO E ALGUNS CONCEITOS	41
3.1 Espaçotempo – O reconfigurar das relações humanas	45
4 TECENDO ENCONTROS EPISTEMOLÓGICOS - DECOLONIALIDADE	56
4.1. Diálogos intercambiados pelas experiências vividas – as mônadas	63
5 COM A PALAVRA: AS MÃES!	76
5.1 Desabafos, sensibilidades e frustrações	78
5.2 Normalizando o corpo: ciência x experiência	81
5.3 Entre diálogos e sensibilidades: compartilhando memória afetiva	89
5.4 Aprendendo com elas!	92
6 SENSIBILIDADES FINAIS PARA UM CAMINHO ABERTO.....	94
REFERÊNCIAS.....	97

1 INTERSTÍCIOS PARA UMA NARRATIVA INSURGENTE: ENTRE POEMA E SENSIBILIDADES

José TDAH Letícia Kudo		
<p>E agora, José? A festa acabou, a luz apagou, o povo sumiu, o tempo fechou, e agora, José? e agora, você? você que tem nomes, que zomba dos outros, você que faz arte, que grita, protesta? e agora, José?</p> <p>Está sem remédio, está sem controle, está sem carinho, já não pode sair, já não pode brincar, interagir já não pode, objetos quebrou, a paciência não veio, a compreensão não veio, o riso não veio, não veio a terapia e você incomodou</p>	<p>e você reprovou por fim, medicou, e agora, José?</p> <p>E agora, José? Seu doce sorriso, seu instante criança, sua euforia, sua capacidade de criar, sua autonomia, seu temperamento, sua incoerência, seu ódio — e agora?</p> <p>Com o remédio a mão quer, acabar com a doença não existe doença; quer ser comum para ser aceito, mas aceitação vem de si; quer ter uma vida normal, mas vida normal não há mais José, e agora?</p>	<p>Se você se comportasse, se você aprendesse, se você quebrasse a causa do sofrimento, se você dormisse, se você não resistisse, se você não existisse... Mas você existe, você é duro, José!</p> <p>Sozinho com diagnóstico de transtorno qual criança chata sem tratamento, sem remédio milagroso para se curar sem Ritalina doce que traga sossego em instante, você trata, José! José, Pra quem?</p>

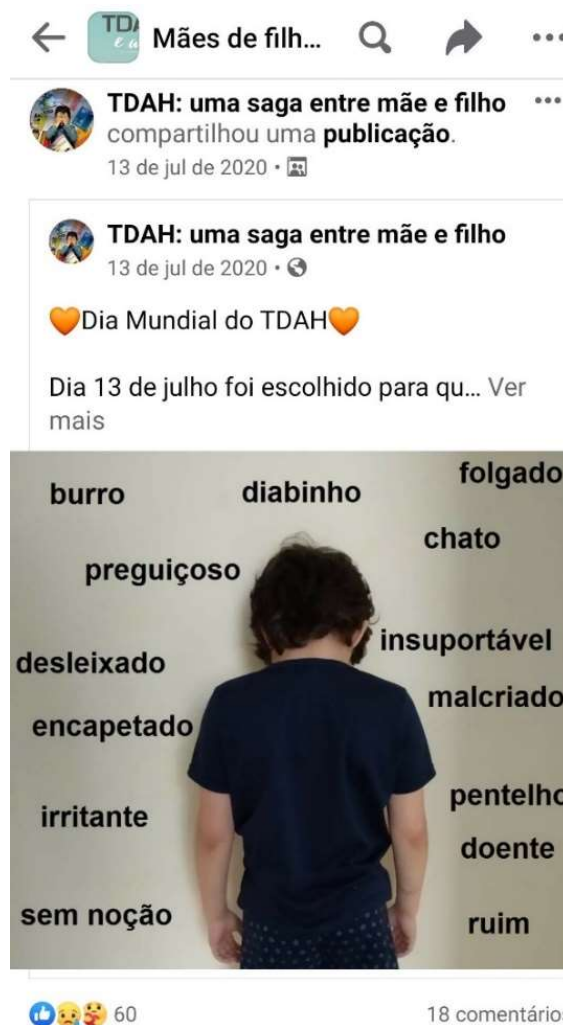
O poema acima, baseado no famoso “José” de Carlos Drummond de Andrade, poeta brasileiro, é uma versão recriada por esta que vos escreve e retrata a personalidade do “Novo José”, um menino diferente, agitado, inquieto, de personalidade forte, mas também potente, instigante, que mobiliza e faz com que todos à volta saiam de sua zona de conforto. José, um menino fora da caixa, fora dos padrões das outras crianças, do que a sociedade dita como certo e normal, que foge à regra, foge da curva, da autoridade, da normalidade. A criança errada, chata, birrenta, mal-educada. A retraída, distraída, atrasada. Que não aprende, não entende, não acompanha, não obedece e por isso, padece.

José é visivelmente diferente! Ele grita demais, pula demais, se irrita, nos irrita e continua a conjugar seu principal verbo – irritar/ incomodar - por onde quer que passe, sempre no superlativo. Mas José também é menino, que, em meio a tantos percalços, distrações, rejeições, tal qual todos outros, só quer brincar, explorar, amar,

ser amado, ser inventivo, jogador de futebol, piloto, ser quem sabe doutor, mas que essencialmente, só quer ser José.

Tal como o José de Drummond, o nosso “José” se vê perdido, sozinho, sem um caminho a seguir, sem amigos, “sem cavalo que fuja a galope”, sem esperança de ser um sujeito normal, com atitudes normais e aceito por todos. Tal como os “José” da literatura, há tantos outros “José” da vida real, com problemas reais, garotos - e famílias inteiras - que sofrem devido ao Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH).

A figura do José¹



Fonte: Facebook – Grupo Mães de Filhos com TDAH. 17 de jul. 2020

¹ Em confluência à metodologia utilizada, as capturas apresentadas não virão intituladas como figuras, tampouco enumeradas. Pois trata-se de fontes, documentos e registros feitos pelas mães em diálogo com o grupo.

Um transtorno neurobiológico, de causas genéticas, que se caracteriza majoritariamente por sintomas de desatenção, inquietude e impulsividade, o TDAH aparece na infância e pode, em mais da metade dos casos, acompanhar o indivíduo na vida adulta. Dados da Associação Brasileira do Déficit de Atenção (ABDA)² indicam que o TDAH ocorre em 3 a 5% das crianças de todo mundo. Ele se caracteriza por uma combinação de dois tipos de sintomas: desatenção e hiperatividade-impulsividade. Deste modo, em geral se associa a dificuldades na escola e no relacionamento com demais crianças, pais e professores.

As crianças são tidas como “avoadas”, “vivendo no mundo da lua” e geralmente “estabanadas” e com “bicho carpinteiro” ou “ligados por um motor” (isto é, não param quietas por muito tempo). Os meninos tendem a ter mais sintomas de hiperatividade e impulsividade que as meninas, mas todos são desatentos. Crianças e adolescentes com TDAH podem apresentar mais problemas de comportamento, como por exemplo, dificuldades com regras e limites. Em adultos, ocorrem problemas de desatenção para coisas do cotidiano e do trabalho, bem como com a memória (são muito esquecidos). São inquietos (parece que só relaxam dormindo), vivem mudando de uma coisa para outra e também são impulsivos (“colocam os carros na frente dos bois”). Eles têm dificuldade em avaliar seu próprio comportamento e quanto isto afeta os demais à sua volta. São frequentemente considerados “egoístas”. Eles têm uma grande frequência de outros problemas associados, tais como o uso de drogas e álcool, ansiedade e depressão. (ABDA³, 2021)

Não se pode identificar o TDAH através de exames físicos, como de sangue, de imagens, logo, recomenda-se que uma longa anamnese (entrevista) seja feita com profissionais médicos especializados (psiquiatra, neurologista, neuropediatra) para que se chegue ao diagnóstico. Os profissionais geralmente utilizam questionários como instrumentos de avaliação, juntamente com o relato de pais, professores e psicólogos. Este método de diagnóstico por vezes causa desconfiança, e especulações sobre a real existência do transtorno. Conforme divulgado no ABDA, alguns chegam a afirmar que “o TDAH não existe”, é uma “invenção” médica ou da indústria farmacêutica, para terem lucros com o tratamento.

Entretanto a ABDA é enfática, afirmando que não existe controvérsia sobre a existência do TDAH, uma vez que há um consenso internacional, sendo reconhecido oficialmente por vários países e pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Mas as

² Ver mais em <https://tdah.org.br/sobre-tdah/>

³ ABDA. O que é TDAH. Disponível em: <https://tdah.org.br/sobre-tdah/o-que-e-tdah/>. Acesso em: 09 de set. 2021.

divergências não param, sobretudo no modo como pais, educadores, especialistas e intelectuais se posicionam a respeito do TDAH, em especial da crescente utilização e medicamentos como a Ritalina⁴ para tratar os sintomas, particularmente o de hiperatividade/impulsividade⁵.

Há muitos anos o TDAH vem sendo discutido e estudado por diversas áreas do conhecimento. Os estudos realizados utilizavam, geralmente, uma abordagem a partir da condição médica desencadeada por causas biológicas, sem dar muito espaço às discussões acerca de fatores sociais e culturais, do contexto no qual se inserem os indivíduos diagnosticados ou ainda dos que os acompanham nesta jornada, tais como mães, pais, tutores, familiares.

A academia parece ter se dividido em duas frentes de pensamentos, os que são adeptos à medicação, tratando de forma química, biológica, rápida, eficaz, porém nem sempre assertiva, visto que os remédios são uma tentativa de normalização que pode variar de corpo para corpo e os que são opostos a esse meio, preferindo alternativas ao uso de medicamentos, experimentando técnicas de ensino/aprendizagens, de relaxamento, terapias que envolvam música, esporte, produtos fitoterápicos e formas outras de lidar com as crianças que possuem o TDAH.

Após pesquisa realizada na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)⁶ sobre o que a academia tem produzido a respeito do TDAH, notou-se que apesar da maior abrangência que o tema vem ganhando, não há grandes problematizações e tensionamento de relevância sociocultural. Foi encontrada nos últimos dez anos 135 teses e 286 dissertações com a palavra TDAH. Ao refinar a busca para “TDAH; mães”, foi encontrada 14 dissertações e 4 teses. Com “TDAH; mídias” encontramos 2 teses com perspectivas Foucaultianas e 5 dissertações. Por fim, utilizando os filtros “TDAH; mães; mídias sociais digitais, não encontramos nenhum resultado de tese ou dissertação. O mesmo ocorreu com o filtro “TDAH, mães, Facebook”.

⁴ Nome comercial do medicamento metilfenidato, fabricado pela empresa Novartis. É um tipo de estimulante do sistema nervoso central, grupo de fármacos também conhecidos como psicoestimulantes. Este medicamento é utilizado no tratamento dos sintomas do TDAH.

⁵ O TDAH não está propriamente ligado à hiperatividade, visto que há crianças que podem ser completamente introspectivas, conforme aponta o Instituto Neurosaber. Ver Instituto Neurosaber. Disponível em: https://institutoneurosaber.com.br/?gclid=Cj0KCQjwqKuKBhCxARIsACf4XuEy-VQFjUI2mAA1woLKixMmfmRhuWkNdL1rYOVj_xDQNiCdn0DqUAAaAofBEALw_wcB.

⁶ Pesquisa realizada dia 20 de setembro de 2021. Disponível em: <https://bdtb.ibict.br/vufind/>

Embora tenhamos vistos vários artigos e estudos que pensem a questão de normalização do corpo, na biopolítica, e outros conceitos Foucaultianos, que pensam e chamam atenção para as problemáticas em medicamentar os jovens, para trazê-los de volta à normalidade, fica evidente a carência de estudos socioculturais acerca do tema. Percebe-se a falta de discussões sobre o TDAH a partir de perspectivas que fujam ao domínio biológico; análises críticas que perceba o entorno, o contexto, os espaços, olhares, discursos e sujeitos outros.

Dito isto, adianto aos leitores que esta dissertação não se trata de uma pesquisa sobre o TDAH em si; qual melhor tipo tratamento, metodologia de ensino ou alternativas para lidar com sintomas. Esta escrita tecerá diálogo com as mães dos jovens TDAH, através da captura de suas narrativas em grupos do Facebook, local escolhido e ocupado por elas, sujeitas tão necessitadas de escuta, atenção, espaço e tempo de escuta, quanto seus filhos.

Esta dissertação não tem intenção de mostrar quais narrativas são corretas ou incorretas, aceitáveis ou não, quantificar, classificar ou ainda mapear os temas das discussões – sentimentos não se mapeia. Com foco nas sensibilidades e nas narrativas atravessadas pela experiência vividas pelas mães, chamaremos atenção para os grupos sociais digitais enquanto espaço possível de (re)existência, fértil, potente para um ser-saber-fazer outro, com práticas de si, práticas insurgentes, humanas, que desobedecem aos ditames e imperativos sociais, médicos, ao ideal de mães e todo estado de dominação epistêmica enraizados nas técnicas de camuflagem do ser-saber.

Com as lentes ajustadas para o combate ao pensamento colonizado, que reprime, aniquila o ser-saber-fazer outro, que classifica, categoriza, inferioriza o diferente, que não questiona o “neurosaber”, a “neurociência” apoiada sob o caráter “indiscutível da ciência”, adentraremos ao ambiente delas, ou seja, das mães do Facebook, para perceber a potência das práticas educativas do saber-fazer entre elas. Discutiremos como as mães vem utilizando estes espaços para articular e produzir conhecimento acerca das suas necessidades.

Por outro lado, será possível perceber que habitam também nesses locais rastros de colonialidade, que exalta o saber médico, que deseja seguir o padrão normativo da sociedade, que quer normalizar o corpo custe o que custar. Mas como pode um local essencialmente democrático, livre, tão rico de experiências, emoções, sentimentos, como os grupos do Facebook, ter tantos rastros de colonialidade

presentes na comunidade? Como a colonialidade interfere no ser-saber-fazer das mães? São estes realmente zonas de resistência ou comunidade aberta para o compartilhamento de suas dores?

Aflições de mãe

← Mães de filh... 🔍 ➡ ...

...

31 de ago • 📍

Mães estou com meu coração aflito e apertado, sofro de ansiedade, e diiante de tudo que está acontecendo eu me rendi, e estou fazendo o tratamento para ansiedade. Meu filho tem 8 anos. é muito falante... Ama dinossauros, animais , ciências, experiências científicas... Entende muito sobre o assunto, ele mesmo pesquisa, e adora falar sobre isso! Devido a pandemia ele ficou praticamente 1 ano e meio em casa tendo aula remota. Voltou pra aula presencial agora 1 mês.... E desde então tenho me encomodado muito com a escola, pq alega não ser normal essa fissura dele pelos dinossauros... Ele fala tudo corretamente, reconhece números e letras, sabe escrever seu nome, sabe copiar do quadro, está aprendendo a escrever emendado, mas ainda não sabe ler. A escola diz que ngm quer ser amigo dele, pq ele só fala dessas coisas que é um assunto que ele domina muito bem... Ele adora ir pra escola, mas a maioria faz vezes fica triste pq tudo que ele vai falar ou fazer mandam ele pra direção, e isolam ele das outras crianças. Esses dias assisti uma aula dele pela câmera, na sala da diretora,.

outras crianças. Esses dias assisti uma aula dele pela câmera, na sala da diretora, COMPORTAMENTO SUPER NORMAL, até levantava a mão quando queria falar... Eu acho que um pouco a escola que tá sismando com ele 😞

O pessoal da escola acha que ele tem algum problema, eu levei no médico e ela me disse que ele é perfeito e muito inteligente! Mesmo assim a diretora solicitou um laudo por escrito da médica!

Agora estou aguardando pra levar ele no pediatra. E denovo falar tudo que está acontecendo na escola...

Meu coração fica inquieto com essa situação 😞

Alguém já passou isso??
Pode me ajudar?

Eu não sei mais o que pensar, e fazer só quero ajudar o meu filho

Ele ama ir pra escola. Mas parece que ele não é bem vindo, e ele não se sente acolhido lá 😞

Se alguém passou ou tá passando por isso pode me ajudar? Pq isso tá tirando a minha paz. 😞 E eu só quero ajudar ele!

6 12 comentários

Curtir Comentar Enviar

Fonte: Facebook – Grupo Mães de Filhos com TDAH. 31 de ago. 2020

1.1 Encontro com o tema

O encontro com o tema da pesquisa, bem como as inquietações que provocaram interesse para o estudo do TDAH e o abuso de medicamentos se deram de forma tão tumultuosa quanto os sentimentos de “José” e estão intimamente ligados a uma experiência de vida que tive.

Durante o período da faculdade, em que cursei Licenciatura em História na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, ministrava aulas particulares para crianças do Ensino Fundamental e Médio, geralmente da rede particular. Após um tempo passei a acompanhar regularmente muitos desses alunos, quando as mães começaram a disputar prioridade para que seus filhos ficassem com os primeiros horários da tarde. Inicialmente, não compreendi o repentino alvoroço pela preferência de horário, mas logo foi possível tal entendimento.

As aulas eram dinâmicas e produtivas, entretanto notei que alguns deles estavam cada vez mais apáticos, tristes, sem forças para estudar; a concentração era quase impossível. Eu tentava ao máximo associar o assunto discutido ao que mais os instigava, mas nada parecia ser suficiente para trazê-los de volta a mim. Até que um dia, um deles começou a babar e caiu sobre a mesa, na minha frente, dormindo. A partir daquele dia, não tive dúvida que estava diante de um problema muito grave, e extremamente corriqueiro na vida dos jovens de classe média alta, que estudavam nas escolas particulares mais requisitadas da cidade. Esses alunos, assim como muitos outros, diziam ter TDAH, e fizeram parte de um surto de diagnósticos que ocorreu na cidade de Três Lagoas/ MS a partir do ano de 2009.

Este estudo não trata de um estudo de caso, em específico este que acabei de mencionar. Trata-se, em especial, de experiência vivida a qual despertara para o problema e que interessou-me estudar. Em 2020 ingressei para o Programa de Pós-Graduação em Educação (PPED/ Unit) – Mestrado, a ideia inicial era a de trabalhar com as narrativas de crianças com TDAH de escolas públicas e particulares de Aracaju/SE. Porém, em função da pandemia – iniciada no Brasil em março de 2020 - e isolamento social, a aproximação com crianças não seria possível. Optei por mudar o direcionamento do ouvir. Ainda insistente no discurso, optei por ouvir as mães intimamente ligadas ao problema, que são também percebidas, assim como as crianças, e que poderiam ser ouvidas, de forma remota e segura.

No entanto, me deparei com mais um empecilho, a negação em se expor; talvez por vergonha, por medo, mas fato é que as mães de escolas particulares de bairros mais abastados de Aracaju não pareciam estar dispostas a narrar seus problemas, suas feridas, seus anseios, desajustes sociais e possíveis sentimentos de fracassos. Embora o diálogo fosse possível, percebi que a aproximação não seria fácil, tampouco rápida.

Pensei em trabalhar com as mães de periferia, mas provavelmente encontraria a barreira da acessibilidade de uma internet que permita a comunicação, em uma realidade em que muitas sequer possuem meios para ter internet. Refletindo sobre toda conjuntura, tempo para pesquisa, adaptações metodológicas, pandemia, incertezas, fui acalmar meus pensamentos numa pesquisa despretensiosa sobre o tema a qual pretendia me debruçar; quando vi uma entrevista no Youtube, um programa de TV intitulado “Papo de Mãe”, da TV Brasil.

Eram duas entrevistadoras, que trouxeram como convidadas 3 mães, uma terapeuta e um médico neurologista. Já nos primeiros instantes de programa, tudo me pareceu interessante, a cada fala havia potência, perspectivas, contradições, pontos de vista diferentes, enfrentamentos. Reparei também que não havia ali, nenhuma educadora que trouxesse à tona as perspectivas e possibilidades educacionais.

Posteriormente, lembrei-me da dica da minha prima Elaine Viacek Oliani, também pesquisadora, sobre a colaboração que os grupos de Facebook podem trazer para a vida acadêmica e fui pesquisar se havia grupos sobre TDAH na rede social. Encontrei diversos grupos e temas variados, tais como de mães de crianças com TDAH, adultos com TDAH, TDAH no trabalho, gerações de famílias que possuem o Transtorno, dentre outros. O que vi me impressionou, aqueles grupos atingiam um nível de interação e, sobretudo, o grupo das mães compartilhando suas experiências, percursos até o diagnóstico, frustrações, conquistas, informações sobre o que era o transtorno, medicações, combinações medicamentosas e mais uma infinidade de temas.

Prontamente dividi essa experiência com minha orientadora, Ilka Miglio, quando tivemos um “insite” de que este seria o caminho – ou descaminho - a qual deveríamos trilhar nossa pesquisa. Refletir acerca das narrativas das mães de jovens e crianças que tem o TDAH, através das mídias digitais sociais, em especial, os grupos de Facebook, criado por mães para compartilhar suas histórias, conhecimentos e experiências vividas.

Tendo em mente a delimitação do tema, a tentativa frustrada de trabalhar com as narrativas das mães por meio de entrevistas e o anseio de escutar o que estas sujeitas tinham a dizer sobre o que viviam, optei por participar de quatro grupos do Facebook, são eles: “TDAH – Superação”, “TDAH – Trabalho Desafio Amor Humor”, “Mães de pessoas com TDAH”, “Mães de filhos com TDAH”, sendo todos eles com perspectivas prevaletentes das mães sobre o transtorno.

No grupo “TDAH – Superação”, contém 5,2 mil membros, as publicações no geral são sobre os diagnosticados, dicas e divulgações de eventos para compreender o transtorno, tratamentos medicamentosos, sintomas gerados pelos transtornos e sintomas após tratamento medicamentoso, as dificuldades, dentre outros. No geral, notei que, apesar dos relatos pessoais, este grupo, dos quatro em que participo, é o que mais partilha informações a respeito do TDAH, através da divulgação de Lives, palestras, cartilhas, reportagens e outros.

O grupo “TDAH – Trabalho Desafio Amor Humor” com 18 mil membros e que, conforme o título, tem uma proposta de publicações mais leves, dicas, histórias de sucesso, tratamentos alternativos ao medicamentoso. Entretanto, vê-se muitas mães relatando a dificuldade que tem com seus filhos, o quão trabalhoso é lidar com uma criança que possui o transtorno, remédios que toma, pedem dicas, apoio e compartilham experiências medicamentosas.

Os dois últimos grupos são específicos de mães que possuem criança(s) com o transtorno. “Mães de filhos com TDAH”, grupo com 12,5 mil membros, no qual o foco das postagens e discussões são os relatos sobre as dificuldades enfrentadas, o árduo percurso até o diagnóstico, a dúvida sobre se tal medicamento trará solução para os problemas até então enfrentados, TDAH associado a outros transtornos e doenças, entre outros. Por fim, o último grupo, “Mãe de Pessoa com TDAH”, com um número expressivamente maior de seguidores em relação aos outros, 37,4 mil membros, tem dinâmica parecida ao outro grupo de mães.

Ao acompanhar os grupos, me chamou muito a atenção a partilha entre as mães e o discurso maciço, massivo, de sofrimento familiar com os sintomas desenvolvidos pelos filhos, o não desenvolvimento e acompanhamento tal qual outras crianças da mesma idade, o desgaste, as frustrações, a desesperança e a esperança depositada, sobretudo nos remédios, de melhora e transformação de vida. Há também histórias de sucesso, dicas de terapias, esportes, música que surtem efeitos positivos para o desenvolvimento das crianças. Mas o cansaço físico e mental das mães é nítido e sempre presente nas narrativas.

Certo dia, me apresentei em um dos grupos como pesquisadora, que meu tema de estudo era o TDAH, expliquei que o objetivo era escutá-las, saber de suas dores, anseios, lutas, vitórias, que não haveria identificação de suas identidades na pesquisa, nem julgamento de suas ações. A primeira pergunta que me faziam: se eu era mãe de TDAH. Explicava que não, mas há muitos anos trabalhava com alunos com e sem

o diagnóstico do transtorno. Embora algumas mães – não mais que 10 – se propuseram me ajudar, conversar, relatar os desafios, os caminhos que têm tomado na lida diária com seus filhos, notei que a maioria se fazia evasiva, dizia o básico, introspectiva, dava respostas genéricas, e sempre voltava a me questionar se tinha filho com TDAH. Uma das mães, chegou a me indagar se seria capaz de compreender o que passavam, o que sentiam, não tendo um filho com o transtorno. Isso me levou a vários questionamentos a respeito do que estava vendo, vivendo e sentindo. Me inquietou profundamente!

Tal situação lembrou uma passagem do livro “Pedagogia da Esperança” (2013), de Paulo Freire, na qual relembra um operário que, em uma de suas palestras, pediu a palavra e o questionou sobre a distância entre o dizer e o fazer quando se vive em uma realidade na qual falta recursos para as mínimas necessidades, sobre o cansaço do corpo, da impossibilidade dos sonhos com um amanhã melhor, da proibição que lhes era imposta de ser felizes e ter esperança:

Pois bem, doutor, sua casa deve de ser uma casa solta no terreno, que a gente chama casa de "oitão livre". Deve de ter um quarto só para o senhor e sua mulher. Outro quarto grande, é pras três meninas. Tem outro tipo de doutor que tem um quarto pra cada filho e filha. Mas o senhor não é desse tipo, não. Tem outro quarto para os dois meninos. Banheiro com água quente. Cozinha com a "linha Arno". Um quarto de empregada bem menor do que os dos filhos e no lado de fora da casa. Um jardinzinho com grama "ingresa" (inglesa). O senhor deve de ter ainda um quarto onde bota os livros – sua livraria de estudo. Tá se vendo, por sua fala, que o senhor é homem de muitas leituras, de boa memória. [...] Agora, veja, doutor, a diferença. O senhor chega em casa cansado. A cabeça até que pode doer no trabalho que o senhor faz. Pensar, escrever, ler, falar esses tipos de fala que o senhor fez agora. Isso tudo cansa também. Mas – continuou – uma coisa é chegar em casa, mesmo cansado, e encontrar as crianças tomadas banho, vestidinhas, limpas, bem comidas, sem fome, e a outra é encontrar os meninos sujos, com fome, gritando, fazendo barulho. E a gente tendo que acordar às quatro da manhã do outro dia pra começar tudo de novo, na dor, na tristeza, na falta de esperança. Se a gente bate nos filhos e até sai dos limites não é porque a gente não ame eles não. É porque a dureza da vida não deixa muito pra escolher. - Isto é saber de classe, digo eu agora. (FREIRE, 2013, p. 13)

Lendo Freire relatar esse discurso, só conseguia pensar nas mães que me questionaram se eu tinha filho com TDAH, e que por vezes pareceram duvidar da minha escuta, despretensiosa, sem julgamentos, da minha capacidade de ao menos imaginar suas dores, dificuldades e anseios.

Freire relembra ainda sobre sua fala neste episódio, que pensou ter sido claro, mas que os operários não compreenderam sua fala, ao que sua esposa diz, “Não terá sido você, Paulo, quem não os entendeu? [...] Eles entenderam você, mas precisavam de que você os entendesse. Esta é a questão.” (FREIRE, 2013, p. 14).

Com os pensamentos fervilhando, me questionava: será que eu estou realmente compreendendo essas mães, escutando-as, compartilhando de suas dores, frustrações, suas sensibilidades? Conseguirei, realmente, perceber e partilhar de suas experiências – no sentido benjaminiano, da experiência ligada a memória - através das narrativas? Ou estarei presa às postagens de suas vivências, na fugacidade cotidiana, de histórias pessoais e isoladas? Será que aquela mãe que me questionara tinha razão? É possível compreender suas angústias, lutas, conquistas, desafios, ainda mais, não sendo mãe de TDAH?

A essas mães, que me questionaram, se eu as compreenderia não vivenciando o que elas vivem, talvez estejam certas. Talvez não seja possível compreender, visto que há coisas que só é possível compreensão através da experiência vivida; ainda outras que não se compreende, apenas se sente.

Então a elas, firmarei um compromisso, o de fazer com que este trabalho não consista apenas em contribuição acadêmica. Mas fazer uma pesquisa COM elas e não para elas, a partir de um espaço criado e ocupado por elas. Digo ainda, que ali estou como ouvinte sensível, atenta, curiosa em auscultá-las, não somente no sentido denotativo de quem procura conhecer, sondar, inquirir, investigar, mas sim no sentido de quem percebe através dos sons do coração.

Por este motivo, iniciei nosso diálogo com poema, sensibilidade, reflexão e não com definições e estatística dos tantos “Josés” que crescem Brasil afora. Meu “José”, personagem criado para pensar e retratar a realidade, mostra um sujeito outro, que não é projeto, mas que é real. Os “Josés” reais, com dores reais, anseios reais, rejeições, sofrimentos, tristezas reais, que fazem terapias, tratamentos medicamentosos, que lidam diariamente com fracassos e tantos outros problemas reais, que estão na existência, pedindo para existir e, portanto, (re)existem.

O que se pretende ainda não é civilizar, como projetara os iluministas. Domar; domesticar; inculcar; moralizar; classificar – dentre outros tantos verbos infinitivos, ainda utilizados nos projetos de educação. Tampouco dar respostas prontas às perguntas feitas. Nosso movimento é outro, é de convocar para ação, fazer reflexão,

subverter a ordem do discurso, de sujeitos, espaços, tempo, que estão à espera... de uma oportunidade para insurgir.

Dessa forma, a pesquisa nos permitirá (re)conhecer a importância que os grupos do Facebook têm para as mães que buscam informações gerais sobre o TDAH, opções de terapias, tratamento medicamentoso, bem como ter um lugar de escuta, de fala, de encorajamentos, que possam ocupar, para juntas, enfrentarem os desafios diários gerados pelo transtorno.

Será possível também perceber que os grupos de Facebook podem constituir-se em zonas fecundas para tensionamentos e reconhecimento identitário para essas mães; compreender o porquê elas optaram por este espaço nas mídias sociais digitais, e identificar de que forma os grupos têm colaborado para a compreensão das problemáticas inerente ao TDAH.

A pesquisa nos conduzirá a perceber e fazer reflexão sobre os sentimentos, as angústias, medos, mas também alegrias, conquistas, resiliência e tantos outros, numa infinita sinestesia que se faz nas entrelinhas das narrativas feitas pelas mães. Perceber sensivelmente, para além do julgamento inicial, da óptica fria e simplista, das vivências daquelas que anseiam por normalizar os corpos, custe o que custar, que desejam encaixar-se nos ditames sociais, que classifica, categoriza e inferioriza pessoas, e que por muitas vezes, para alcançar este intento, medicam de forma displicente.

Será possível pensar na colonialidade tal que habita nossa sociedade, nosso ser, saber, fazer, que aceita somente o que é apropriado, belo, exalta o que vem de fora, dito como “ciência”, explicável, entendível e, portanto, passivo de adequação e mudança. Patologiza o diferente, o corpo anormal, que foge do molde, da regra, do dito como certo e aniquila, mata as subjetividades daqueles que optam por assim ser. Que este pensamento possa transformar-se em descortinar, seguido de ação, para assim, vestirmos de uma decolonialidade do (re)existir.

1.2 Compondo uma escrita: questões de pesquisa, tema, objetivos e (des)caminhos

Os elementos que estruturam este trabalho constituem-se, ganham corpo, forma e sentido à medida que as questões de pesquisa vêm emergindo, apontando

caminhos e descaminhos, que se misturam ao nosso próprio ser, visto que recente e constante se faz o processo de desconstrução e (re)construção do eu, do pensar, do ver, do perceber o mundo – logo, o tema de pesquisa. Recém-chegado se faz também o conhecimento acerca das amarras do pensamento colonizado que não nos permite escutar de formas outras, perceber as sensibilidades, as entrelinhas, o silêncio, o não dito, a reticências – especialmente no nosso caso, que se trabalha com as narrativas postadas, que se dialoga.

As questões que mobilizaram, inicialmente, foram a da pesquisadora que entendia o ciberespaço como lugar que reconfigura as identidades, em sentido de dispersão e superficialidade das estruturas sociais, conforme escreve Bauman (2005). Ou ainda do “um lugar para o convívio⁷ social e o jogo” (WHERTHEIM, 2001, p. 166), a qual tudo parece prometer campo quase infinito, porém raso, para a interação social.

Entretanto com o tempo, a pesquisa e o diálogo com as mães possibilitaram perceber o quão rasa estava sendo a percepção sobre o que dispusera estudar. Mas excluir este ponto de vista, é antes, fazer o contrário do que propomos, é ajudar a perpetuar o discurso segregacionista, quando o que desejamos, é uma nova tecitura de percepções e diálogos, no confronto das ideias; o que levava à primeira questão: como pode um ambiente essencialmente democrático, livre, rico de experiências, emoções, sentimentos, como os grupos do Facebook, ter tantos rastros de colonialidade presentes na comunidade?

A partir daí, passamos a questionar: como a colonialidade interfere no ser-saber-fazer das mães? São estes realmente espaços de resistência ou comunidade aberta para registro e compartilhamento de suas dores? Ou ainda, um movimento intenso de “ecos das vozes emudecidas” (BENJAMIN, 1994, p. 223), de mães que, na fronteira do indizível, agora encontram uma brecha não somente audíveis, mas também aberto ao mundo, para gritar suas dores, medos, frustrações? Compartilhar de suas práticas, opiniões, memórias?

Inspirada pelas narrativas benjaminianas, percebe-se que as escritas/falas das mães nos grupos do Facebook são atravessadas pela história, no espaço e tempo de experiência. “Assim se faz tensão permanente que fatura o elo entre a tradição e renovação, (des)caminho do pensamento – lugar e condição de criação e

⁷ O autor forma o conceito de “convívio social”. Afirma que o ciberespaço é um novo lugar propício não somente para o convívio e interações sociais, mas abre espaço também para o vício, jogos, um mundo de fantasia.

transformação” (ALMEIDA, 2019, p. 14). Benjamin (2007) (re)constrói o conceito de experiência intercambiando fragmentos do vivido na infância berlinense. Assim, faz da memória travessia da experiência.

Sintonizamos com Walter Benjamin (1994; 1980; 2007) quando diz que as experiências são intercambiadas pelas narrativas. Diferentemente da vivência - que é ligada ao cotidiano acelerado, à lembrança efêmera, à modernidade tecnicista, à notícia vivida por sujeitos isolados em suas histórias pessoais - a experiência nos diz sobre a tradição, o conselho, a memória, a reminiscência. É essencialmente artesanal.

Para o autor, é da experiência vivida que nasce a narrativa, pois “a experiência que anda de boca em boca é a fonte onde beberam todos os narradores” (BENJAMIN, 1980, p. 58). Entretanto, este ato, o de narrar, parece estar cada dia mais escasso, devido à diminuição das experiências. Para Benjamin, o mundo mudou, e juntamente com ele a moral. Neste processo, acentuado pela Guerra Mundial, “as pessoas chegavam mudas do campo de batalha – não mais ricas, mas mais pobres em experiência comunicável” (BENJAMIN, 1980, p. 58). Assim,

O narrador – por mais familiar que este nome soe – de modo algum conserva viva, dentro de nós, a plenitude de sua eficácia. Para nós ele já é algo distante e que ainda continua a se distanciar. [...] Ela (a experiência) nos diz que a arte de narrar caminha para o fim. Torna-se cada vez mais raro o encontro com pessoas que sabem narrar alguma coisa direito. É cada vez mais frequente espalhar-se em volta o embaraço quando se anuncia o desejo de ouvir uma história. É como se uma faculdade, que nos parecia inalienável, a mais garantida entre as coisas seguras, nos fosse retirada. Ou seja: a de trocar experiências. (BENJAMIN, 1980, p. 57)

Logo, os narradores e narradoras, que constroem a própria narrativa, tornam-se sujeitos das próprias histórias que, por sua vez, se fazem também pela experiência relatada pelo outro. Assim, narrativas se fazem potentes, atravessam subjetividades, dão sentido à vida – “uma vida que não lhe inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia” (BENJAMIN, 1994, p. 221). Nesse sentido, “O intercambiar – tomando a flexão verbal como potência da ação – possibilita aprendizagens outras, gestadas nas relações cotidianas” (ALMEIDA, 2019, p. 14).

Na busca de respostas aos questionamentos levantados, temos como objetivo compreender as potencialidades, sensibilidades e, também, os rastros de colonialidades que atravessam o ser-saber-fazer das mães de crianças TDAH, bem como a presença desses resquícios nos espaços na qual se dialoga, nos grupos do Facebook. Para tanto, foi necessário identificar como as dinâmicas, os saberes e

fazeres das mães, desenvolvidos e publicizados na rede social Facebook, podem mobilizar, produzir conhecimento e acervo da memória coletiva enquanto mães de crianças e jovens que possuem TDAH, como potência de suas falas e de (re)existência; perceber ainda, como essas esquinas de interação social digital tem colaborado com as necessidades das mães, como local fértil (ou não) para problematizações, saberes, fazeres, memória e (re)existência a partir da narrativa de suas experiências vividas.

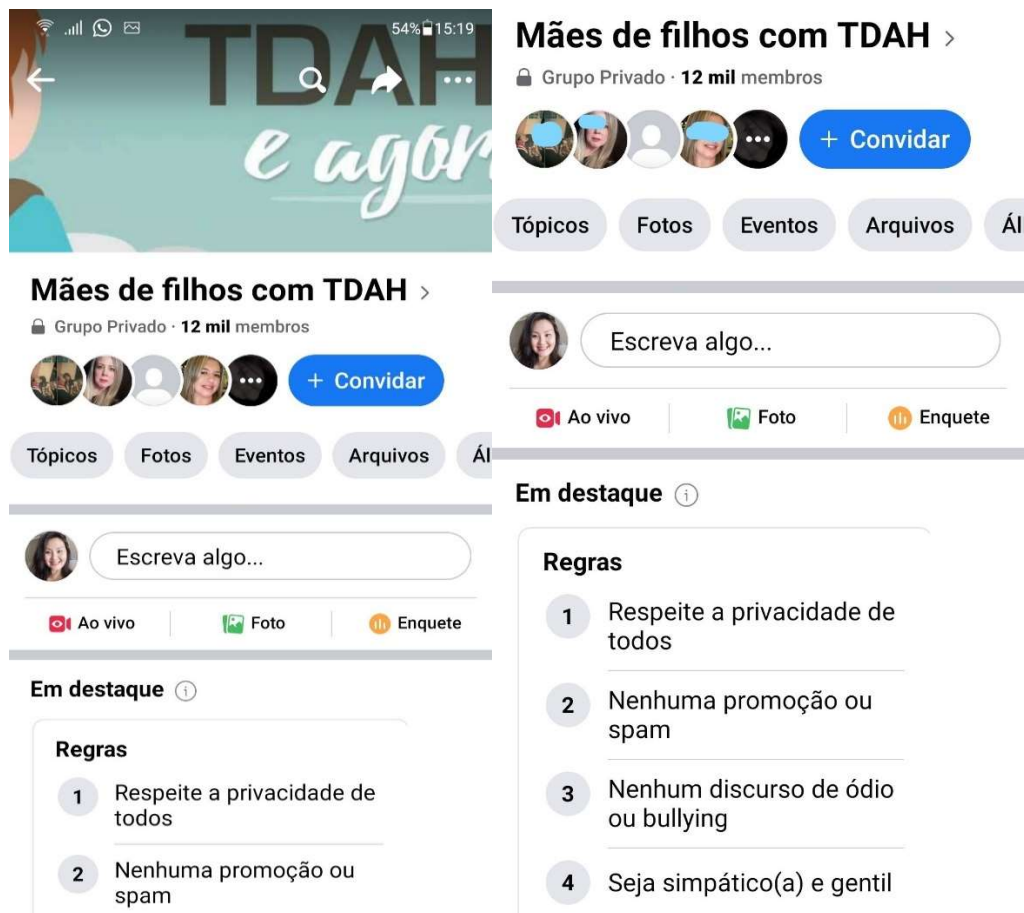
Através do diálogo entre as narrativas das mães com o decolonial, as sensibilidades e teoria de Walter Benjamin, ferramentas teórico-metodológicas elencadas, buscamos dialogar e problematizar os resquícios do pensamento colonizador que ainda (in)visibilizam saberes, estéticas, culturas, corpos, modos de ser e viver, que classifica, diferencia e subalterniza os sujeitos e espaços outros. Defendemos o pressuposto de que os grupos do Facebook, criados pelas mães de crianças e jovens TDAH, são potência, resistência e terreno fértil para problematizações, interações educativas, para acervo de suas memórias e identidades.

Concordamos com Mirianne Santos de Almeida (2019), pesquisadora decolonial, que a ideia de (re)existência está imbricada no sentido de resistência que não se dá somente pela negação do que é imposto socialmente pela norma. Mas que “resistir é (re)inventar modos de existência, é afirmar a vida fissurando o terreno (in)fertilizado pela padronização do ser, que hierarquiza, desumaniza, (in)visibiliza sujeitos” (ALMEIDA, 2019, p. 16).

Neste sentido, serão analisadas, acompanhadas e “ouvidas” as narrativas de dois grupos do Facebook, o primeiro é “Mães de filhos com TDAH” - grupo com 12,5 mil membros atualmente⁸, no qual o foco das postagens e discussões são os relatos sobre as dificuldades enfrentadas, o árduo percurso até o diagnóstico, a dúvida sobre se tal medicamento trará solução para os problemas até então enfrentados, TDAH associado a outros transtornos e doenças, entre outros.

⁸ A última atualização de dados sobre os grupos feita dia 29 de janeiro de 2022.

Grupo Mães de filhos com TDAH



Fonte: Facebook – Grupo Mães de Filhos com TDAH. 21 de set. 2021

E o segundo, “Mãe de Pessoa com TDAH”, com um número de seguidores expressivamente maior em relação ao primeiro, com 37,4 mil membros atualmente, tem dinâmica parecida ao outro grupo de mães. Tenho acompanhado os grupos desde junho de 2020 e coletei postagens até agosto de 2021 deste ano para finalizar o ciclo de um ano, período a qual entendo ser suficiente para compreensão da dinâmica do grupo.

Grupo Mães de Pessoas com TDAH



← Mães de Pessoas com TDAH.

Sobre

Esse grupo foi formado com o objetivo de recrutar as mães de portadores de TDAH para trocarmos experiências e ajudarmos umas as outras a enfrentar a desinformação a respeito do transtorno.

Privado
Somente membros podem ver quem está no grupo e o que publicam.

Visível
Qualquer pessoa pode encontrar o grupo.

Aprendizado social
Compartilhe conhecimento e organize conteúdos...

Mães de Pessoas com TDAH. >
Grupo Privado · 35 mil membros

+ Convidar

Você Avisos Tópicos Fotos E

Fonte: Facebook – Grupo Mães de Pessoas com TDAH. 31 de ago. 2020

Apesar do volume de postagens e narrativas existentes nos grupos, esta pesquisa não constitui em um trabalho quantitativo. O foco está nas sensibilidades e parte do princípio que as memórias e as experiências são diferentes, logo, pela capacidade de lembrar, serão únicas (PAIM; LUÍS, 2020). Como lembra Thompson (1981), procuraremos auscultar também os silêncios, bem como as vozes dos sujeitos envolvidos na pesquisa, e de outros, presentes nos diferentes espaços. Assim, optei pela perspectiva qualitativa, desenvolvida pela análise bibliográfica em diálogo com as narrativas de mães de grupos de Facebook.

Com o pensamento acadêmico sobre memórias, experiências e saberes outros, apresentaremos as narrativas das mães na forma de mônadas, adotando a perspectiva metodológica de Walter Benjamin, autor que rompe com a linearidade histórica, pois entende que a realidade é descontínua, que são redes de pegadas que se entrelaçam umas às outras. Autor que percebe as sensibilidades, as potências das narrativas, imagens, fotografias, memórias e toda produção daqueles que geralmente tem suas vozes emudecidas. Dessa forma, o autor, como nos lembra Martin-Barbero (2003), nos auxiliará a “pensar o não-pensado: o popular na cultura não como sua negação, mas como experiência e produção” (2003, p. 64).

Para Benjamin (1994), a narrativa "não está interessada em transmitir o "puro em si" da coisa narrada, como uma informação ou um relatório... se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso" (p. 205). Ainda na perspectiva benjaminiana, as narrativas, que são formas de dizer de nossas experiências, podem ser expressas por mônadas, "que são centelhas de sentido que tornam as narrativas mais do que comunicáveis: tornam-se experienciáveis" (Rosa et al., 2011, p. 203).

Portanto, as mônadas, no sentido Benjaminiano, constituem em fragmentos dos significados mais explosivos, como uma configuração saturada de sentidos, na qual coexistem nuances que expressam o índice histórico das imagens, permitindo que em cada imagem infinitesimal seja possível captar a pré e a pós história de um todo (BENJAMIN, 1994). E pode, portanto, captar a totalidade na singularidade, ou seja, na construção de mônadas como aporte metodológico com base na rememoração das mães de crianças e jovens TDAH, nos detalhes mais miúdos das narrativas, há a chance de recuperar o universal, pois nas mônadas não visualizamos o sujeito no individual, mas no universal.

Cyntia Simioni França (2015), estudiosa de Benjamin, auxilia no entendimento e organização da escrita no formato de mônadas, dizendo que "[...] a mônada é concebida como a cristalização das tensões nas quais se inscrevem práticas socioculturais, plurais, contraditórias" (2015, p. 105). Assim, "a mônada é um fragmento que salta do desenrolar do tempo linear" (FRANÇA, 2015, p. 106). Tem-se, nesse sentido, as imagens monadológicas em narrativas, rememoradas/contadas num tempo não linear da narração.

No entanto, certa de que as postagens, enquanto fontes imensuráveis de sensibilidades e perspectivas, poderiam me levar a uma enorme gama de assuntos e temas, optei por fazer o recorte temporal no tempo presente, no período de um ano (agosto de 2020 a agosto de 2021 – período que compreendo ser suficiente para compreender a dinâmica dos grupos). Também foi necessário elencar certa linearidade de temas discutidos, para que as pegadas, deixadas por elas, nos conduzissem pelos (des)caminhos de suas histórias, atravessadas por um intercambiar de memórias que se fizeram coletivas.

Dito isto, como não se pode coletar um número infinito de narrativas fez-se necessário eleger temas, tais como "desabafos, sensibilidades e frustrações", "normalizando o corpo: ciência x experiência", "entre diálogos e sensibilidades:

compartilhando memória afetiva” e, “aprendendo com elas”. Cada um desses temas é composto por duas mônadas, com exceção do último, que contém somente uma. Portanto, para este trabalho, foram construídas 7 mônadas com as quais procuramos estabelecer diálogo. São elas: O que é ser mãe de TDAH?; O corpo incontrolável; O “atrasildo”; Fronteira do pensamento abissal; Vejo-te; Marcas reais, de um transtorno real; Pedagogia da maternidade.


Tento ciência do compromisso com a ética, da seriedade da pesquisa científica no trato com as informações e na confiança do que foi dito pelas mães, quero enfatizar que tanto nas narrativas, quanto nas capturas das figuras, nenhum nome ou imagem das sujeitas e sujeitos dos grupos é revelado. Para identificação das mães nas mônadas, é atribuído nomes fictícios, que evidenciam traços da personalidade de seus filhos ou mesmo das mães.



A escolha da metodologia para a escrita do texto está embasada no recente projeto “Decolonizando tempos, espaços, memórias: experiências educativas em comunidades rurais da Província de Huíla – Angola”, de Elison Antonio Paim e Solange Luís (2020), estudo de perspectiva decolonial e metodologia de escrita em mônadas. Bem como na tese de doutorado de Nara Rúbia de Carvalho Cunha (2016) “Primaveras Compartilhadas: (re)significando a docência na relação com a cidade, memórias e linguagens”, que à luz de contribuições teóricas e metodológicas do filósofo alemão, Walter Benjamin, construiu narrativas em forma de mônadas.

Na perspectiva benjaminiana, memória é rememoração e a narrativa encontra-se intimamente relacionada ao ato de rememorar, entendida como o exercício do despertar, a possibilidade de ressignificação da própria experiência, através de memórias conscientes e inconscientes cheias de significados, sentimentos e sonhos (PAIM; LUÍS, 2020). Portanto, o rememorar é o entrecruzamento de tempos e espaços, pois "ao rememorar voltamos ao passado com as lentes do presente, para que nesta reconstrução das lembranças, busquemos elementos que nos possibilitem agir sobre o presente e projetar um futuro" (PAIM, 2005, p. 41).

É nesta possibilidade de articulação do experienciado pelas mães, que narram a experiência vivida, a partir de seus contextos sociais, que buscaremos construir as mônadas, em diálogo com elas, através de suas narrativas. Este é um risco que assumimos, para construir caminhos e descaminhos que nos possibilitarão a construção de significativos coletivos, particulares e sobretudo, sensíveis. Sim, é neste (des)caminho que pretendemos enveredar! E todo caminho tem veredas...

Ser mãe de TDAH

←  Mães de Pes... 🔍 ➡ ...

  24 de nov de 2020 • 📍

Eu achava q ser mãe era um desafio enorme, mas ser mãe de TDAH é muito além de desafiador. Há tempos tenho me sentido esgotada, porém agora com essa quarentena vivendo o tempo todo(o tempo todo mesmo) com minha filha, eu percebo q envelheci uns 10 anos. Não há um dia q eu não esteja morta de cansada e sem esperança de melhora. Minha menina tem 6 anos, fala o tempo todo, pula o dia todo, nada para no lugar, ela me chama o dia inteiro sem parar. Nem na frente da tv ela para. Ninguém entende nosso cansaço, se eu reclamar tô falando demais. Porém só eu sei o q é o dia após dia lidando com o estresse. Se eu pudesse tirar um dia pra mim, seria num local silencioso, sozinha e q eu ouvisse só minha respiração. Pq até um rádio e uma tv tem me estressado de tão cansada. Peço desculpas pelo desabafo, é q eu andei forte por tempo demais agora desmoronei. Eu tô esgotadaaaaaaaaaaaaaa. Deus tem misericórdia de nós mães de portadores de TDAH e outros transtornos. Não somos de ferro.

👍🥰🤔 223 86 comentários

  Te entendo e me sinto como vc! Sei que não alivia, mas vc não tá sozinha! Eu somatizei várias coisas, e agora estou hipertensa (agora controlada com medicação), com crise de ansiedade querendo virar síndrome do pânico, sabe pq? Tb me fiz forte por muito tempo, até esgotar! Estou entendendo que tenho que cuidar de mim, inclusive iniciei psicoterapia semana passada. Não desista de vc, não desista... Ver mais

42 sem Curtir Responder

  Meu filho tem 11 anos e é exatamente assim. Eu trato ele desde os 4 anos de idade com terapias e medicação, mas quando sinto que preciso de um pouco de paz na minha cabeça eu paro ele, através broncas ou coloco de castigo. Porque se eu pirar quem vai cuidar dele? Mas sei o quanto é

Fonte: Facebook – Grupo Mães de Pessoas com TDAH. 26 de nov. 2020

Antes do contato com a empiria, fora necessário um levantamento bibliográfico e, por conseguinte, um aprofundamento teórico das questões da colonialidade/decolonialidade, teoria e metodologia de Walter Benjamin, bem como problematizar e compreender os conceitos da comunicação.

Para tal, o capítulo seguinte, “A colonialidade em meio a sociedade digital”, problematiza a cultura digital na qual vivemos. Evidencia os resquícios das colonialidades existentes e embrenhados nos grupos do Facebook e na cultura-mundo. Afim de que se tensione e reflita, de forma crítica, sobre esses espaços, iniciamos um movimento de tecer diálogo entre as áreas e teorias elencadas.

Certa de que vivemos em “Tempos para comunicar-se” (seção 2.1), apostamos na leitura não instrumental da comunicação, no diálogo enquanto pronúncia do mundo

e condição para humanização, e, conseqüentemente educação, conforme propõe Paulo Freire.

Apesar deste trabalho ter como foco as narrativas e as sensibilidades, compreender o ambiente onde elas acontecem, as “esquinas” onde o diálogo se faz possível e o tensionamento se faz brecha, nos parece essencial. Dito isto, o capítulo 3 é dedicado a compreender as transformações culturais e tecnológicas que nos encaminharam a este “reconfigurar das relações humanas” (seção 3.1) e às formas atuais para comunicar-se.

No capítulo 4 “Tecendo encontros epistemológicos – decolonialidade”, apresentamos a teoria decolonial, com a qual é possível fazer reflexões sobre as colonialidades ali existentes. Através de uma das pautas mais discutidas no grupo – medicalização, medicamentos e seus efeitos colaterais – é possível identificar toda colonialidade do saber que habita o espaço e as pessoas. A exaltação da ‘ciência médica’ como único pensamento válido e que por vezes, oculta o contexto sociopolítico e a produção de saberes outros. Ainda, em diálogo direto à esses tensionamentos apresentamos também a teoria e metodologia de Walter Benjamin, autor que, apesar de europeu, tem pensamento consonante ao decolonial.

Finda a teoria, importante para contextualizar e compreender ainda mais a importância de nossas narradoras, no capítulo 5 é apresentada as mônadas, com as quais estabelecemos íntimo movimento de escuta e diálogo.

E por fim, arrematamos a tecitura desta narrativa tendo a consciência de que para essas “Sensibilidades finais, o caminho está aberto”.

2 A COLONIALIDADE EM MEIO A SOCIEDADE DIGITAL

O bate-papo à mesa de jantar, no muro com a vizinha, a brincadeira na rua em fim de tarde, as cadeiras nas calçadas, a conversa em meio às ruas ocasionados pelo acaso, o tempo reservado ao encontro, estão cada dia mais escassos, assim como a percepção dos detalhes do cotidiano, esvaem-se. O tempo é outro, o espaço – local onde realizam-se as contradições, os conflitos, também se fez outro.

Se o papel da História, enquanto campo do conhecimento, é compreender suas sucessivas transformações ao longo do tempo, conforme indica Arruda (2015), na atualidade, pode-se dizer que o esforço será vertiginosamente maior, visto que o processo de mudança tem sido elevado a uma potência que desnorteia a todos. Uma das grandes mudanças a qual viemos passando é a transferência das experiências, relações e interações humanas do pessoal, do lugar físico para o virtual, o ciberespaço⁹.

Dentre a tantas mudanças geradas pela cultura digital, Lipovetsky e Serroy (2011) afirmam que vivemos tempos de total desorientação, advindas do excesso de informação, que faz com que as pessoas fiquem perdidas, desorientadas. Diante do que denominam de "cultura-mundo", caracterizada pelo individualismo, estímulo a participação social, do tecno-capitalismo generalizado, das indústrias culturais, do consumismo à escala global, das mídias e das redes digitais. Chamam atenção, ainda, para o crescente desnorteio e desenvolvimento de doenças mentais, frutos não mais da carência, mas sim do crescimento desenfreado do "hiper": hiperinformação, hiperconsumo, hipervisibilidade, dentre outros, que transbordam em nossa sociedade.

Não sofremos mais com a raridade do saber: estamos perdidos na própria abundância da informação. Em vez de uma ordem transparente trazendo, em princípio, clareza e racionalidade, vemos aumentar o caos intelectual e a insegurança psicológica, as crenças esotéricas, a confusão e a desorientação generalizadas. As indústrias da cultura se reestruturam no caminho da racionalização, mas não os comportamentos, as aspirações e os pensamentos humanos. (LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 22)

Segundo Lipovetsky e Serroy (2011), estamos em meio a uma sociedade desnorteada, descrente, ceticista em relação aos responsáveis políticos, com

⁹ O ciberespaço, conforme definição de Franco Berardi, é a "esfera de interação de inúmeras fontes humanas e mecânicas, esfera de conexão entre mente e máquina, de expansão praticamente ilimitada" (2003, p. 40), pois é o ponto de intersecção entre o corpo orgânico com o corpo inorgânico da máquina eletrônica.

crescente desinteresse pelas coisas públicas, queda das militâncias partidárias e confusão das identidades. Vemos uma sociedade extremamente individualista, hedonista e que desenvolveu uma nova relação com a sociedade, consigo mesma e seu corpo. O culto pelo corpo, pela boa forma, beleza, magreza mostra o quão narcisista e vazios estamos. Isso se aprofunda e talvez até agrava quando tudo isso vira sinal de positivo, de saudável e, conseqüentemente, tudo se torna imperativo.

Essas formas de vir à público, as maneiras de ser e estar no mundo, apesar de uma roupagem hipermoderna, virtual, desconectada de formas de ser do passado, evidenciam que as lógicas do colonialismo não morreram com ele, pelo contrário! Elas encontram-se vivas, estão imbricadas na perspectiva econômica, político-religiosa, epistemológica e identitária. E continua articulando padrões de ética, estética, raça, gênero, saber, poder – e tantos outros ditames sociais - “como instrumento de classificação e controle social e o desenvolvimento do capitalismo mundial (moderno, colonial, eurocêntrico), que se iniciou como parte constitutiva da nossa constituição histórica da América” (WALSH, p. 14, 2009).

Segundo a perspectiva decolonial de Walsh (2009) e Quijano (2005), as lógicas epistêmicas europeias latente ao colonialismo ainda imperam no plano social contemporâneo por meio das colonialidades. Portanto, mesmo que as sociedades latino-americanas tenham passado pelo processo de descolonização, os resíduos se manifestam através das matrizes da colonialidade.

Quijano acrescenta ainda que o capitalismo eurocentrado moderno-colonial vai além do fator econômico, ele transita por diversos eixos, num emaranhado de relações dentro das sociedades que ultrapassam o controle do trabalho como forma de poder. Implica também em questões de controle de existência social, que deslegitima, inferioriza grupos étnico-raciais não europeus a fim da efetivação do projeto colonial. Neste sentido, concomitantemente, destrói também os sujeitos, as culturas e remodelam as formas de ser e estar no mundo.

Para o grupo Modernidade/Colonialidade¹⁰, foram essas articulações colonialistas entre capitalismo e o conceito raça que fixaram a chamada geopolítica

¹⁰ Grupo Modernidade/Colonialidade (M/C) foi constituído no final dos anos 1990, formado por Aníbal Quijano, Enrique Dussel, Walter Dignolo, Immanuel Wallerstein, Santiago Castro-Gómez, Nelson Maldonado-Torres, Ramón Grosfoguel, Edgardo Lander, Arturo Escobar, Fernando Coronil, Catherine Walsh, Boaventura Santos, Zulma Palermo, intelectuais latino-americanos situados em diversas universidades das Américas. O coletivo realizou um movimento epistemológico fundamental para a renovação crítica e utópica das ciências sociais na América Latina no século XXI: a radicalização do argumento pós-colonial no continente por meio da noção de "giro decolonial". Assumindo uma miríade

do conhecimento, ou seja, iniciou-se um processo de deslegitimação de todo o saber que estivesse além de uma episteme europeia. Esta ordem de saber-poder eurocêntrico foi denominada por Walter Mignolo (2007) como “colonialidade do saber”. Já para Maldonado-torres (2008), foi justamente tal desqualificação de saberes outros que serviu de instrumento para a negação do ser, desta forma, a afirmação do sujeito europeu implicou para o autor, no desenvolvimento da “colonialidade do ser”, a negação ontológica de sujeitos não pertencentes de uma lógica etnocêntrica.

Embora as colonialidades tenham sido forjadas no interior dos processos colonialistas, o pesquisador Wendel Barreto (2021) lembra que a presença da colonialidade em nosso país é evidente, vindo a público através dos “padrões de beleza, nas bases epistêmicas, em nossas práticas educativas, em nossa forma de ser e estar no mundo; enfim, na dominação eurocêntrica nos diversos âmbitos sociais” (p. 42), inclusive nas relações gênero-sexo-sexualidade.

Dito isto, viemos chamar atenção para além destes elementos, para as residualidades das lógicas coloniais que se fazem presentes mesmo em espaços essencialmente livres e democráticos como as redes sociais digitais. Tais resíduos estão entranhados em nosso ser, estão presentes na cultura-mundo, na web, nas redes sociais, em jogos, inteligências artificiais – com respostas interativas carregadas de preconceitos, reconhecimento facial¹¹ que identifica, erroneamente, e condena pretos inocentes – dentre outras ferramentas tecnológicas que temos feito uso e depositado confiança.

Existe uma percepção de que computadores são à prova de erros devido sua precisão matemática. De fato, a inteligência artificial por si não é racista, mas ela pode ser estruturada em um contexto altamente atravessado por vieses e preconceitos que implicam em situações de exclusão, segregação, classificação/categorização, desigualdades, violências e racismo, perpetuando problemas estruturais de nossa sociedade, além de expor pessoas a riscos reais.

ampla de influências teóricas, o M/C atualiza a tradição crítica de pensamento latino-americano, oferece releituras históricas e problematiza velhas e novas questões para o continente. Defende a "opção decolonial" - epistêmica, teórica e política - para compreender e atuar no mundo, marcado pela permanência da colonialidade global nos diferentes níveis da vida pessoal e coletiva.



¹¹ Tipo de I.A. que está sendo amplamente utilizado para facilidades do dia a dia e também surge como ferramenta para auxiliar em mecanismos de segurança pública. Entretanto pesquisas recentes apontam números alarmantes de imprecisões e erros em reconhecimento facial, sobretudo com pessoas negras.

No estilo de vida que se impõe à sociedade, faz-se ainda mais urgente uma educação que forme seres éticos, abertos à tecnologia e as facilidades que ela proporciona, mas também à diversidade, sensibilidade, ao pensar crítico, atentos à importância da ação política de enfrentamento e resistência aos desmazelos sociais. As mães com quem dialogamos também sofrem atravessamentos dos resquícios da colonialidade. Elas vão às novas mídias digitais em rede exporem seus problemas, dores, experiências, dicas medicamentosas, frustrações por não conseguirem se encaixar em um padrão normativo social.

Sob essa perspectiva cabe refletir: qual o lugar das mães nessa cultura-mundo? Estarão desorientadas e confusas diante de tanta informação sob o manto da ciência? Ou só estarão imergidas nos resquícios da colonialidade, que classifica, inferioriza e medica para se adequar à norma/padrão social? Estarão elas de fato tratando o sofrimento de crianças causado por um transtorno ou utilizando psicofármacos para controlar, disciplinar, normalizar e até otimizar corpos e formas outras de ser?

Jornada para consertar o corpo

← **JAH** Mães de Pes... 🔍 ➡ ⋮

  ⋮



7 de set • 📷

Hoje medico psiquiatra suspendeu
Respirinona,Crormopazina
Estamos com
Depakene,Setralina,Ritalina,Quetiapina...
Estou cansada meninas de tanta troca
medicação não haver melhorar no
comportamento dele esta sempre agressivo.



👍👎🤔 16 43 comentários

👍 Curtir 💬 Comentar 📧 Enviar



👍👎🤔 16 > 🍌

 
Minha querida, eu estou passada com a quantidade de medicamentos. Tenta um tratamento com psicólogo também. Vai ajudar muito e o seu filho pode diminuir essa quantidade de medicamentos fortíssimos.



1 sem Curtir Responder 2 👍

  pass...

Ver mais 1 resposta...

 
a minha já fez 3 trocas nos últimos 3 meses tmbm,mas agora melhorou muito tá com 2 compr. e meio de ritalina 10 gotas de fluoxetina e meio aripiprazol,retirou agora a rispirdona q estava deixando ela extremamente bipolar e agressiva

1 sem Curtir Responder 2 👍👎

  ele n...

Fonte: Facebook – Grupo Mães de Pessoas com TDAH. 07 de set. 2020

Percebe-se que, ao longo dos anos, houve uma popularização e banalização do emprego do “hiperativo”, em que a criança perdeu o direito do ser e agir, do criar, do ser “fora da caixa”, de impressionar com seu processo criativo, enfim, do fazer o que a faz, essencialmente, ser criança. Fazendo alusão às palavras de Benjamin (1998), sobre um personagem, percebe-se que não é mais permitido à criança, que seja “inventiva em suas complicações”, talvez porque esteja-se passando por um momento social marcado por um “sofro, logo medico”. Talvez porque vive-se em uma política de ódio, dores, ressentimento e dopamento. Talvez por habitar, em cada um, fascismo que se faz querer exercer sobre o outro forma alguma de poder, ou ainda para se adequar a uma nova forma poder, psíquico, que obriga a ser sempre felizes e produtivos o tempo todo.

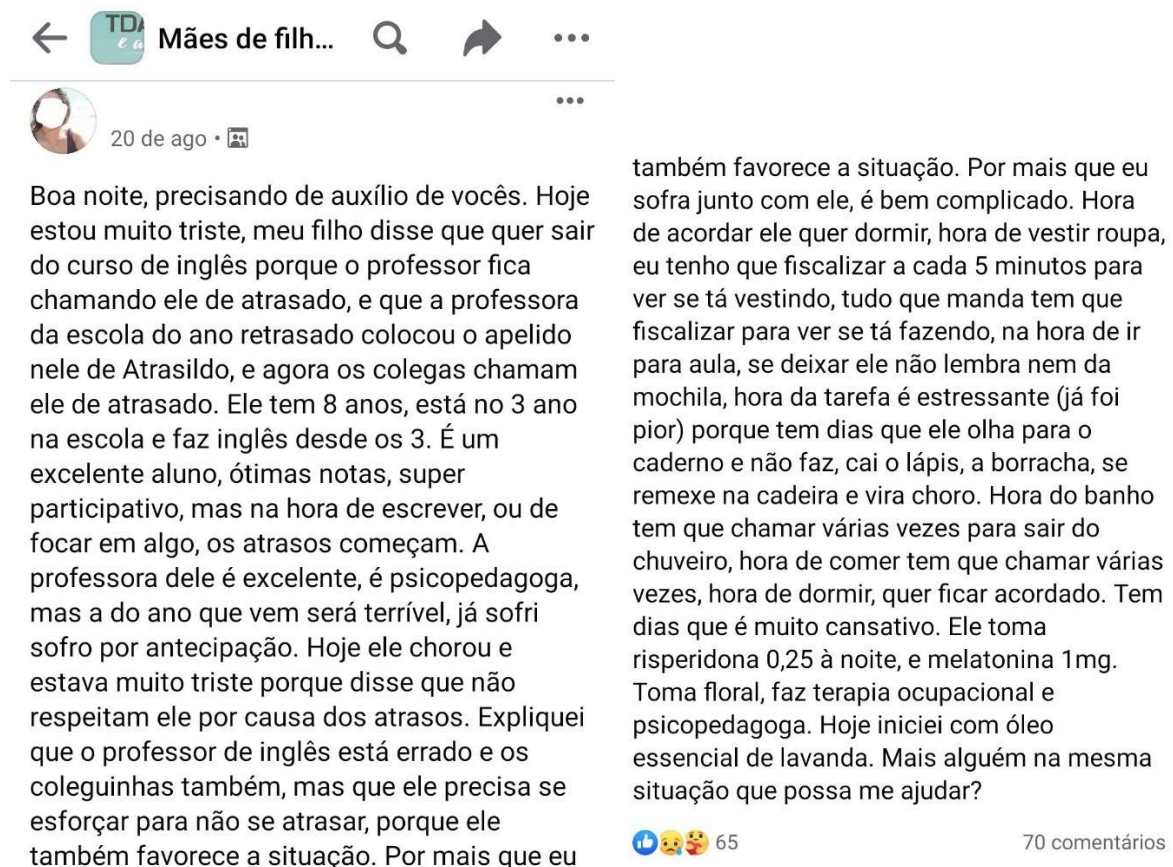
No livro “sociedade do cansaço”, Han (2018) afirma que vivemos em uma sociedade expositiva na qual cada sujeito é seu próprio objeto-propaganda, logo tudo se mensura em seu valor expositivo e, assim, vivemos em hipervisibilidade obscena, a qual a informação libera de qualquer traço da negatividade que o desconhecido, o misterioso possa trazer. Por isso, coloca corpo e alma sob foco da visão (no caso nas mídias), tornando então sua informação pornográfica (HAN, 2018).


Afirma também que o expositivo se fez imperativo em nossa sociedade, assim o invisível não existe, pois não possui valor expositivo, não chama atenção. Assim, na “sociedade da transparência”, toda e qualquer distância se mostra como negatividade, não transparente, não acessível e por isso deve ser eliminada.


Na sociedade da transparência, toda e qualquer distância se mostra como negatividade, devendo ser eliminada, pois impõe um empecilho ao aceleração do circuito da comunicação e do capital. Por isso, a partir de sua lógica interna, a sociedade da transparência elimina toda e qualquer forma de distância. A transparência é, em última instância, a “total promiscuidade do olhar com aquilo que ele vê”; a saber, a “prostituição”; ela se expõe às irradiações permanentes das coisas e das imagens. A falta de distância torna a percepção tátil e palpável, sendo que a taticidade significa um contato sem toque, um “entrechoque de olho e imagem” pele a pele. Por falta de distância, não há consideração ou contemplação estética, não sendo possível demorar-se junto à imagem. A percepção tátil é o m da distância estética do olhar, sim, o m do olhar. Por isso, a falta de distância não é a proximidade; ao contrário, ela a aniquila. A proximidade é rica de espaço, enquanto que a falta de distância a aniquila. À proximidade está inscrita uma lonjura, sendo ampla e vasta. É por isso que Heidegger fala de uma “proximidade pura que sustenta a lonjura”. Mas a “dor da proximidade da distância” é uma negatividade que pretendem eliminar. A transparência dis-tancia tudo num afastamento uniforme, que não é distante nem próximo. (HAN, 2018, p.48)

Relembrando, as crianças que possuem TDAH, geralmente, apresentam sintomas de desatenção, impulsividade, hiperatividade, dificuldade de concentrar-se, em acompanhar os colegas nas fases de aprendizagem e desenvolvimento, dentre outras características que não são desejáveis e toleráveis em seu meio. Por esses motivos, a criança TDAH não cabe e não é aceita na “sociedade da transparência”, pois devido seu comportamento tido como inadequado, ela gera intolerância, produz a distância, personifica a negatividade e deve ser eliminada. Talvez por este motivo as mães, por vezes, agem com desespero, pois se não tratarem essas crianças, se não as tornar visíveis, ou melhor, hipervisíveis, elas serão eliminadas, socialmente, psicologicamente, culturalmente, economicamente e em todas outras formas de interação humana.

Relato de eliminação



←  Mães de filh... 🔍 ➡ ...

 20 de ago • 📎 ...

Boa noite, precisando de auxílio de vocês. Hoje estou muito triste, meu filho disse que quer sair do curso de inglês porque o professor fica chamando ele de atrasado, e que a professora da escola do ano atrasado colocou o apelido nele de Atrasildo, e agora os colegas chamam ele de atrasado. Ele tem 8 anos, está no 3 ano na escola e faz inglês desde os 3. É um excelente aluno, ótimas notas, super participativo, mas na hora de escrever, ou de focar em algo, os atrasos começam. A professora dele é excelente, é psicopedagoga, mas a do ano que vem será terrível, já sofri sofro por antecipação. Hoje ele chorou e estava muito triste porque disse que não respeitam ele por causa dos atrasos. Expliquei que o professor de inglês está errado e os coleguinhas também, mas que ele precisa se esforçar para não se atrasar, porque ele também favorece a situação. Por mais que eu

também favorece a situação. Por mais que eu sofra junto com ele, é bem complicado. Hora de acordar ele quer dormir, hora de vestir roupa, eu tenho que fiscalizar a cada 5 minutos para ver se tá vestindo, tudo que manda tem que fiscalizar para ver se tá fazendo, na hora de ir para aula, se deixar ele não lembra nem da mochila, hora da tarefa é estressante (já foi pior) porque tem dias que ele olha para o caderno e não faz, cai o lápis, a borracha, se remexe na cadeira e vira choro. Hora do banho tem que chamar várias vezes para sair do chuveiro, hora de comer tem que chamar várias vezes, hora de dormir, quer ficar acordado. Tem dias que é muito cansativo. Ele toma risperidona 0,25 à noite, e melatonina 1mg. Toma floral, faz terapia ocupacional e psicopedagoga. Hoje iniciei com óleo essencial de lavanda. Mais alguém na mesma situação que possa me ajudar?

👍🥰🤔 65 70 comentários

Fonte: Facebook – Grupo Mães de Filhos com TDAH. 21 de ago. 2020

As crianças TDAH são desajustadas, erradas, assimétricas vivendo em uma sociedade em que a “transparência é um estado de simetria” (HAN, 2018, p.56), por isso precisam ser tratadas imediatamente! E o único caminho possível para o imediato

é aquele que normaliza o corpo e entorpece a alma. Há muitas hipóteses, questionamentos e formas umas e outras de entender o que está posto. Nota-se que a sociedade em que vivemos não está habituada a um pensar fronteiro, no enxergar e compreender as diferenças, pensar no limite do pensável, encarar as dores, problemas, falhas, diversidades e erros. Acaba-se, assim, por suprimir, dopar e matar a subjetividade dos sujeitos e a própria.

Dito isto, estarão essas mães expondo obscenamente a seus filhos ao pôr corpo e alma sob foco da visão de canais de hipercomunicação? Ou totalmente inertes ao mundo hiperprodutivo, defendido por Han (2018), na qual depende do remédio não somente para normalizar o corpo, mas também para torná-lo aceitável, acessível, produtivo, positivo? Estarão elas atormentadas pela ideia de o transtorno ser a negatividade que os excluirão da sociedade positiva-produtiva-transparente? Qual os limites destas zonas? Afinal, que espaço elas habitam?

2.1 Tempo para comunicar-se

No século XXI vive-se um mundo que parece encurtado, o tempo diluído. O ontem virou agora e o amanhã já está feito. A sociedade em constante movimento, transformações, mutações, trata-se do que os estudiosos sociais chamam de “sociedade em rede”, onde as pessoas estão interligadas, conectadas umas às outras em tempo real, independentemente das distâncias. Experencia-se um “dilúvio informacional” conforme definido por Lévy (2010), na qual pode-se dispor de todo e qualquer tipo de informação, a qualquer momento.

A internet tornou-se ferramenta fundamental para o homem contemporâneo, que deixa cada dia mais o analógico e físico para adotar ao estilo de vida digital, online, marcado pela praticidade, pelo instantâneo, pelos relacionamentos virtuais através das redes sociais. Estruturas estas que também vem se mostrando potentes e poderosas enquanto fonte de conhecimento, educação, sociabilidade, entretenimento, e que, ultimamente vem ganhando força e adeptos para discussão e ação política.

É um fato que nem todos concordam ou ainda enxergam o mundo digital como instrumento potente para transformações sociais. Muitos veem as mídias sociais digitais como algo raso, de palavras ocas, inautênticas, “palavreria, verbalismo,

blablablá. Por tudo isto, “alienada e alienante [...] da qual não se pode esperar a denúncia” (FREIRE, 1983, p. 50), sensibilidades, nem pensamento crítico. À vista disso, em meio a tantas inovações tecnológicas e midiáticas, percebe-se uma sociedade composta por pessoas que tem aprendido a “surfar”, enquanto outras já nasceram sabendo nadar, e ainda aquelas que vem sobrevivendo às duras penas, se debatendo ou mesmo se afogando neste mar de informação e tecnologia.

Portanto, a costura teórica entre o campo da comunicação com o decolonial e as sensibilidades de Benjamin não é das tarefas mais fáceis. Mas é possível! Conforme já mencionado anteriormente, as esferas digitais são feitas e ocupadas por pessoas. Essas, por sua vez, são atravessadas pela conjuntura histórica, política, social, cultural e econômica. Deste modo, as trajetórias se entrecruzam e se revelam no tear através dos fios das narrativas das mães, permeados por sensibilidades. Assim, convidamos os leitores a pensar a comunicação, conforme propõe Paulo Freire (1983, 1981), a partir de um diálogo amoroso.

Freire não aceita uma leitura instrumental da comunicação. De acordo com ele, e também com Walter Benjamin, a técnica pela técnica não tem sentido nenhum, senão o de transformar os saberes vivos em saberes mortos. Portanto, a comunicação deve ser pensada enquanto prática humana, uma prática experienciada na relação com o mundo, na busca de diálogo amoroso, do compartilhamento de sentidos, dos significados, das significações e da libertação. O diálogo como encontro de homens para a pronuncia do mundo é uma condição fundamental para sua humanização. Os homens não podem ser verdadeiramente humanos sem a comunicação. Esta, por sua vez, se dá através do diálogo. Sem o diálogo não há comunicação. E sem a comunicação, não há verdadeira educação (FREIRE, 1983).

Antes de adentrarmos ao tema e dialogar com as mães, parece-nos indispensável reconhecer o espaço ocupado por elas, onde acontecem os diálogos, bem como conhecer o percurso feito pela área da comunicação para que possamos perceber como essa foi se modificando, livrando-se das amarras de um modelo pré-concebido de consumo, até chegar aos dias de hoje, em que temos a liberdade de não apenas consumir o que queremos e da forma como queremos, mas também de criar, de interagir, de dialogar.

Trata-se de ambiente para diálogo, aprendizagens, troca de experiências, local mutante, não silencioso, portanto, possível para formas autênticas de pensar, de agir, de existir, pronunciar o mundo, que “por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos

pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar.” (FREIRE, 1983, p. 51). Então, pronunciemos! Dialoguemos! Vamos à luta!

3 COMUNICAÇÃO E ALGUNS CONCEITOS

A comunicação é um princípio básico, que tem permeado as relações humanas desde os primórdios. Paulo Freire (1983) define que o mundo humano é um mundo de comunicação, tendo em vista que “Todo ato de pensar exige um sujeito que pensa, um objeto pensado, que mediatiza o primeiro sujeito do segundo, e a comunicação entre ambos, que se dá através de signos linguísticos” (FREIRE, 1983, p. 44).

Tradicionalmente, a pesquisa em comunicação de massa tem concebido o processo comunicativo em termos de um circuito. Esse modelo tem sido criticado pela sua linearidade – emissor/ mensagem/ receptor. Conforme Hall (2003), essa crítica deve-se a

[...] sua concentração no nível da troca de mensagens; e pela ausência de uma concepção estruturada dos diferentes momentos enquanto complexa estrutura de reações. Mas é também possível (e útil) pensar nesse processo em termos de uma estrutura produzida e sustentada através da articulação de momentos distintos, mas interligados – produção, circulação, distribuição/consumo, reprodução. Isto seria pensar o processo como uma “complexa estrutura em dominância”, sustentada através da articulação de práticas conectadas, em que cada qual, no entanto, mantém sua distinção e tem sua modalidade específica, suas próprias formas e condições de existência. (HALL, 2003, p.387)

Entretanto, o modelo de comunicação não é único, estático e nem somente linear. As características da nossa sociedade modulam a forma como nos organizamos e nos comunicamos. Sendo assim, a comunicação tem passado por transformações à medida em que se percebe uma necessidade cultural e social de mudança. Atualmente, uma forma muito comum de comunicação com o outro, tem sido através dos dispositivos das redes sociais – Facebook, Instagram, WhatsApp, Twitter, e tantos outros que não param de surgir.

Este campo é dotado de uma multiplicidade de termos e expressões que, muitas vezes, não compreendemos, ou ainda, sequer tomamos conhecimento, visto que, muitas vezes, eles desaparecem tão rápido quanto surgiram. Por este motivo, acreditamos ser necessário elucidar algumas terminologias e conceitos – tais como ciberespaço e cibercultura - que serão utilizadas ao longo do nosso diálogo.

Concordamos com Santaella (2003) que as transformações e redimensionamentos que as tecnologias da informação e comunicação desempenharam – e continuam a desempenhar - ecoam em diversas áreas de

atividade humana e nas várias formas de socialização. Para chegar a esta cultura contemporânea, também conhecida como cultura do digital em rede, a autora explica que passamos por cinco outras: oral, escrita, impressa, de massas e de mídias.

Na cultura oral, como o nome denota, o conhecimento era transmitido oralmente de uma geração para outra. A cultura escrita, está ligada ao entendimento antropológico de cultura, é entendida como as produções resultantes das relações entre os seres humanos, a natureza e os seus utensílios derivados dessas relações. A cultura impressa surge com a industrialização, sendo possível produzir e replicar textos de forma mais abrangente, abrindo então, o portal para a cultura de massas, originado no jornal, apoiado pelo telégrafo e fotografia, e consolidada com a televisão (SANTAELLA, 2003).

Com a evolução da tecnologia e a inserção dos computadores na sociedade, a forma como o indivíduo se relaciona com a televisão alterou-se profundamente. Os computadores necessitam de interação entre o usuário e sua interface, logo os consumidores começam a fazer escolhas mais seletivas e conscientes. De acordo com Santaella (2003), nasce a cultura da velocidade e das redes que traz consigo a necessidade de acelerar e humanizar a relação homem-máquina.

Neste cenário é que surge a cultura das mídias, proporcionando maior interatividade, descentralização, mais possibilidades e liberdade de decisão e escolha. Na cultura das mídias qualquer um pode produzir, criar, compor, montar, apresentar e propagar suas produções. Estas ações nos levam a uma cultura digital, a Cibercultura, que tem permeado nosso cotidiano na atualidade.

Foi desta forma que as práticas culturais, anteriormente legitimadas, foram dinamicamente reconfiguradas pela sociedade conectada em rede. Essa mobilidade tem chamado atenção de estudiosos e pesquisadores, visto que compreender essas nuances, constitui grande importância, não somente para que se ganhe entendimento sobre o emergente fenômeno social, mas também para que se exerça novos posicionamentos diante destas esferas extremamente dinâmicas, não palpáveis, não controláveis, que ainda são subjugados, mal aproveitadas, mas que possui grande e fértil potencial para aprendizagens, interações e produções – o ciberespaço.

O ciberespaço, conforme definição de Franco Berardi (2003, p. 40), é a “esfera de interação de inúmeras fontes humanas e mecânicas, esfera de conexão entre mente e máquina, de expansão praticamente ilimitada”, pois é o ponto de intersecção entre o corpo orgânico com o corpo inorgânico da máquina eletrônica. São, portanto,

os ambientes de interação da chamada “sociedade virtual” (BERARDI, 2003, p. 23), que teve sua origem nos anos de 1990 e, mais do que nunca, se mantem atualmente, como locais de comunicação, socialização, forma de se organizar e realizar transações, além de ser um novo mercado do conhecimento e informação.

Estudiosos definem ainda o ciberespaço a partir da desterritorialização, do não espaço, não lugar, um território situado entre o real e o imaginário, na qual as relações são construídas sem a presença do corpo físico, “portanto, vivenciadas unicamente através das construções imaginárias dos cibernautas, gerando novas formas de interações mediadas pela presença do computador” (RIBEIRO, 2001, p.143).

A pesquisadora Edméa Santos (2019) entende que o ciberespaço é “um conjunto plural de espaços mediados por interfaces digitais, que simulam contextos do mundo físico das cidades, suas instituições, práticas individuais e coletivas já vivenciadas pelos seres humanos ao longo de sua história.” (SANTOS, 2019, p. 30). Além disso, e sobretudo, são esferas alternativas que vem instituindo contextos e práticas originais e inovadoras, que vêm ao longo dos últimos anos instigando pesquisadores, num contexto científico interdisciplinar, e praticantes culturais ao estudo e vivências sobre e com a cibercultura.

Logo, à medida em que as interconexões entre as pessoas foram crescendo no ciberespaço, paralelamente a cultura planetária reconfigurou-se, gerando o que chamam de Cibercultura, definida por Lévy (2010) como “conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço.” (LÉVY, 2010a, p.17). Essa Cibercultura é transversal, horizontal, dispersa, efêmera, lúdica, comunitária (LE MOS, 2008). Lévy e Lemos (2010) destacam que a cibercultura se desenvolve juntamente com o desenvolvimento técnico transformando em ritmo acelerado as práticas sociais, culturais, políticas e criando formas outras de comunicação e de sociabilidade.

Edméa Santos (2011, p. 77), ressalta que “a cibercultura é a cultura contemporânea estruturada pelo uso das tecnologias digitais em rede nas esferas do ciberespaço e das cidades.” Segundo a pesquisadora, as esferas do ciberespaço e das cidades são espaçostempos¹² de aprendizagem nos cotidianos que vão além dos locais tradicionais. “É em meio a cibercultura com a emergência da Web 2.0 e com os

¹² Esse modo de escrever tem sido bastante utilizado pelos teóricos da comunicação. A partir de Alves (2001), compreende-se a indissociabilidade das palavras para o contexto.

usos dos praticantes culturais que os softwares sociais se tornam espaçotempos de mobilização social.” (SANTOS, 2014, p. 89).

A pesquisadora afirma ainda que “em tempos de cibercultura avançada, a mobilidade ganha potência por conta da sua conexão com o ciberespaço. Na era da mobilidade com conexões generalizadas em rede, podemos compartilhar e acessar simultaneamente vários lugares.” (SANTOS, 2019, p 37). Estamos diante da potência da ubiquidade. Santaella esclarece que “a ubiquidade destaca a coincidência entre deslocamento e comunicação, pois o usuário comunica-se durante seu deslocamento. A onipresença, ao contrário, oculta o deslocamento e permite ao usuário continuar suas atividades mesmo estando em outros lugares” (SANTAELLA, 2010, p.17).

À vista de tudo que discutimos, é notável que a internet e sua popularização vêm trazendo, ao longo dos anos, ampla, veloz e revolucionárias transformações à sociedade, cultura e economia. A expansão e integração das tecnologias aos ambientes cotidianos, vem ampliando nossas possibilidades de ver, sentir e viver o mundo, trazendo outras experiências às nossas vivências, conforme afirma Vani Kenski (2012).

Entretanto, faz-se necessário pensar criticamente esta conjuntura tecnológica. Fazer o exercício de pensar esses espaçotempos, essas técnicas, não como “puro especialista de curiosidade domesticada ao tecnicismo”, como atenta Freire (2000, p. 46). Mas aproximar do tema como pessoa, que criticamente exercita sua curiosidade, pensa sua relação com o outro, com o mundo e reconhecer possibilidades que as outras formas de comunicação podem oferecer.

Pensar criticamente as redes sociais digitais não é lutar contra esses espaçotempos, diminuí-la ou ainda eximir-se do uso. Trata-se de compreender como esses espaçotempos tem reconfigurado as relações humanas, em “pensar o quê das coisas, o para quê, o como, em favor de quê, de quem, o contra quê, o contra quem” (FREIRE, 2003, p. 46). Afinal, essas são exigências fundamentais de uma educação democrática à altura dos desafios do nosso tempo, conforme lembra Paulo Freire.

O uso da rede social digital, enquanto ferramenta de comunicação, não deve limitar-se somente a adaptação tecnicista. Deve-se discuti-la, perceber os sentidos, os significados, fazer uso dela enquanto experiência existencial, uma vez que existência é vida, é reconhecimento de finitude, inacabamento, mobilidade, do transitório.

3.1 Espaços e tempos - o reconfigurar das relações humanas

Desde a chegada da Web 2.0, a sociedade reconfigura-se constantemente. Assim, as redes sociais digitais se tornaram zonas para as enunciações, encontros, desencontros, negociações e ativismos (SANTOS, 2013). Passamos a ser estimulados, ininterruptamente, à exposição e ao compartilhamento das mais simples atividades cotidianas. Um filme assistido, uma foto tirada, um livro lido, um lugar visitado, momento vivido, já não tem o mesmo sentido se não for para postar, mostrar e exibir à rede de conectados.

Castells (2007) lembra que, antes da chamada “sociedade em rede” vivíamos uma espécie de participação passiva em que a cultura e os saberes eram produzidos por poucos e difundidos no modelo “um para todos” para o consumo de uma maioria. Esse modelo encontrou no rádio e, principalmente na televisão, sua mais clara e simples expressão. Uma empresa, um canal, umas poucas pessoas produtoras de conteúdo, transmitiam para a maioria o que devia ser visto e consumido. De modo geral, as pessoas eram reduzidas ao consumo de produtos, de entretenimento, informações e saberes, uma espécie de colônia-metrópole, na qual “para muitas pessoas, a vida podia ser resumida em trabalhar, dormir e ver TV.” (COUTO, 2013, p. 49).

Santaella (2003) afirma que, nos idos dos anos 1980, os indivíduos começaram a abandonar a “inércia da recepção”, em função do surgimento de dispositivos como o controle remoto e o videocassete, que ampliaram as possibilidades de escolha dos indivíduos. Ao possibilitar opção de consumo, proveu-se conexões interativas entre o consumidor e o provedor de informação, fazendo com que os consumidores possam escolher quando e como querem receber o conteúdo midiático.

Com o avanço das tecnologias da informática e das telecomunicações, passamos a viver uma nova fase da cibercultura, denominada “cibercultura móvel e ubíqua”. Além da evolução dos dispositivos móveis, contamos, sobretudo, com a evolução das tecnologias sem fio de acesso ao ciberespaço, a exemplo das tecnologias Wi-fi, 2G, 3G, 4G. Essas novas tecnologias de conexão móvel têm permitido cada vez mais a mobilidade e onipresença, com isso, “a instituição de novas práticas culturais na cibercultura. Esses dispositivos vêm permitindo também o acesso ao ciberespaço a partir de outras estratégias e linguagens.” (SANTOS, 2019, p. 36).

Entretanto, faz-se necessário lembrar que essas tecnologias móveis e suas linguagens não é algo novo. Frequentemente, exaltamos um dispositivo, uma plataforma como novidade, algo inovador, quando na verdade, estamos diante de uma nova roupagem, uma releitura de tecnologias partidas de outras já existentes. Na “era da imprensa”, os leitores já circulavam pelos lugares das cidades com seus livros e outros impressos. Assim foi também na “era eletrônica” com as tecnologias das imagens, da fotografia e do cinema com as câmeras domésticas; das tecnologias do som, com a circulação dos rádios de pilha e Walkmans.

Mas é certo, com a disseminação da internet e estabelecimento da Web 2.0, a sociedade em rede de certo modo implodiu esse modelo transmissivo, hierarquizado, de cima pra baixo, feito e controlado por uma minoria que detinha conhecimento técnico.

As pessoas gostaram de consumir, e mais do que isso, gostaram de participar do processo de produção cultural e sentir que pertenciam à cultura insurgente, que é, ao mesmo tempo, consumidora e produtora de conteúdo, que possui nichos, que emana de todos os lados, possui diferentes credos, posições políticas, condições sociais, algo, enfim, democrático, com grandes potenciais educativos, autorais, conectivos e identitários. Neste âmbito, “nasce nos espaços sociais digitais, a possibilidade do desabrochamento das subjetividades: agora, é a vez do consumo emocional, baseado nas experiências afetivas, imaginárias e sensoriais” (COUTO, 2016, p. 50).

A partir dessa descentralização dos conhecimentos informáticos, a abertura de códigos de programação tem propiciado a construção colaborativa horizontal e o aperfeiçoamento constante de programas/aplicativos/serviços conforme interesses e necessidades dos usuários. Com isso, os serviços e conteúdos deixam de ser restritos e limitados, tornando-se públicos, dinâmicos e intuitivos. Encoraja a participação e a co-criação para a construção e a customização de serviços de forma colaborativa.

A internet passa a ter novas atribuições, suas interfaces irão unir redes de pessoas, incentivar a participação das mesmas e criar possibilidades diversas no campo social, econômico, político e educacional, que antes não eram possíveis. O conhecimento é compartilhado coletivamente por todos, “independentes dos agentes autoritários e reguladores, sendo possível, em sua total utilização, a reedição dos materiais e uma co-criação.” (CHAGAS, 2013, p. 37).

Os softwares sociais, popularmente conhecidas como redes sociais, são interfaces da Web 2.0, que estruturam a comunicação síncrona e assíncrona dos praticantes culturais (SANTOS, 2011). Dotadas de vários recursos, essas interfaces gratuitas reconfiguram as relações dentrofora¹³ do ciberespaço, sendo notória a crescente influência dessas na mobilização social nos cotidianos (ALVES, 2001). Essas interfaces possibilitam a convivência online bem como a criação de grupos sociais, onde é possível o compartilhamento informações, arquivos, experiências. Espaço e tempo também para aprendizagens vividas e sentidas, conforme vemos nos grupos do Facebook criados pelas mães das crianças com TDAH.

É nesta conjuntura que nasce o Facebook. Criado em 2004 por Mark Zuckerberg, o Facebook teve sua origem como rede privada universitária, quando só podiam criar perfis, os alunos das universidades norte americanas admitidas na rede. Até que em 2006, com a abertura da rede social a todos os internautas, o Facebook experimentou um período de expansão, maturação, até chegar ao fenômeno social que é hoje.

Versátil e abrangente, o Facebook também é considerado o serviço mais popular em razão de seus recursos comunicacionais inovadores, tais como mural, presentes, botão curtir, cutucar, marcar amigos em mensagens de textos, fotos e vídeos, aplicativos, jogos, eventos, status, classificados, postagens de vídeos e mensagens via celular, são diferenciais quando comparados a outros serviços similares. Conforme observado, a rede agrega grande quantidade de recursos, funcionalidades e aplicativos que permitem ações interativas na web, de modo que se tornou um universo inovador no qual se criam e desenvolvem interações, sociabilidades e aprendizagens, estas colaborativas em rede, por meio do diálogo e da construção coletiva de saberes (EDUCAUSE, 2007).

Com alto poder atrativo e catalisador, Moreira e Januário (2014) afirmam que cada vez mais pessoas aderem a esta rede social devido a qualidade e utilidades das ferramentas da plataforma.

O mural do Facebook foi sendo aperfeiçoado, influenciado pelos microblogs e, hoje, pode servir como espaço de comunicação e discussão onde se podem alocar uma plêiade de textos, vídeos, imagens ou comentários. Para além do mural dispomos ainda de outros recursos que podem ter aplicabilidade pedagógica como: os Grupos que são espaços online criados com um objetivo/interesse

¹³ Esse modo de escrever e outros termos como o já mencionado “espaçotempo” e “ensinados aprendidos”, denotam a indissociabilidade dos mesmos, conforme Alves (2001).

particular, e que podem ser úteis para estudantes e professores trabalharem de forma colaborativa; os Links que possibilitam a criação de ligações a páginas exteriores ao Facebook; os Eventos que podem ser utilizados para lembrar prazos, encontros, seminários; as Mensagens que possibilitam o registro e envio de mensagens (síncronas e assíncronas) aos utilizadores e que servem como um importante canal de comunicação; as Páginas que permitem interações entre os seus membros, possibilitando a partilha de links; as Notas que possibilitam a colocação de pequenas anotações; e os Comentários que permitem ao utilizador dar a sua opinião sobre uma partilha, disponibilização de recursos, ou mesmo de uma opinião ou questão. (MOREIRA; JANUÁRIO, 2016, p. 75 - 76).

E essas atualizações não param! Quem, em 2020 e 2021, devido ao isolamento social gerado pela pandemia do Corona Vírus, não se viu obrigado (ou ao menos tentado) a fazer uso de algum recurso do Facebook? A exemplo das “lives”, foi (e ainda é) uma verdadeira febre, visto que era (é) uma das poucas formas possíveis para encontros e interação social.

O blog “Resultados Digitais”¹⁴, especializado em Marketing Digital, revelou dados sobre o ranking das redes mais utilizadas no Brasil e no mundo, em 2020. Nele, aponta que os brasileiros passam, em média, 3 horas e 31 minutos por dia conectados às redes sociais, perdendo apenas para as Filipinas. E a tendência é de que esse número aumente nos próximos anos, tanto devido à emergência de novos fenômenos, como o TikTok (que conquistou celebridades e jovens no país), quanto com a necessidade de isolamento social em função da pandemia do Corona Vírus (acometida no mundo todo em 2020/2021), que fez com que crescesse a integração do homem com plataformas digitais e redes sociais.

O relatório aponta também, que o Facebook está no topo das redes sociais mais utilizadas pela população mundial, atingindo mais de 2,7 bilhões de contas ativas, e dessas, 130 milhões são brasileiras, o que coloca a rede social também em primeiro lugar no país – feito ainda mais expressivo quando consideramos que ele é dono de outras três redes que estão no top 5 (Whatsapp, Instagram e Messenger). Deste modo, conforme apontado pelos dados do relatório, podemos afirmar que o Facebook é o maior software social do mundo.

No entanto, estes meios têm se consagrado não somente em espaços para o entretenimento. Santos e Rossini (2014) afirmam que o Facebook no Brasil também

¹⁴ Disponível em: <https://resultadosdigitais.com.br/blog/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>. Os dados partem de um relatório de outubro de 2020, produzido em parceria por “We Are Socia e Hootsuite”.

tem se configurado um dos principais ambientes de articulação política, onde a organização acontece desde os debates on-line até o compartilhamento dos registros e narrativas das mobilizações fora do ciberespaço.

Dessa forma, a rede social vai ganhando a “forma proveniente da intencionalidade dos ativistas, que na sua maioria, não pertencem a partidos políticos e não são bons conhecedores das esferas políticas. São pessoas comuns que desempenham diferentes papéis na sociedade.” (SANTOS, ROSSINI, 2014, p. 94). São pessoas que, como as mães dos grupos a qual dialogamos, unem-se pelas condições similares. Assim, apesar de toda diversidade, subjetividades e experiências de cada família, acabam por formar e compor um coletivo, uma unidade representativa.

Esses movimentos se destacaram pelas ações de caráter coletivo e colaborativo, tornando notória a potência das redes sociais até mesmo para aqueles que nunca fizeram uso do digital em rede e acabaram assistindo todas essas transformações nas mídias de massa. Nesta perspectiva, as intervenções dos praticantes culturais nas redes sociais refletem um cenário de fortes mudanças na atuação política, principalmente no que diz respeito às mobilizações sociais. De acordo com Antoun e Malini (2013), o ativismo social é chamado de biopolítica que, por definição, é

[...] o conjunto de atos de resistência e de contra insurgência de vidas que não aceitam a captura do controle e reivindicam uma economia da cooperação mantenedora dos bens comuns dentro de um direito e de um espaço público, para além da noção de que este deva ser regulado e garantido por um estado, portanto, por um agente de força exterior às singularidades anárquicas da multidão. (ANTOUN; MALINI, 2013, p. 5).

Os autores explicam ainda que a biopolítica se constitui como uma experiência democrática com direitos abertos e livres. Como força antagônica, temos o biopoder que é um processo de dominação e controle utilizando mecanismos para produzir liberdade negativa, que é uma liberdade regulada por leis de direitos autorais e propriedade intelectual, podendo, assim, controlar as práticas e produções culturais nas comunidades sociais (ANTOUN; MALINI, 2013). Com isso, o ativismo ganha uma nova dimensão quando em convergência com as redes no ciberespaço e às das cidades, sendo conhecido como “Ciberativismo”.

O ciberativismo, conforme define Silveira (2014), é “um conjunto de práticas em defesa de causas políticas, socioambientais, sociotecnológicas e culturais, realizadas

nas redes cibernéticas, principalmente na internet.” (p. 33). Em razão das potencialidades da web, o alcance de uma militância qualquer é incalculável e imprevisível em apenas um clique.

De acordo com Gomes e Santos “[...] a conexão em tempo real, a internet móvel e ubíqua tem permitido essa grande expansão das informações na rede, favorecendo o Ciberativismo” (2012, p.20). Nesse sentido, é possível uma participação e aderência social a certas causas, de forma ampla e dinâmica. Conforme já comentado, vemos ativismos de todas as partes, mesmo partindo de pessoas que não compreende muito sobre o assunto, que não é “*expert*”, e ainda sim, elas colaboram, produzem, juntam-se a tantas outras em função de uma causa.

Nesta perspectiva, veremos, mais à frente, que a comunidade formada pelas mães das crianças com TDAH, também acabam por praticar o Ciberativismo, em defesa de suas subjetividades. Despretensiosamente, elas acabam por fazer daquele, um local para discussões de políticas públicas (que dê suporte às necessidades especiais de seus filhos); local de aprendizado sobre o Transtorno; troca de saberes acerca da experiência que possuem; local de desabrochar as subjetividades tantas que cada uma delas possuem.

Neste contexto, é fundamental aceitarmos que os ambientes virtuais são, também, ferramentas inovadoras para a criação de comunidades de aprendizagens, colaborações e produções. Como sabemos, atualmente, as redes sociais, em especial o Facebook (rede social mais utilizada em todo mundo), são parte integrante da vida das pessoas enquanto ambiente de partilha, de interação e de discussão de ideias. Retomando a fala de Santos (2014), as redes sociais digitais, “se tornaram um espaço de encontros, desencontros, enunciações, negociações e ativismos.” (SANTOS, ROSSINI, 2014, p.85). Nesse sentido, elas integram a hipercomplexidade da comunicação e das relações interpessoais e têm desempenhado o papel de zonas de manifestação pública sobre todo e qualquer tema.

Entretanto, essas esferas de expressão possibilitam também uma hipervisibilidade dada suas características de conectividade. O hábito de compartilhar e socializar as atividades cotidianas tem se tornado cada dia mais frequentes, de modo que mostramos os lugares que frequentamos, com quem estamos nos relacionamos, o que estamos assistindo, lendo, ouvindo, entre outras ações corriqueiras. Assim, o que antes era privado, tornou-se público, ganhou hipervisibilidade, a partir da necessidade contemporânea do compartilhamento das

minúcias do dia a dia, “estar conectado às redes sociais, tornou-se um modo de ser e viver na vida presente.” (COUTO, 2013, p. 47).

Profissionais da comunicação e informação, pais, autores e diversas vozes, chamam atenção para a questão da hipervisibilidade e alardeiam que os exageros da exposição da vida íntima podem criar vulnerabilidades e riscos a diversos tipos de agressões e crimes na rede. Edvaldo Souza Couto (2014) afirma que o modo de viver a cibercultura pela sociedade contemporânea tem sido por meio de narrativas de si, com hábitos de não apenas de expor o cotidiano, falar de suas particularidades, mas também de publicizar sua vida íntima, “pavonea-se” (p. 48).

Parece que a introspecção cedeu lugar à exibição de si. Não existe mais lugar para pessoas tímidas, quietas, ensimesmadas, capaz de cultivar e preservar segredos em sua própria redoma. Agora vivemos uma espécie de desabrochamento contínuo. Todos são incitados a emitir opiniões, rotular, avaliar e classificar as informações, a comentar isto e aquilo, a narrar acontecimentos e experiências emocionais. (COUTO, 2014, p. 49)

O autor comenta, ainda, que os exageros e uma certa histeria se espalha, soa perceptíveis, fazendo com que vivamos num paradoxo: de um lado, pessoas seduzidas e instigadas a se mostrar ininterruptamente, narrando de modo aparentemente integral a vida na internet e, de outro, uma ávida obsessão em defender a privacidade e garantir mais segurança. Problematiza também discursos e posturas, noção de privacidade, e defende a ideia de que as práticas crescentes das narrativas de si nas redes sociais digitais são, também, maneiras criativas e generosas de compartilhar a vida, produzir e difundir conhecimentos na cibercultura e promover conexões.

A web 2.0 é resultado da interseção de mudanças tecnológicas, econômicas e sociais. Ela não é somente uma questão de evolução da tecnologia digital em rede conversacional. Também não é somente uma questão de como os negócios estão mudando, baseados na produção colaborativa de conteúdos que está impactando a economia e o funcionamento de empresas de diferentes setores. “Conjuntamente, expressa que o que realmente motiva as pessoas a se envolverem em redes de contato na mídia social é a liberdade de expressão das autorias, de interlocução e de colaboração, quando os indivíduos estão entregues a si mesmos” (SANTOS, 2019, p. 32), isto é, quando vivem não mais aferrados aos “imperativos prometeicos econômico-políticos e contratuais” e entregam-se ao “sentimento partilhado em rede,

em tribos, com base naquilo que é emocionalmente comum” (MAFFESOLI, 1987, p.27).

As redes sociais, sobretudo o Facebook – ao que indica estudos de pesquisas que identificam e exploram o potencial educativo das mídias - podem constituir-se ora em um crescente imperativo de hipervisibilidades, “pavoneamentos”, ora podem subvertê-las, constituindo-se em território fértil para a comunicação, partilha de informação, conhecimento, compartilhamento de vivências e, quiçá, de experiências vividas.

Dito isto, questões nos vem à mente: se este é um ambiente democrático, autoral, onde é possível o desabrochar das subjetividades, com condição de hipervisibilidades por que há tantas invisibilidades? Por que razão o conhecimento, reflexão e sensibilidades das mães, mesmo em meio à liberdade das redes sociais digitais, são pensamentos eliminados do contexto cultural, político da produção e reprodução do conhecimento? Quais são as consequências de tal descontextualização? Como a colonialidade atinge a rede? Qual efeito da colonialidade para elas? Por que elas trocam saberes medicamentosos se não são médicas?

Infelizmente essas são questões as quais não damos conta de responder. Nem é nossa intenção. Mas caber pensar estes espaços, provocar, convocar para fazer reflexão, pensar criticamente as zonas que ocupamos.

Rastros e relatos da colonialidade



Fonte: Facebook – Grupo Mães de Filhos com TDAH. 16 de dez. 2020

A internet, apesar de sua proposta, essência livre e democrática é feita por algoritmos – as quais, pela precisão matemática, acredita-se que estão isentos de erro - é matéria inorgânica. As mídias digitais sociais são por si, apenas meios. O que dá sentido-vida, importância e alma (no sentido benjaminiano) a estes espaços, são os seres que os compõem: nós, seres humanos, errantes, falhos, sensíveis, preconceituosos, livres, flexíveis, esperançosos, atravessados por tantas subjetividades e, também, resquícios da colonialidade. Nós é quem fazemos as negociações, enunciações, quem os compomos. Logo, evidentemente, será percebido os efeitos de pensamentos nefastos, segregacionistas, preconceituosos, nestes espaçostempos.

Mas não nos afastemos! Contraditoriamente, devemos adentrá-lo, pensá-lo, ocupá-lo - no sentido que o MST (Movimento Sem Terra) já atribui à palavra; ocupam

para transformar o terreno, para torná-lo produtivo, útil. Por este motivo, acreditar e fazer destes, ou seja, transformar em pontos de encontro, esquinas para diálogo, de narrativas, de memória, de saberes e fazeres coletivos, e ainda, decolonizados, é ação relevante e urgente.

Compartilhamos da ideia de que o Facebook – e outros espaços das mídias sociais digitais – vão na contramão ao que as antigas mídias permitiam à sociedade. Essas esferas, permitem a fala, o diálogo, invertem a ordem do discurso, bem como dos usos políticos e restritivos de liberdades sociais e pessoais, nos quais pouquíssimas pessoas tinham o poder e conhecimento para criar e difundir conteúdos, ditando, assim, modos de ser e viver. Este é o ponto de intersecção, entre os estudos em comunicação, a epistemologia decolonial e a concepção benjaminiana de “mônadas”, que propomos neste trabalho.

Pensar estes espaços sociais digitais – que já são por essência, democráticos – sob ótica do pensamento decolonial – aposta da pesquisa – constitui uma conquista para a política social enquanto ação. Essas esquinas de comunicação, criados pela rede, resgataram das sombras o que estava oculto. O que não tinha brecha para se manifestar começou aparecer. (MAGALHÃES, 2012).

A resistência de inúmeros grupos étnicos por todo o mundo começa a ser visto. Estes grupos começam a se comunicar, o que estava oculto passa a ter visibilidade. Assim começamos a perceber, lentamente, que a suposta linearidade histórica é sim uma poderosa ideologia para sustentar uma supremacia construída pela força militar. A linearidade passa a ser substituída pela complementaridade. As culturas, as diversas filosofias, ciências, técnicas, epistemologias, teologias entre outros espaços de compreensão e sentimento podem ser vistas como complementares. Para isto é fundamental superar qualquer tentativa de hegemonia ou qualquer pretensão de submissão ou encobrimento. A hierarquia cultural deve ser superada (MAGALHÃES, 2012, p. 40).

Apesar do desafio em tecer um diálogo consistente para o tema proposto, com as metodologias propostas, acreditamos que é preciso romper com as verticalizações históricas¹⁵, pensar a diversidade, incorporar perspectivas teórico-metodológicas, dialogar com outras zonas de produção de conhecimento, sair da linearidade do pensamento. O que buscaremos, é fazer pesquisa de forma a dialogar “com” os sujeitos e não “sobre” ou “para” os sujeitos. Buscaremos continuar aprendendo outras

¹⁵ Conceito de Walter Benjamin, que critica a forma linear e vertical como a história é contada. O autor propõe quebrar, romper essa linearidade, pois afirma que a vida não é linear, portanto, há que se levar em conta as memórias, os detalhes esquecidos e silenciados, os fragmentos, a vida dos marginalizados.

pedagogias, especialmente a da esperança e da indignação, que nos oferecem ferramentas para a ação.

Em recente palestra¹⁶, a pesquisadora Edméa Santos (2021), discutindo sobre a pesquisa no campo da cibercultura, afirmou que a comunidade científica está atenta para a emergência de seus fenômenos. Porém, mais que descrevê-los densamente, mapear, cartografar, devemos adentrá-los. E é isso que queremos e propomos: adentrar, ocupar (no sentido já utilizado pelo Movimento Sem Terra, de quem torna aquele, um espaço produtivo) esse “espaçotempos”.

Se este, constituiu-se no atual ambiente para interações sociais e, por isso, será pesquisado, estudado, que se perceba para além dos dados, números e estatísticas. Que possamos ver com sensibilidade, adentrar, interagir com os sujeitos. Que se possa ainda, descortinar o ser e saber do olhar, que na intenção de tentar compreender o fenômeno, acaba por categorizar e classificar, um local por essência democrático, livre, potente, produtivo, composto por pessoas, por vidas.

Neste sentido, é que propomos pensar, sinestesicamente (sim, pois na medida em que pensamos com, também sentimos com, junto de, em um misto de sensações e sentimentos), e trilhar caminhos outros. Pensar e tecer as discussões da cibercultura através da epistemologia decolonial e com a metodologia da produção de mônadas, de Walter Benjamin.

¹⁶ Palestra ministrada no 10º Simpósio Internacional de Educação e Comunicação - SIMEDUC 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gTFi5-aDIw0>

4 TECENDO ENCONTROS EPISTEMOLÓGICOS – DECOLONIALIDADE

Estudos do Giro Decolonial entendem que toda a experiência social produz e reproduz conhecimento e, ao fazê-lo, pressupõe uma ou várias epistemologias. Os autores Boaventura de Souza Santos e Maria Paula Meneses (2009) explicam que epistemologia é:

[...] toda a noção de ideia, refletida ou não, sobre as condições do que conta como conhecimento válido. É por via do conhecimento válido que uma dada experiência social se torna intencional e inteligível. Não há, pois, conhecimento sem práticas e atores sociais. E como umas e outros não existem senão no interior de relações sociais, diferentes tipos de relações sociais podem dar origem a diferentes epistemologias. As diferenças podem ser mínimas e, mesmo se grandes, podem não ser objeto de discussão, mas, em qualquer caso, são muitas vezes na origem das tensões ou contradições presentes nas experiências sociais sobretudo, quando, como é normalmente o caso, estas são constituídas por diferentes tipos de relações sociais. (SANTOS; MENESES, 2009, p. 09)

Conforme mencionado pelos autores, nem todas relações sociais - embora originem tensões, contradições, experiências - tem sido objeto de discussão pela academia, logo, não são reconhecidos enquanto conhecimento válido, tampouco como epistemologia. Quijano (2009), lembra que no contexto desse padrão mundial de poder, encontramos pensadores como Descartes, Locke, Newton, Spinoza e outros europeus que, desde o século XVIII, ajudaram a elaborar e sistematizar um método para produzir conhecimento que desse conta das necessidades cognitivas do momento.

A epistemologia eurocêntrica, contudo, não é sustentada apenas por europeus, lembra Grosfoguel (2008), mas também por todos aqueles educados sob a hegemonia do norte. O fato de alguém se situar socialmente no lado oprimido das relações de poder não significa automaticamente que pense, epistemicamente, a partir de um lugar epistêmico subalterno. “Justamente, o êxito do sistema-mundo colonial/moderno reside em levar os sujeitos socialmente situados no lado oprimido da diferença colonial a pensar epistemicamente como aqueles que se encontram em posições dominantes.” (GROSFOGUEL, 2008, p.28). Assim, aceitação de terceiros, que a priori não estariam inseridos no padrão de homem moderno, se explica nas práticas cognitivas que

acabam por naturalizar o padrão eurocêntrico de poder, que de tão natural se torna inquestionável (QUIJANO, 2009).

Entretanto, a ciência moderna não foi, nos dois últimos séculos, nem um mal incondicional nem um bem incondicional. Ela própria é diversa internamente, o que lhe permite intervenções contraditórias na sociedade. E a verdade é que foi (e continua a ser) muitas vezes apropriada por grupos sociais subalternos e oprimidos para legitimar as suas causas e fortalecer as suas lutas.

Embora seja importante considerar que a ciência não é uma verdade imutável e que o papel desta é ter presente que os juízos epistemológicos sobre a ciência não podem ser feitos se tomar em conta a institucionalidade que se constituiu com base nela. Há que se reconhecer que a epistemologia que conferiu à ciência a exclusividade do conhecimento válido, traduziu-se num vasto aparato institucional – universidades, centros de investigação, sistema de peritos, pareceres técnicos. Dessa forma, a epistemologia tornou mais difícil ou mesmo impossível o diálogo entre a ciência e os outros saberes. Com isso, o conhecimento científico pôde ocultar o contexto sociopolítico da sua produção subjacente à universalidade descontextualizada da sua pretensão de validade.

Boaventura de Sousa Santos defende que a epistemologia ocidental dominante foi construída na base das necessidades de dominação colonial e assenta na ideia de um pensamento abissal. Este pensamento opera pela definição unilateral de linhas que dividem as experiências, os saberes e os atores sociais entre os que são úteis, inteligíveis e visíveis (os que ficam do lado de cá da linha) e os que são inúteis ou perigosos, ininteligíveis, objetos de supressão ou esquecimento (os que ficam do lado de lá da linha). Segundo o autor, o pensamento abissal continua a vigorar hoje, muito para além do fim do colonialismo político.

Com a revolução da informação e da comunicação, combinada com a tendência do capitalismo para reduzir à lei do valor, as dimensões da vida coletiva (culturais, espirituais, simbólicas) ganharam hipervisibilidades, à medida em que se ampliou também as contradições da dominação capitalista e as resistências, que enfrenta ao mesmo tempo o que lhes conferiu uma maior visibilidade. “Hoje, a visualização da diversidade cultural e epistemológica do mundo é, ela própria, mais diversa e, por isso, mais convincente para públicos mais amplos e mais diversos” (SANTOS; MENESES, 2009, p. 11).

porém, as condições do tempo presente tornam as diferenças culturais e políticas mais profundas e insidiosas e mais difícil a luta contra elas. Por um lado, o capitalismo global, mais que um modo de produção, é hoje um regime cultural e civilizacional, portanto, estende cada vez mais os seus tentáculos a domínios que dificilmente se concebem como capitalistas, da família à religião, da gestão do tempo à capacidade de concentração, da concepção de tempo livre às relações com os que nos estão mais próximos, da avaliação do mérito científico à avaliação moral dos comportamentos que nos afetam. Lutar contra uma dominação cada vez mais polifacetada significa perversamente lutar contra a indefinição entre quem domina e quem é dominado, e, muitas vezes, lutar contra nós próprios. (SANTOS; MENESES, 2009, p. 11- 12)

Dito isto, Catherine Walsh nos convocou a tecermos reflexões que potencializem os estudos decoloniais (WALSH, 2013). Embora perceba-se uma gigantesca dimensão dos obstáculos políticos e culturais que impeçam a sua concretização, autores do Giro e pós estruturalistas tem se dedicado a explorar espaços outros, que até então, eram quase inabitáveis. Neste sentido, a quebra ao regime epistemológico e o insurgir das formas outras do ser-saber fizeram-se possíveis a partir da diversidade epistemológica do mundo – Epistemologias do Sul¹⁷ e a ecologia dos saberes.

O Sul é aqui concebido metaforicamente como um campo de desafios epistémicos, que procuram reparar os danos e impactos historicamente causados pelo capitalismo na sua relação colonial com o mundo. Esta concepção do Sul sobrepõe-se em parte como o Sul geográfico, o conjunto de países e regiões do mundo que foram submetidos ao colonialismo europeu e que, com exceção da Austrália e da Nova Zelândia, não atingiram níveis de desenvolvimento econômico semelhantes ao do Norte global (Europa e América do Norte). [...] A ideia central é, como já referimos, que o colonialismo, para além de todas as dominações por que é conhecido, foi também uma dominação epistemológica, uma relação extremamente desigual de saber-poder que conduziu à supressão de muitas formas de saber próprias dos povos e/ou nações colonizados. As epistemologias do Sul são o conjunto de intervenções epistemológicas que denunciam essa supressão, valorizam os saberes que resistiram com êxito e investigam as condições de um diálogo entre conhecimentos. A esse diálogo entre saberes chamamos de ecologias de saberes. (SANTOS; MENESES, 2009, p. 12-13)

Com o pensamento nas epistemologias do Sul, na decolonização e na ecologia dos saberes, essa escrita convida a todas, todos e todes a participar das diferentes

¹⁷ Este conceito foi formulado inicialmente por Boaventura de Sousa Santos em 1995 e posteriormente re-elaborado em várias publicações. Veja-se em especial Santos (org.) 2003, 2004 e Santos, 2006.

perspectivas críticas à epistemologia moderna, elaboradas a partir de diferentes lugares e disciplinas, no amplo reconhecimento das experiências de conhecimentos do mundo, incluindo, depois de reconfiguradas, as experiências de conhecimento do Norte global. Pois não é objetivo dos estudos decolonial desfazer-se de todo conhecimento construído, mas sim descortinar pontos de vistas, abrir pontes de intercomunicação, vias novas de diálogo.

Concordamos com Boaventura de Sousa Santos (2009) que o pensamento moderno ocidental é um pensamento abissal. Um sistema de distinções visíveis e invisíveis, sendo que as invisíveis fundamentam as visíveis. E que devemos ter como compromisso acadêmico, político, de vida, ir para além do pensamento abissal, para além das linhas que dividem a realidade social em dois universos distintos: o universo “deste lado da linha” e o universo “do outro lado da linha”.

A divisão é tal que “o outro lado da linha” desaparece enquanto realidade, torna-se inexistente, e é mesmo produzido como inexistente. Inexistência significa não existir sob qualquer forma de ser relevante ou compreensível. Tudo aquilo que é produzido como inexistente é excluído de forma radical porque permanece exterior ao universo que a própria concepção aceita de inclusão considera como sendo o outro. A característica fundamental do pensamento abissal é a impossibilidade da co-presença dos dois lados da linha, este lado da linha só prevalece na medida em que esgota o campo da realidade relevante. Para além dela há apenas inexistência, invisibilidade e ausência não-dialética. (SANTOS, 2009, p. 24)

A nossa visibilidade assenta na invisibilidade de formas de conhecimento que não encaixam em nenhuma destas formas de conhecer: aos conhecimentos populares, leigos, plebeus, camponeses, indígenas, pretos, bichas loucas, mulheres enfurecidas, mães de crianças com transtornos – que mesmo sem ser médicas, compartilham experiências, dicas de remédios, chás, ervas, formas umas e outras de um saber-fazer para lidar com os sintomas que invisibiliza, mata, joga seus filhos para o outro lado da linha.

Para além do universo do verdadeiro, do outro lado da linha, elas não exercem conhecimento real; compartilham crenças, opiniões, magia, idolatria, entendimentos intuitivos ou subjetivos. Suas experiências fazem-se incompreensíveis por “não obedecerem, nem aos critérios científicos de verdade, nem aos dos conhecimentos, reconhecidos como alternativos, da filosofia e da teologia” (SANTOS, 2009, p. 26). Mesmo conhecido por ser um âmbito autoral, de essência democrática e livre – grupos do Facebook – seus dizeres, saberes são eliminados do contexto cultural, político da

produção e reprodução do conhecimento. Mas por que razão o conhecimento, reflexão, as sensibilidades, a experiência dessas mães são anuladas? Quais são as consequências de tal descontextualização?

Contra-movimento X Movimento

←  Mães de filh... 🔍 ➡ ... 22 > 

 23 de ago • 

Alguém do grupo trocou a ritalina. 10mg por ritalina Lá e notou melhoras?
 Meu filho tem 6 anos e desde os 5 começaram as críticas na escola devido a hiperatividade, impulsividade e desatenção.. segundo neuro e psiquiatra : dar ritalina 1cp de 10 mg por dia (eu troquei pro metilfenelidado pq os efeitos da ritalina são mais fortes)... Mas assim, ele toma o comprimido e fica quieto demais, parado, com olhos fundos, boca esbranquiçada e simplesmente não fala quase nd..

Passei a dar 1/4 por conta própria, pq psiquiatra fica 5 minutos com ele na sala e fala q é isso mesmo e que é pra mim dar 1cp q na opiniao dele nao muda nd dar 1/4 ou um inteiro.. DAR 1/4 melhora um pouco os efeitos colaterais..Mas n MT.. e meio CP nao faz efeito nenhum....

Ai penso em não dar..Mas quando vai para aula falam q ele não fica um minuto sentado,não presta atenção em nd..e tb não copia as coisas e n termina as tarefas 😞😞
 Mas esse medicamento deixa meu filho dopado.. ele é alegre,fala bastante, e qnd toma simplesmente fica ali..quieto.. E tb as vezes até se isola... N gosto d ver ele assim..
 A prof me falou q se ele n cópiar as coisas do quadro e n terminar as tarefas ele vai ficar sem recreio pra ver se começa fazer...Mas eu fico com dó..😞 mas n sei pq fazer ele copiar, aí todos os dias tem vindo atividades por fazer pq ele n acaba.
 Queria uma opinião se alguém já passou por isso, ele tá na 1 série.. 😞

  22 47 comentários

 
 Bom dia! A dose da medicação não deve ser alterada por conta própria, se não confiar no médico ou não está satisfeita, procura outro profissional! Quanto a copiar do quadro compreendo que é difícil e muito complicado para eles, talvez seja o caso sim de uma adaptação para a capacidade, no entanto, copiar matéria faz parte do aprendizado, é necessário copiar, fazer a letra cursiva, é uma etapa do aprendizado e só aprende fazendo! Passei por isso tb com meu filho, mas para ele de tanto copiar no automático (reproduzindo) as letras) hoje consegue! Cada caso é um caso, precisa adaptação.

3 sem Curtir Responder 1 

 
 pois é mas como é pelo sus.. N tenho MT escolha 😞

O diálogo entre as mães acima elucida a dualidade da visão e importância atribuída ao saber médico. De um lado, vemos uma mãe que, apesar de recorrer à medicalização, questiona os efeitos no corpo de seu filho e o conhecimento médico a respeito da dosagem, bem como na falta de importância aos efeitos colaterais, de forma que decide, por conta própria, alterar a quantidade do medicamento no intuito de amenizar efeitos sem deixar de ter os benefícios da medicalização. Por outro lado, vemos uma mãe inquietada por tal atitude e que demonstra confiar plenamente no saber médico, nos postulados científicos.

É importante ressaltar aqui, que não estamos compartilhando com a ideia de que pessoas devam virar as costas para os saberes pautados na “ciência” e fazê-los de acordo com sua consciência/experiência, medicando a si ou seus filhos da forma como bem entendem. Não! À luz do que foi dito anteriormente, ficamos com a ideia de que pontes entre tais saberes, devem ser construídas. Conforme enfatiza Boaventura, não existe justiça social global sem justiça cognitiva global, elas estão intimamente ligadas, de forma que para ser bem-sucedida, a luta exige um novo pensamento, “um pensamento pós-abissal” (SANTOS, 2009, p. 32). Movimento este, composto por um contramovimento subalterno, que vai de encontro ao movimento principal de regresso do colonial e do colonizador.

A divisão entre zonas selvagens e zonas civilizadas transforma-se num critério geral de sociabilidade, em novo espaçotempo hegemônico, que atravessa todas as relações sociais, econômicas, políticas e culturais. De modo que o pensamento abissal autorreproduz também nas esferas que as mães ocupam. O saber científico enquanto imperativo atravessa cada uma delas em algum momento de suas escrituras¹⁸. Nessas zonas de ocupação a crença na ciência, como única forma de conhecimento, é hiper visível e fomenta ainda mais o conhecimento abissal e a percepção de que estas, são áreas também permeadas pelas amarras da colonialidade.

Em todo o mundo, não só existem diversas formas de conhecimento da matéria, sociedade, vida e espírito, como também muitos e diversos conceitos sobre o que conta como conhecimento e os critérios que podem ser usados para validá-lo.

¹⁸ Conceito criado por Conceição Evaristo (2017). Fazendo das palavras movimentos de resistência, “ecos da vida-liberdade” nas suas escrituras. Faz frente, sobretudo, nas dimensões da Colonialidade do Ser, do Saber e do Poder, em diálogos com Walsh (2013), Quijano (2005), Mignolo (2005) e Maldonado-Torres (2007).

Por isso precisamos de epistemologias residuais, nas quais seja possível também constituir-se por pegadas, cacos, fragmentos, que vão na contramão de uma epistemologia geral e globalizante.

Concomitantemente, precisamos também de espaços outros, ou ainda, da Decolonização dos Ciberespaços, onde possa ser possível, visível e consistente tais formas de ser e saber. Locais onde o revelar das pegadas, dos fragmentos possam ter tanto sentido, quanto importância para tear de saberes entrecruzados, coletivos, que se revelam sob os fios das memórias e das narrativas.

Que nesta ecologia de saberes, possam entrecruzar-se conhecimentos e, portanto, também ignorâncias. Pois estas são tão importantes na constituição dos saberes, quanto o próprio saber.

Não existe uma unidade de conhecimento, como não existe uma unidade de ignorância. As formas de ignorância são tão heterogêneas e interdependentes quanto as formas de conhecimento. Dada esta interdependência, a aprendizagem de certos conhecimentos pode envolver o esquecimento de outros e, em última instância, a ignorância destes. Por outras palavras, na ecologia de saberes, a ignorância não é necessariamente um estado original ou ponto de partida. Pode ser um ponto de chegada. Pode ser o resultado do esquecimento ou desaprendizagem implícitos num processo de aprendizagem recíproca. Assim, num processo de aprendizagem conduzido por uma ecologia de saberes, é crucial a comparação entre o conhecimento que está a ser aprendido e o conhecimento que nesse processo é esquecido e desaprendido. A ignorância só é uma forma desqualificada de ser e de fazer quando o que se aprende vale mais do que o que se esquece. A utopia do interconhecimento é aprender outros conhecimentos sem esquecer os próprios. É esta a tecnologia de prudência que subjaz à ecologia de saberes. Ela convida a uma reflexão mais profunda sobre a diferença entre a ciência como conhecimento monopolista e a ciência como parte de uma ecologia de saberes. (SANTOS, 2009, p. 47)

A construção epistemológica de uma ecologia de saberes não é tarefa fácil. Pois é próprio da natureza da ecologia de saberes constituir-se através de perguntas constantes e respostas incompletas. Aí reside a sua característica de conhecimento prudente: na vigilância, na consciência de que os saberes são provisórios, abertos, em permanente diálogo com outras teorias, experiências e saberes.

4.1 Diálogos intercambiados pelas experiências vividas – as mônadas.

Durante os encontros com as mães nos grupos (onde se dialoga), confluímos com os pensamentos e preocupações do filósofo Walter Benjamin (1980) - sobre as relações entre memória, experiência e narrativa - que, assim como nós, viveu um período de profundas transformações na sociedade, ocasionada pelas novas técnicas e tecnologias a partir do final do século XIX e no século XX.

Em diálogo¹⁹ com Ilka Miglio de Mesquita, fui inquietada e convidada a fazer reflexão sobre o porquê pensar a Experiência, no sentido proposto por Walter Benjamin. Como podemos pensar a racionalidade técnica (ou ainda, em meu caso, nas redes sociais digitais) no processo de perda de Experiência? E pensar em como o empobrecimento da Experiência afeta a compreensão sensível dos indivíduos acerca do real?

No texto “*O Narrador*” (1980), Walter Benjamin nos alerta sobre o desaparecimento da experiência concomitante ao declínio de narrar. Mas como pode ter desaparecido a experiência, se estamos na existência, vivendo? Como pode ter declinado o narrar, se a comunicação não cessou? – contrariamente a isso, ela ampliou-se, ganhou alcance jamais imaginado. Afinal, há diferença entre experiência e vivência? Para Benjamin, sim!

A pesquisadora Cyntia Simioni França (2015) explica que, com o avanço do capitalismo, a vida coletiva, o respeito às experiências dos anciãos, bem como a cadeia temporal foram esgarçados. De forma que “passa-se a prevalecer a vivência, modo que leva ao despojamento da imagem de si e do outro, a perda gradativa da memória quando o passado não é mais referência e os sujeitos são atropelados pelo tempo do relógio.” (FRANÇA, 2015, p 16-17). Este panorama faz com que Benjamin buscasse outros percursos no texto “*O Narrador*”, como uma tentativa de pensar, de um lado, o declínio da experiência e das narrativas tradicionais, do outro lado, a possibilidade de encontrar e/ou (re)inventar narrativas diferentes das baseadas nas vivências.

Neste sentido, Mesquita²⁰ esclarece que a Experiência (*Erfahrung*) e Vivência (*Erlebnis*) são conceitos que se opõem. A Experiência vivida, está ligada a tradição,

¹⁹ Diálogo ocorrido em orientação de pesquisa.

²⁰ Diálogo ocorrido em aula ministrada e orientação de pesquisa em 2021.

ao conselho. É conexão com a memória, com a reminiscência (Eingedenken). É artesanal. É compartilhada, transmitida. O conhecimento adquirido pela experiência, que se prolonga, se desdobra.

Enquanto a vivência, é cotidiana, é acelerada, relativo à notícia, à fugacidade do evento. Está ligada à lembrança efêmera, à modernidade, à técnica. A provisoriedade do viver. O devir que se produz, a vivência do sujeito isolado em sua história pessoal. Assim como as coisas de vidro, que não tem nenhuma aura. Pois vidro é transparente, revela tudo, é, portanto, o inimigo do mistério. E também o inimigo da propriedade.

Percebe-se, deste modo, que a experiência não se trata de discurso moralizante, mas de reflexão sobre a experiência vivida, que traz consigo comunidades inteiras, experiências construídas em diferentes camadas de tempo.

Para Benjamin, a pobreza da experiência está na falta de vínculo com o passado. Onde tudo é novo, e o passado é superado sem autocrítica. Assim, esclarece a pesquisadora Benjaminiana, Nara Cunha (2016), uma vez que o tempo se torna uma grandeza econômica, a disponibilidade de dar ouvidos ao outro vai diminuindo.

A narrativa tradicional, que carregava as experiências comuns, já não consegue transmiti-las mais, porque carece de quem as ouça e, depois, queira contar de novo, com as marcas de sua própria experiência. Naquela narrativa a memória coletiva se formava com a contribuição de muitos narradores, cientes de sua finitude, portanto também cientes da necessidade de partilhar as histórias. Mas, com o declínio da arte de narrar, dos espaços comuns e do tempo de ouvir, há também o declínio da memória compartilhada. (CUNHA, 2016, p. 78)

Nesta escrita, buscamos uma tessitura de experiências. A realização de uma pesquisa coletiva, mediante a rememoração das experiências vividas pelas mães de crianças que possuem TDAH, num espaço comum que a anos vem sendo utilizado, porém pouco explorado e conhecido, mas que essas mães têm, cada dia mais, ocupado – as redes sociais digitais, os grupos no Facebook.

Apostamos no trabalho colaborativo (de fazer pesquisa com as mães, e não para e/ou sobre as mães), na qual as mães com quem dialogamos, tem um papel de sujeito ativo. Dito isto, buscamos o miúdo, os detalhes, os pequenos feitos das experiências ocultas, omitidas, subjugadas. Queremos acolher, sentir, auscultar.

Ao longo do tempo em que acompanhamos os grupos das mães de TDAH no Facebook, percebemos que suas escritas/falas são atravessadas pela história, no espaço e tempo de experiência. Entretanto, a memória, a dor, o medo, o sofrimento, a exaustão, as conquistas, os gritos e os silêncios, não são retratados pela historiografia tradicional. São antes, omitidas, desconsideradas, varridos para as sombras, ou ainda, apagadas. Muitas dessas mulheres, sequer julgam-se importantes o suficiente para fazer parte de uma história contada. Mas são! E querem contar, narrar, compartilhar, rememorar, retratar suas experiências e angústias, compreender, se informar, também dividir seus saberes e fazeres.

A historiadora Benjaminiana Maria Carolina Bovério Galzerani (2013) concordou com Walter Benjamin sobre a importância da experiência na produção dos saberes e fundamenta que a aceção é compreendida como um modo de

[...] conhecer, capaz de produzir a ampliação sensível dos conhecimentos, bem como das relações entre os diferentes saberes. Tal razão é capaz de reencantar práticas de produção de saberes muitas vezes instrumentalizados e hierarquizados, as quais acabam por poetizar as relações educativas, excluindo sujeitos e saberes. É uma racionalidade familiarizada com o limite do âmbito do possível, mas capaz, igualmente, de transfigurá-lo (GALZERANI, 2013, p. 249).

Na impossibilidade de dizer o indizível, de “inventar outras formas de narração (nas ruínas da narrativa, uma transmissão entre os cacos de uma tradição em migalhas) na qual seja possível o intercâmbio das experiências” (FRANÇA, 2015, p. 25-26), as mães verbalizam os cacos, os fragmentos de memória que compõem suas experiências vividas, compartilham seus saberes e práticas.

Sob essas condições, materializa-se um ambiente delas, criado por e para elas. Erguido sob pilares digitais abstratos, porém não menos importantes, potentes e significativos. É nestas esferas, que elas retomam a arte de narrar, reocupam um espaçotempo para o ouvir e compartilhar memórias. É nos grupos que elas ganham força, amparo, informação, esperança, resistência. Neste templo das subjetividades - nos grupos do Facebook - “se faz tensão permanente que fissura o elo entre a tradição e renovação, (des)caminho do pensamento – lugar e condição de criação e transformação” (ALMEIDA, 2019, p. 14).

As narradoras, sujeitas das próprias histórias, parafraseando Benjamin, constroem a própria narrativa a partir da rememoração. Esta, não consiste na

reconstrução do passado no presente, mas sim, na construção do elo entre passado e presente, ou seja, do entrelaçamento.

Tendo em vista que a história não se repete, mas está em movimento, em construção à espera de desdobramentos múltiplos. A rememoração se dá na construção de uma história aberta, fundada na relação com o outro, em diálogo com os estilhaços do passado, explicitando as condições, as ressignificações, trazendo a pluralidade de sujeitos, articulando não apenas racionalidades, mas sensibilidades. É na relação com as diferentes temporalidades que as memórias são plenas de conhecimento e carregadas de sensibilidades. Memórias que se relacionam com o presente, em um entrecruzamento de vozes e espaços múltiplos. Uma memória não simplesmente racional, mas de um ser humano considerado na sua inteireza (FRANÇA, 2015, p. 23).

É na memória não simplesmente racional, mas de ser humano, considerado na sua inteireza, que as mães compõem narrativas sobre seus filhos, nos grupos. Elas exercem a memória compreendida como vida e como possibilidade de expressar a experiência vivida, a memória como atividade artesanal (BENJAMIN, 1980). Nos grupos não se percebe mães perfeitas, narrativas fidedignas, informações inquestionáveis, mas sim as sensibilidades, a humanidade em sua complexidade... as mães em sua inteireza.

De acordo com Benjamin, a narrativa é forma artesanal de comunicação, em que não se pretende transmitir o puro “em si” da coisa, como uma informação ou um relatório. “Mergulha a coisa na vida de quem relata, a fim de extraí-la outra vez dela. É assim que adere à narrativa a marca de quem narra, como à tigela de barro a marca das mãos do oleiro” (BENJAMIN, 1980, p. 63). E as mães, como boas narradoras, dão conselho, entretido na matéria da vida, de experiência, memória, sabedoria - pois é da experiência vivida que nasce a narrativa. “A experiência que anda de boca em boca é a fonte onde beberam todos os narradores” (BENJAMIN, 1980, p. 58).

Entretanto, como já mencionado, alerta para o fato de que o ato de narrar histórias, assim como as experiências, está cada dia se extinguindo. Na reflexão sobre o tema, a filósofa Jeanne Marrie Gagnebin (2014), diz que o narrador como Ulisses não pode existir mais, pois na Odisseia, o ato de lembrar e contar é a capacidade infinita de sociedades regidas por ritmos de trabalho coletivo e descanso, radicalmente contrários ao sistema capitalista. O dom narrativo para os homens da modernidade não encontra nenhum lugar para ser partilhado, nem condições, muito menos pessoas para ouvir histórias (GAGNEBIN, 2014).

Ela (a experiência) nos diz que a arte de narrar caminha para o fim. Torna-se cada vez mais raro o encontro com pessoas que sabem narrar alguma coisa direito. É cada vez mais frequente espalhar-se em volta o embaraço quando se anuncia o desejo de ouvir uma história. É como se uma faculdade, que nos parecia inalienável, a mais garantida entre as coisas seguras, nos fosse retirada. Ou seja: a de trocar experiências. (BENJAMIN, 1980, p. 57)

Tendo em vista que o capitalismo na modernidade assume o tempo a partir da sua dimensão econômica, ou seja, tempo é dinheiro, a memória também se modifica, implicando no declínio do lembrar infinito e coletivo do tempo (FRANÇA, 2015). Assim, ocorre a ascensão de narrativas individuais, “o homem civilizado das grandes metrópoles retorna ao estado selvagem, isto é, a um estado de isolamento” (BENJAMIN, 1980, p. 43), que presa somente pela sua sobrevivência e sucesso econômico. Daí a memória coletiva comum se encurta dividindo-se em lembranças soltas de histórias circunscritas às particularidades.

Benjamin atribui o fim das narrativas à diminuição das experiências. O mundo mudou, afirma o autor, e juntamente com ele a moral e os costumes. Supõe também que a Guerra Mundial, acentuou esse processo, haja vista que “as pessoas chegavam mudas do campo de batalha – não mais ricas, mas mais pobres em experiência comunicável” (BENJAMIN, 1980, p. 57). Acrescenta ainda que “nunca as experiências foram desmentidas mais radicalmente, do que as estratégias pela guerra de posições, as econômicas pela inflação, as físicas pela batalha de material bélico, as morais pelos detentores do poder” (BENJAMIN, 1980, p. 57).

Outra prática, que, conforme o autor, contribui para o fim das narrativas foi o ato de os sujeitos voltarem-se para sua vida particular, cultivando lembranças soltas de histórias circunscritas às particularidades, relatadas por escritores solitário, e, também, lidas por pessoas solitárias: eis o “advento do romance no início da Era Moderna” (BENJAMIN, 1980, p. 59).

Benjamin defende que o romance nasce da solidão do indivíduo e que este, não consegue exprimir-se sobre seus interesses fundamentais, pois ele mesmo está desorientado e não sabe mais aconselhar, de modo que tudo isso empobrece a experiência vivida – logo, a narrativa (BENJAMIN, 1980). No entanto, o teórico lembra ainda que a difusão do romance só foi possível devido a invenção da imprensa, outro fator culminante para o declínio das narrativas, pois a partir da imprensa, surge uma nova forma de comunicação: a informação.

[...] com o domínio consolidado da burguesia, surge a imprensa, forma de comunicação que pertence aos instrumentos mais importantes no capitalismo avançado e que – por mais distante que sua origem possa recuar no tempo – nunca antes influenciou a forma épica de modo determinante. Mas agora ela o faz, e evidencia-se que se antepõe à narrativa de um jeito a não menos estranho, mas muito mais ameaçador do que o romance – ao qual, de resto, leva, por sua vez, a crise. Esta nova forma de comunicação é a informação. (BENJAMIN, 1980, p. 60)

Sobre a informação, diz ainda que ela

[...] porém, coloca a exigência de pronta verificabilidade. O que nela adquire primazia é o fato de ser “inteligível por si mesma”. [...] é indispensável à informação que soe plausível. Com isso ela mostra ser incompatível com o espírito da narrativa. Se a arte de narrar rareou, então a difusão da informação teve nesse acontecimento uma participação decisiva. (BENJAMIN, 1980, p. 61)

E continua dizendo que, se por um lado a comunicação informativa nos oferece as novidades do universo em cada manhã, por outro, nos torna pobres em histórias notáveis. Explica ainda, que isso ocorre porque não chega até nós nenhum fato que já não tenha sido impregnado de explicações. “Em outras palavras: quase mais nada do que acontece beneficia a narrativa, tudo reverte em proveito da informação. Com efeito, já é metade da arte de narrar, liberar uma história de explicações à medida que ela é reproduzida” (BENJAMIN, 1980, p. 61).

Portanto, a forma de comunicação informativa, disseminada e trazida pela imprensa, que aspira a uma verificação instantânea e compreensível “em si e para si”, com explicações prontas a priori, fez o lado épico da verdade, a sabedoria, agonizar. Seu valor de uso existe apenas no exato momento em que surge, mas tão logo se perde. A narrativa, ao contrário, não se perde, após muito tempo, ainda é capaz de se desenvolver com toda vitalidade e encanto do momento (BENJAMIN, 1980,).

Entretanto, é válido lembrar que Benjamin afirma que este “fenômeno da decadência” não é fruto da modernidade, mas sim de um processo que vem de longe.

Nada seria mais tolo do que querer vislumbrar nele apenas um – muito menos ainda “moderno”. Ele é antes uma manifestação secundária de forças produtivas históricas seculares que aos poucos afastou a narrativa do âmbito do discurso vivo, ao mesmo tempo que tornava palpável uma nova beleza naquilo que desaparecia. (BENJAMIN, 1980, p. 59)

Esta, constitui-se em uma das grandes diferenças entre Walter Benjamin e outros autores de sua época (e de nossa também) que discute a modernidade, as técnicas e tecnologias. Cyntia França (2015), relata que, em leitura atenta ao texto “O

Narrador”, não percebeu se tratar de lamento pela esterilidade das narrativas tradicionais, a perda do ouvinte calmo, a falta do respeito aos anciãos, o desaparecimento do ato de fiar e tecer uma história compartilhada – em detrimento do desenvolvimento do capitalismo e suas diferentes técnicas de produção – como na época da Odisseia e/ou nas sociedades medievais.

O que diferencia o pensamento de Benjamin, em relação a outros pensadores da época, explica Galzerani (2004), é não se voltar a esse passado de forma melancólica, mas enxergar, na modernidade, imagens ambivalentes, pois ao mesmo tempo em que concebe a modernidade como “ruína”, também vê como prenhe de potencialidade, de invenção de novas práticas (GALZERANI, 2004).

Jesus Martín-Barbero (1997), estudioso da área de comunicação, relata que por muito tempo Walter Benjamin foi mal interpretado, como se abominasse as novas técnicas e tecnologias de reprodução que a modernidade disseminou. Na verdade, o que criticava, era o tecnicismo e a perda da aura que esta trazia consigo.

A “perda da AURA” - conceito que discute em seu texto “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica” – máxima de Benjamin, que ficou muito conhecida, referia-se a perda do momento, do “aqui e agora” que a técnica trazia. Impossibilitava também a experiência vivida entre as pessoas, como no caso da mudança do teatro (que possui público, pessoas assistindo e interagindo com a peça) para o cinema (ao invés de pessoas, havia câmeras e outros equipamentos). Entretanto, ele reconhecia a importância das novas técnicas, mais que isso: via potência. “Benjamin vê na técnica e nas massas um modo de emancipação da arte” (MARTIN-BARBERO, 1997, p. 76).

Barbero lembra ainda, que outros autores acusaram Walter Benjamin de saltar de um assunto a outro, fragmentariamente. Mas que a realidade, é que ele pensava o impensável para época, visto que pensa pelas sensibilidades; pelas experiências vividas, pela importância que fragmentos, cacos, pegadas têm para a constituição da história; que não se pode separar o que a pessoa é para que ela se encaixe numa teoria; assim, entendia que eram nas experiências que o elo se quebrava e a história deixava de lado (MARTIN-BARBERO, 1997).

Benjamin não investiga a partir de um lugar fixo, pois toma a realidade como algo descontínuo. O único travejamento está na história, nas redes de pegadas que entrelaçam umas revoluções com outras ou o mito com o conto e os provérbios que ainda dizem as avós. Essa dissolução do centro como método é o que explica seu interesse pelas margens, esses impulsos que trabalham as margens, seja em política ou em arte: Fourier e Baudelaire, as artes menores, os relatos, a

fotografia. Daí o paradoxo. Adorno e Habermas o acusam de não dar conta das mediações, de saltar da economia à literatura e desta à política fragmentariamente. E acusam disto a Benjamin, que foi o pioneiro a vislumbrar a mediação fundamental que permite pensar historicamente a relação da transformação nas condições de produção com as mudanças no espaço da cultura, isto é, as transformações do sensorium dos modos de percepção, da experiência social. Mas para a razão ilustrada a experiência é o obscuro, o constitutivamente opaco, o impensável. Para Benjamin, pelo contrário, pensar a experiência é o modo de alcançar o que irrompe na história com as massas e a técnica. Não se pode entender o que se passa culturalmente com as massas sem considerar a sua experiência. (MARTIN-BARBERO, 1997, p.72).

Barbero rememora o quão escandaloso e impensável para a época foi a crítica que Benjamin fazia às formas de comunicação da época – o romance e a informação de imprensa. E mais ainda, no que Benjamin propunha que se pensasse: nas mudanças que configuraram a modernidade a partir do espaço da percepção, misturando para isso, o que se passa nas ruas, nas fábricas, nas escuras salas de cinema, na literatura, sobretudo na marginal. Esse é seu método, tão arriscado que dele afirmou Brecht: "Penso com terror quão pequeno é o número dos que estão dispostos pelo menos a não mal-entender algo assim" (MARTIN-BARBERO, 1997, p. 74).

Nesta perspectiva, o autor revela que o encontro com os trabalhos de Walter Benjamin, não somente enriqueceram o debate na comunicação, mas ajudou a compreender melhor as razões de suas frustrações; do interior da Escola. "Benjamin tinha esboçado algumas chaves para pensar o não-pensado: o popular na cultura não como sua negação, mas como experiência e produção" (MARTIN-BARBERO, 1997, p.64).

Em confluência com o pensamento de Jesus Martín-Barbero, ao lembrar Walter Benjamin em seu texto *"Teoria do conhecimento, teoria do progresso"* (1984), dizemos que só temos a sentir e mostrar, o miúdo, os farrapos, os resíduos; não queremos inventariá-los, e sim fazer-lhes justiça da única maneira possível, utilizando-os. Benjamin diz que "o narrador colhe o que narra na experiência, própria ou relatada. E transforma isso outra vez em experiência, própria ou relatada. E transforma isso outra vez em experiência dos que ouvem sua história." (BENJAMIN, 1980, p.60). Assim, compreendemos que as mãos com quem dialogamos, recuperam o ato de narrar, ainda mais escasso em nosso tempo.

Através da narrativa, dos cacos, dos miúdos, das centelhas de sua experiência, as mães transformam isso outra vez em experiência, para si e para as outras mães; e também para quem dessas histórias partilham. Mas como utilizar os “farrapos”, fragmentos, pegadas e produzir conhecimento histórico-educacional-comunicacional recolhendo os “resíduos”?

Benjamin afirma que no universo da fantasmagoria nós percebemos a realidade como imagem, imagem fugidia e transitória, atada ao contínuo do tempo. No entanto, ele propõe que a atenção se fixe nessas imagens, o que é diferente de fazer do transitório uma ideia fixa, como o mercado faz com a novidade. Desse modo, o filósofo investe numa concepção de tempo que possa fazer implodir o contínuo para que a imagem seja focalizada como mônada, isto é, como uma configuração saturada de sentidos, na qual coexistem nuances que expressam o índice histórico das imagens, permitindo que em cada imagem infinitesimal seja possível captar a pré e a pós-história de um todo (CUNHA, 2016).

O autor, como bem rememora Galzerani (2002), coloca em ação seu método, produzindo memórias mergulhadas em mônadas – miniaturas de significados, “centelhas de sentido, que podem ter a força de um relâmpago” (GALZERANI, 2002, p. 62).

Para entender a mônada, encontramos a seguinte aceção:

A ideia é mônada. O Ser que nela penetra com sua pré e pós-história traz em si, oculta, a figura do restante do mundo das ideias, de mesma forma que, segundo Leibniz, em seu Discurso sobre a Metafísica, de 1686, em cada mônada estão indistintamente presentes todas as demais. A ideia é mônada, nela reside, preestabelecida, a representação dos fenômenos, como sua interpretação objetiva. [...] Assim o mundo real poderia constituir uma tarefa, no sentido de que ele nos impõe a exigência de mergulhar tão fundo em todo o real, que ele possa revelar-nos uma interpretação objetiva do mundo. Na perspectiva dessa tarefa, não surpreende que o autor da Monadologia tenha sido também criador do cálculo infinitesimal. A ideia é mônada, isto significa, em suma, que cada ideia contém a imagem do mundo. A representação da ideia impõe como tarefa, portanto, nada menos que a descrição dessa imagem abreviada do mundo (BENJAMIN, 2007, p. 69).

Neste sentido, a mônada é concebida como a cristalização das tensões na quais se inscrevem práticas socioculturais, plurais, contraditórias (GALZERANI, 2012). Conforme Correa (2011):

A mônada é um fragmento que salta do desenrolar do tempo linear. Na imobilização da mônada, pode-se flagrar a imagem dialética – uma

configuração saturada de tensões, nas quais ela se cristaliza. É nessa tensão entre o particular e o universal que a mônada de Benjamin se inscreve: O olhar para a mônada se direciona não para o seu caráter fragmentário, mas para sua potencialidade de relações através dessa especificidade (CORREA, 2011, p. 204)

Walter Benjamin entendia que a história se apresenta em tensões permanentes de imagens dialéticas, em formas de mônadas. Assim nos explica:

Ao pensamento pertencem tanto o movimento quanto a imobilização dos pensamentos, onde ele se imobiliza, numa constelação saturada de tensões, aparece a imagem dialética. Ela é a censura no movimento do pensamento. Naturalmente, seu lugar não é arbitrário. Em uma palavra, deve ser procurada onde a tensão entre os opostos dialéticos é a maior possível. Assim, o objeto construído na apresentação materialista da história é ele mesmo uma imagem dialética. Ela é idêntica ao objeto histórico e justifica seu arrancamento do continuum da história (BENJAMIN, 2007, p. 518).

Pensar Walter Benjamin não era fácil para a sociedade (em específico para os estudiosos) de sua época. E ainda hoje, 82 anos após sua partida terrena, continua não sendo uma tarefa simples. Mas é importante e necessária. Pois, como lembrou Martín-Barbero, ele nos ajuda a compreender coisas até então incompreendidas, isso porque enxerga pelas brechas, com sensibilidade, percebe a essência humana e sua simplicidade, ele pensa o impensável.

Por este motivo, optamos por elencar os conceitos e acepções benjaminianas – de narrativas, experiência vivida e mônadas – à tessitura com a teoria decolonial (que dialoga com a perspectiva de Benjamin) e a área da comunicação – que, embora tenha essência democrática e seja o meio onde as relações cotidianas são possíveis e visíveis, ainda precisa adentrar às humanidades e sensibilidades. Conforme lembrou Benjamin (1980a), tudo isso existe “unicamente graças à alma que o homem lhe acrescenta” (p. 52). Por isso defendemos a importância de se pensar e ver a internet (e suas plataformas de relacionamento social) como instrumentos não apenas de informação, laser e sociabilidade, mas antes, como potente instrumento de ação política, educativa, social e cultural.

Ao produzirmos a tessitura deste trabalho em imagens monadológicas, pretendemos flagrar nas narrativas capturadas, os “minúsculos” fragmentos de experiências vividas que podem ser lidos na sua singularidade e entendidos, revividos com a comunidade, na potencialidade de estabelecer relações entre as especificidades. Honrar os vestígios vividos, não abandonando, esquecendo,

ocultando, ou ainda, “romancizando” (no sentido benjaminiano) mas sim, valorizando-o, como elo, entrelaçamento e conexões que vão do individual ao coletivo.

Trazendo as palavras de Benjamin para a perspectiva do estudo, compartilhamos da ideia do autor de que, as narradoras (no caso, as mães de crianças TDAH dos grupos do Facebook), entram na categoria dos mestres e dos sábios, pois elas dominam a arte de dar conselhos,

[...] não como o provérbio: para alguns casos – mas como o sábio: para muitos. Pois lhe é dado recorrer a toda uma vida (uma vida, aliás, que abarca não só a própria experiência, mas também a dos outros. Àquilo que é mais próprio do narrador acrescenta-se também o que ele aprendeu ouvindo.), seu talento consiste em saber narrar sua vida; sua dignidade, em narrá-la inteira. O narrador é o homem que poderia deixar a mecha de sua vida consumir-se integralmente no fogo brando de sua narrativa. Reside nisso o incomparável estado de ânimo que envolve o narrador [...] O narrador é a forma em que o Justo encontra a si mesmo. (BENJAMIN, 1980, p. 74)

Narrar, consiste em rememorar, e rememorar para Walter Benjamin é um “ato político, com potencialidades de produzir um despertar de sonhos, das fantasmagorias, para construção de utopias” (GALZERANI, 2008, p. 21). Nesse sentido, a rememoração abarca uma dimensão subjetiva e só adquire sentido se for para construir algo no presente, ou seja, a construção de outras realidades.

A rememoração, como lembra Nara Cunha, desestabiliza certezas,

(como a recordação de um sonho, que é sempre fugidia) e seu movimento se completa como possibilidade de ruptura em relação ao continuum da história quando é um ato aberto para o coletivo, através do diálogo com os outros e com o outro (aquele que me habita). Enquanto ação comprometida com o coletivo é um convite à partilha de experiências com o espírito desarmado, com o ouvido distraído, com o alinhamento entre corpo, sentidos e razão. É assim que podemos captar o que sequer sabíamos que guardávamos; é assim que podemos ser visados e questionados pelas imagens do outro que temos em nós (CUNHA, 2016, p. 82).

Por isso a linguagem e a metodologia de Walter Benjamin, são tão fundamentais a esta pesquisa. Ele opõe-se a uma linguagem que mascara através da linearidade as lacunas do conhecimento, que procura reduzir o humano à previsibilidade, à objetividade.

Ao mesmo tempo, ele preserva tempos de reflexão e imersão na materialidade das palavras, a fim de possibilitar ao sujeito que se aproxima de sua obra um contato tanto racional quanto sensível. A linguagem benjaminiana alegórica e monadológica expressa uma proposta de produção de conhecimento que não se fixa na verdade

atemporal, mas que se abre para (re)significações do(s) outro(s); que pretende estilhaçar o fluxo da continuidade e do contínuo, criando possibilidades diversas de configuração. Como imagem fugidia, condicionada a um encontro, a mônada permanece aberta a novos encontros, novos sentidos. Ela permanece uma semente à espera do momento propício para germinar, como os conselhos das antigas narrativas, que são a cada nova oportunidade um dizer para além do que fora manifesto. Tais conselhos são alegóricos, porque abertos a um dizer outro, sempre renovado. [...] Ao focalizarmos uma imagem como mônada, ao invés de passarmos por ela sem contato sensível, abrimos nossa guarda para que ele passe por nós, atravessando nossos sentidos e encontrando também em nós as ambivalências e tensões que a mônada encerra. A leitura de uma mônada, assim, requer tatibilidade, capacidade de se envolver plenamente no contato com a materialidade das palavras (CUNHA, 2016. P. 86).

Através deste olhar atento à profundidade das sombras históricas ou aos detritos, se percebe que há mulheres, mães, sonhos oprimidos, vencidos, sofridos, calados, aguardando uma nova chance no espaçotempo. Por isso, fazemos deste trabalho um grito, uma oportunidade para fazer questionamentos sobre os detritos que temos varrido para a profundidade, sobre as colonialidades que habitam nosso ser, saber, bem como os locais que ocupamos.

Esta, não consiste em uma tarefa fácil, para tanto, é preciso diálogo, é preciso estar profundamente aberto ao ouvir, para permitir-se os atravessamentos. A partir da escuta e diálogo com suas narrativas postadas, capturaremos e construiremos as mônadas, que para melhor entendimento e diálogo, serão organizadas em 4 temáticas: “desabafos, sensibilidades e frustrações” (composta por duas mônadas, a qual se dialoga - ‘o que é ser mãe de TDAH’ e ‘O corpo incontrolável’); “Normalizando o corpo: ciência x experiência” (composta pelas mônadas ‘O atrasildo’ e ‘Fronteira do pensamento abissal’); “Entre diálogos e sensibilidades: compartilhando memória afetiva” (composta por ‘Vejo-te’ e ‘Marcas reais, de um transtorno real’); e “Aprendendo com elas!” composta pela última mônada – ‘Pedagogia da maternidade’.

Com o pensamento na identidade que se formou nos grupos e na forma como se identificam - como “mães de TDAH” -, nas mônadas, as mães serão identificadas como “mãe da(o) (nome da criança)”. No entanto, tais nomes serão fictícios. Em confluência a teoria decolonial e ao movimento de visibilizar nossa cultura, serão escolhidos nomes de origem indígena, que apontem a natureza da criança a qual se narra.

Desta maneira, será possível fazer reflexões sobre recortes do real, em suas diferentes formas, da tecelagem coletiva de fios de uma história comum, memórias únicas e atravessamentos que ecoam em cada mãe que constitui os grupos. Possibilita, assim, familiaridade, empatia, colaboração, fortalecimento de identidade, negação à sujeição, ao sujeitamento. Esperançar, no sentido freiriano, de quem não espera, mas sim, age e vai à luta!

5 COM A PALAVRA: AS MÃES!

SANGRANDO

Gonzaquinha

Quando eu soltar a minha voz,
 Por favor, entenda...
 Que palavra por palavra eis aqui uma pessoa
 Se entregando...
 Coração na boca, peito aberto,
 Vou sangrando...
 São as lutas dessa nossa vida,
 Que eu estou cantando.
 Quando eu abrir minha garganta,
 Essa força tanta...
 Tudo aquilo que você ouvir esteja certa
 Que estarei vivendo...
 Veja o brilho dos meus olhos
 E o tremor das minhas mãos.
 E o meu corpo tão suado,
 Transbordando toda raça emoção.
 E se eu chorar e o sal molhar o meu sorriso,
 Não se espante, cante que o teu canto é minha força pra cantar.
 Quando eu soltar a minha voz,
 Por favor, entenda
 é apenas o meu jeito de viver
 O que é amar.
 E se eu chorar e o sol molhar o meu sorriso
 Não se espante, cante que o teu canto é minha
 Força pra cantar
 Quando eu soltar a minha voz
 Por favor entenda
 é apenas o meu jeito de viver o que é amar

Planejei, neste momento do texto, estar atenta apenas ao ouvir, às mônadas, atenta à rememoração das mães, na intenção de indicar autonomia, de acolher e indicar um porto seguro, para a escuta, para fala, de possibilidade para demonstrar seus saberes/fazerem outros. Mas isto iria contra tudo que tenho proposto, contra a metodologia, a teoria, contra o diálogo.

Foi com certa timidez e o pensamento, ainda, naquele questionamento que uma mãe do grupo me fizera - se eu sou verdadeiramente capaz de compreender

suas dores, suas frustrações, suas sensibilidades, despretensiosamente, não sendo mãe de TDAH? - que também coloquei em xeque meu lugar de fala.

Depois de muito pensar, acompanhar, dialogar com o grupo, àquela mãe respondo: sim, eu sou capaz! E posso, não apenas compreender, mas também sentir as dores, as frustrações e emoções a qual tanto narram. O faço desde o momento em que fui tocada com a cena do meu aluno (a qual outrora narrara), desde que conheci as comunidades, que me propus a pesquisar o tema, escutá-las, auscultá-las. O faço desde quando fui aceita nas comunidades e passei a fazer parte da rede de mães de TDAH.

Eu, enquanto mãe, educadora que a anos acompanha o cotidiano de jovens TDAH, participante dos grupos de “Mães de pessoas com TDAH” e “Mães filhos com TDAH”, orientanda, encorajada e tocada pelas narrativas da primeira mãe de TDAH com quem tive contato desde o início da pesquisa, mulher insurgente, potente, porreta, que também percorreu pelos (des)caminhos narrados – Ilka Miglio de Mesquita - venho assumir meu posto, ocupar um espaço a qual também faço parte e que, portanto, também é meu! Pois nisso consiste a pedagogia decolonial. Em descortinamentos, consiste na coragem de agir, de lutar!

Do mesmo modo que não precisamos ser pretos para lutar contra o racismo, não precisamos ser ou ter um filho TDAH para sentir com a comunidade das mães e ser solidário às causas narradas. Do mesmo modo que não basta não ser racista - temos que ser antirracistas! - temos também que lutar contra práticas abusivas, segregadoras, classificadoras, excludentes, que consente com a necropolítica, que mata e deixa morrer. É preciso insurgir, subverter, fazer um contramovimento, lutar juntas!

Inspirada pela alusão do tear, enquanto movimento narrativo, apresentado por Ilka Miglio de Mesquita, em *Urdidura e Trama de memórias do ensino de história (2017)*, o diálogo que estabelecemos (e estabeleceremos) com autores e as narradoras (mães dos grupos) são trajetórias que se entrecruzam e se revelam no tear desta trama, que se compõe por fios de memórias, “de experiências vividas, sentimentos, reflexões, concepções, olhares...” (MESQUITA, 2017, p. 27). Olhares ainda que simbólicos e abstratos, visto que o local do tear se fez (e faz) outro: o virtual.

Certamente, todas palavras ditas e escritas pelas mães é bem menos do que está guardado no coração e na memória de nossas narradoras. Mas ainda assim, elas compartilham! Dividem conosco o tesouro maior: a experiência vivida! Suas

memórias! Na inteireza de sua incompletude, trocam fios, entrelaçam imagens percebidas e concebidas, diálogo, experiências - que no instante em que emergem, com o narrar, passam a ser umas das outras - formam laços de vida!

Então, sigamos todas de mãos dadas. Ninguém solta a mão de ninguém!²¹

5.1 Desabafos, sensibilidades e frustrações

O que é ser mãe de TDAH?

Você sabe o que é ser mãe de uma criança com TDAH?

Bom, ser mãe de uma criança com TDAH é dar valor em cada nota boa. É reconhecer todo esforço, toda luta, cada hora de estudo, cada evolução; cada minuto que seu filho conseguiu ficar parado e concluiu uma tarefa até o fim.

É ver todo sofrimento para fazer uma avaliação e sofrer junto. É testemunhar lágrimas rolares. É falar e não ser escutada. É lutar contra a desorganização (meu Deus do Céu, põe desorganização aí). É ver uma criança ser julgada, desprezada, discriminada pelos colegas de sala, por professores, por amigos e por todos aqueles que deveriam acolher.

É ter que consolar seu filho ou simplesmente tentar colocar na cabeça dele, que ele consegue ficar sozinho e ser autossuficiente, apenas para encobrir o fato de que outras crianças não o querem por perto, pois é "chato conviver com um colega diferente" (é o que meu filho mais escuta).

Ah, ser mãe de TDAH... É escutar dos outros que seu filho não tem doença nenhuma, que ele "é só uma criança mal educada" ou "você não está disciplinando direito"; que "seu filho precisa mesmo é apanhar" e que "você não está se impondo corretamente". Enfim, são tantos apontamentos e julgamentos, que desisti de enumerar.

Ser mãe de uma criança com TDAH é ter um filho hiperativo que fala pelos cotovelos (as vezes apenas paro de prestar atenção e o deixo falar), ou ainda, um filho impulsivo que solta umas respostas, nas horas mais impróprias e que te deixa "P" da vida. É morrer de culpa - após brigar, repreender, castigar - por ter permitido que o cansaço vencesse, e, mesmo que por minutos, não ter se colocado no lugar de seu filho... Deus, quanta culpa! Somente quem é mãe de TDAH sabe como essa culpa te corrói. Primeiramente, porque você trouxe ao mundo uma criança com "defeito de fábrica". Corrói porque tem horas que você apenas quer desistir e seja o que Deus quiser. Corrói porque você se

²¹ Lema do Grupo de Pesquisa História Memória, Educação e Identidade (GPHMEI), liderado pela Prof^ª Dr^ª Ilka Miglio de Mesquita. Grupo à qual pertencemos, eu e esta pesquisa.

sente impotente diante de uma situação a qual não pode controlar. Corrói porque as vezes perde a paciência com seu filho, que não consegue "ser normal", ser igual às outras crianças (e quantas vezes desejamos fazer parte dessa "normalidade"?).

Corrói porque também é julgada e massacrada, muitas vezes, por quem deveria te estender a mão.

Corrói... Corrói... Corrói. Ah, mas e a culpa? A CULPA É SEMPRE DA MÃE!!! Apenas um desabafo...

(Mãe do Ubirani)

Mãe, que desabafo importante!

Para sua mônada escolhi você ser a mãe do pseudônimo Ubirani, nome de origem indígena que significa "tenacidade e delicadeza; aquele próprio de pessoas cuidadosas e atenciosas para com os outros; que chama a atenção pelo seu caráter aberto e compreensivo"; pois, apesar de não ter dito muito sobre seu filho, é esta a natureza que imagino ter o filho de uma pessoa tão corajosa, sensível, dedicada, transparente e forte como você se mostrou ser.

Fico imaginando quantas mães se viram nesse seu desabafo. Se sensibilizaram, rememoraram sua história ou ainda tiveram a oportunidade de imaginar como seja, de conhecer, de saber... o que é ser mãe de TDAH. Suas memórias atravessadas pelo tempo, história e experiências vividas, com certeza aflorou lembranças, sensibilidades e passaram a integrar a vida e memória daqueles a que leram também.

Seu desabafo é necessário! Lembrando das palavras de Ilka Miglio de Mesquita (2017), as narrativas são passíveis de múltiplas interpretações, uma vez que o ouvinte ou leitor é livre. Então, aproveitando minha liberdade, enquanto ouvinte, digo a você que não se sinta culpada. Não permita que a culpa a corroa, pois não existem culpados! O que existe são pessoas, humanas, que não são perfeitas, que nem sempre estão bem, fortes e dispostas todos os dias. E está tudo bem!

Me sinto com você, e me magoa a ideia de pensar em uma sociedade que te responsabiliza por trazer ao mundo uma criança com "defeito de fábrica" ou ainda, que te faz sentir culpada e responsável por isso. Me incomoda o ideal forjado de mãe perfeita, irredutível, incansável, inquebrável. Me dói ver e sentir a solidão de tantas mães que, como você, se culpam, se julgam, se sentem impotentes, insuficientes,

incapazes e menos fortes. Me atormenta perceber que quem deveria estender-lhe a mão, afagar... É também, quem a apedreja.

O ideal da maternidade faz parte da identidade da mulher, e mesmo da mulher-mãe pós-moderna, super independente, que visa quebrar estigmas da mulher-Amélia do passado. Mas ele (o ideal) não é de todo real, pois nem sempre é maravilhoso ser mãe! E ninguém nos conta isso... É um amor inexplicável e incondicional sim, mas também é cansativo, é duro, exige paciência, doação, tempo, sobretudo das mães, quem historicamente tem a responsabilidade social de, se preciso, se anular para educar.

Enquanto mãe, também compartilho sua culpa. Por vezes, também tenho vontade de sumir (e quem não tem?), me sinto impotente diante de situações adversas, perco a paciência, sinto falta da época em que era apenas eu... E o simples fato de sentir tudo isso, traz um sentimento de culpa ainda maior. Mas tenho feito esse exercício... de me permitir! E se pudesse te dizer algo, te dar um conselho (como fazemos nos grupos), diria para permitir-se também.

Sigamos de mãos dadas!

O corpo incontrolável

Mamães vim aqui fazer um desabafo, meu filho está ficando incontrolável! Cada dia é uma mania nova e cada vez pior!

Agora começou com uns “tocs”, fica dobrando o corpo, faz um som com a boca, tipo um soluço, e não para, faz isso o dia todo, incontrolavelmente.

Ele ri da minha cara, enquanto eu... choro! De desespero, de cansaço, de culpa, de sentir que estou fracassando. Meu filho é uma criança que ninguém quer estar perto.

Eu sou separada do pai dele, que não consegue ficar mais do que dois dias com o filho. Minha mãe, a única pessoa quem me ajudava, não quer mais nos ver desde que ele passou uns dias na casa dela.

Ele está incontrolável e tenho a sensação de que não vou aguentar, pois ele suga toda minha energia e não sou capacitada para lidar com esse transtorno.

(Mãe do Ojibe²²)

²² Ojibe é nome de origem indígena e significa “aquele que está em decadência”.
Ver mais em: <https://www.dicionariodenomespropios.com.br>

Ser mãe não é um conto de fadas! Não é glamuroso. É cansativo. É necessário desconstrução e reconstrução para algo que não é ensinado (ser mãe), pois um filho não vem com um manual, assim como não há manual de como ser uma boa mãe, não há fórmula mágica. Mas há parâmetros ... do que não ser, não fazer. Logo, há julgamentos!

Ser mãe é também ser “um sertanejo” - como descreveu Euclides da Cunha em sua obra, *Os Sertões* - forte, embora por vezes, sua aparência revele o contrário. É ser ‘homem permanentemente fatigado’. Apesar de nem sempre quereremos ou ainda estarmos em condições de sermos fortes. Estamos permanentemente fatigadas.

Cansada é nossa condição mais comum. E apesar de sem energia... ainda continuamos a “funcionar”. Pois sentimos que este é nosso dever...

5.2 Normalizando o corpo: ciência x experiência

O “atrasildo”

Boa noite mães. É com tristeza e angústia que hoje venho buscar conforto, conselho e o auxílio de vocês. Meu filho disse que quer sair do curso de inglês porque o professor fica chamando-o de atrasado. Imagino a tristeza que ele deve estar sentindo para ter tomado esta decisão. Afinal este adjetivo a tempos o acompanha.

Começou com a professora da escola do ano retrasado, quem o apelidou de “Atrasildo”, a partir daí, os colegas só o chamam assim. Ele tem 8 anos, está na 3ª série dos anos iniciais da escola e faz inglês desde os 3 anos de idade. É um excelente aluno, ótimas notas, super participativo, mas na hora de escrever ou de focar em algo, os atrasos começam.

A professora atual dele é excelente, é psicopedagoga, mas o ano que vem não será a mesma e isso me parece terrível, já estou sofrendo por antecipação.

Hoje ele chorou e estava muito triste porque disse que não o respeitam devido aos atrasos. Expliquei que embora o professor de inglês e os coleguinhas estivessem errados por chama-lo de atrasado, ele (meu filho) precisa se esforçar mais para tentar não se atrasar, pois eu tenho ciência que ele também favorece tal situação.

Por mais que eu sofra junto com meu filho, sei de suas limitações, falhas, sei que por vezes é cansativo e tudo isso é muito complicado. Hora de acordar ele quer dormir, hora de

dormir quer ficar acordado, hora de vestir roupa eu tenho que fiscalizar a cada 5 minutos para ver se está se vestindo. Na hora de ir para aula não lembra sequer de pegar a mochila, hora da tarefa olha para o caderno e não faz... daí cai o lápis, a borracha cai, se remexe na cadeira e no final, vira choro.

Hora do banho tem que chamar várias vezes para sair do chuveiro, assim como para sentar-se à mesa na hora do jantar. Moacir requer fiscalização para tudo que solicite que ele faça. Os dias são cansativos, há outros que beiro a exaustão.

Para amenizar os sintomas do TDAH, ele toma Risperidona 0,25 e Melatonina 1mg. Também toma floral, faz terapia ocupacional e acompanhamento com psicopedagoga. Hoje iniciei com óleo essencial de lavanda. Alguém passou ou passa por esta situação? O que faço?

Embora muitas pessoas, e mesmo as mães daqui do grupo, digam que deveria ir atrás da escola, do professor de inglês, da outra professora que apelidou meu filho, e conversar, averiguar o que está acontecendo, exigir que algo seja feito... digo, eu fiz tudo isso, mas ainda assim, não adiantou!

Outras me disseram para processar a todos, escola, professor, professora, que procurasse secretaria escolar e denunciasse. Acontece que processar nem sempre é melhor saída, trabalho no judiciário e sei bem como é desgastante, difícil e dolorido para as vítimas um processo judicial. Na minha opinião, essa tem que ser a última alternativa.

Do mais... obrigada a todas pelo apoio, orientação, conselhos, compartilhamentos e acolhimento. Através dos comentários percebemos que não estamos sozinhas na luta e que o que acontece com nossos filhos, não são casos isolados. Muita paz e paciência para todas nós!!!

(Mãe do Moacir²³)

Mãe do Moacir, sinto muito pelo que estão passando.

Sua história me fez revisitar meu passado. Me identifiquei com seu filho, pois fui uma criança que também não conseguia copiar tudo a tempo. Me recordo de quantas vezes tinha que pegar o caderno emprestado de colegas para finalizar a matéria, ainda que, no meu caso, os atrasos não eram devido a distrações, conversas ou algo do tipo, mas sim porque era o meu processo de escrita, que sempre foi mais lento. E em muitas ocasiões os atrasos refletiam na minha nota. Pois ainda que os

²³ Segundo o dicionário online de nomes próprios, Moacir significa “dolorido, magoado”, “o que vem da dor” ou “o que faz doer”. É um dos nomes de origem indígena mais populares no Brasil. Este pseudônimo foi escolhido pois está diretamente ligado ao estado de espírito do garoto na mônada “o atrasildo”.

Ver mais em: <https://www.dicionariodenomespropios.com.br>

professores soubessem que era uma aluna aplicada, e que não tinha todos os “vistos²⁴” por ser “vagarosa” (como me descrevia, certo professor), o fato é que ao final de um bimestre, eu não detinha a quantidade suficiente dos tais vistos e ficava com uma nota parcial baixa.

Sua história, juntamente com minhas memórias, trouxe à tona questionamentos: que escola (e espaços educacionais) são esses, que ao invés de acolher, ajudar, ensinar, respeitar diferenças, promove justamente o oposto? Que profissionais nossas universidades têm formado? Como pode ser tão comum educadores que não sabem trabalhar com a diferença?

Eu tenho 32 anos e embora pareça pouco tempo de egressa do ensino com a prática dos vistos, já se passaram mais de duas décadas, tempo suficiente para mudar muita coisa. E mudou! Mas ainda vemos muitas situações que deveriam ter sido superadas a tempos. Ainda vemos a prática dos vistos. A escola e os professores, coroando a prática do “eu escrevo, você copia”. Pensamentos de que o bom aluno é o agradável, calado, obediente, que senta direitinho, fácil de lidar, sem dificuldades, sem complicações, sem subjetividades. E questiono: o que é feito com toda a pesquisa desenvolvida ano após ano sobre ensino e aprendizagens? Por que os moldes de uma educação engessada, que mais aprisiona do que liberta, ainda continua a reverberar em nossa sociedade?

Este trabalho, como já comentado, não pretende (de maneira nenhuma) apontar, julgar pessoas – ainda mais professores e profissionais da educação – também não é objetivo dar respostas prontas, “soluções” para os problemas narrados. Mas temos sim, a função e o dever de provocar, de convocar para reflexão acerca de tudo isso. Pois é disso que se trata esse campo aberto onde dialogo com vocês, bem como os espaçostempos (tema de estudo). E pensar para conscientizar é nossa principal ação, nossa arma mais potente.

Me causa enorme frustração imaginar como a história do Moacir poderia ter tido um caminho diferente. Através do carinho, acolhimento, compreensão, de uma pedagogia afetiva, de diálogo, como bem nos ensinou nosso patrono, Paulo Freire. Por isso, mãe do Moacir, sua história e coragem de contá-la, é tão importante. Para

²⁴ Vistos era uma forma de controle que os professores (na minha época escolar) tinham para facilitar a percepção de quem copiava a matéria, daqueles que, deixavam de copiar devido a bagunça, conversas paralelas e coisas do tipo. Ao final do Bimestre, era feito uma contagem de vistos, que somavam uma nota parcial.

que o quanto antes, e cada vez mais, possamos utilizar essas zonas de convivência para conscientizar, anunciar, denunciar ao mundo as marcar, reais e visíveis, que uma sociedade de cultura colonizada, deixa na pele dos seus.

Nesta 'Urdidura e trama de memória' existem fios diversos, cada um em sua tonalidade e textura. Assim, nas narrativas revelam-se também fios de culpa, insegurança, tristeza, revolta e tantos outros sentimentos permeados por uma cultura colonizada, por uma sociedade produtiva, que compara, classifica, inferioriza, que aponta culpados, julga, que acredita que a melhor forma de resolver problemas seja através de violências (físicas e verbais), que entende a diferença de um ser como "falta de apanhar", "frescura" das gerações "Nutella" que não possui força e garra das "crianças de antigamente".

A colonização acabou, mas o pensamento colonizado, não! Transformou-se em colonialidade! Todos os dias vemos, vivemos e perpetuamos as colonialidades, que exigem provas físicas e explicáveis (biologicamente) para um transtorno que não pode ser detectado através de exames. Sociedade negacionista, que duvida da existência do que não é visível aos olhos, que nega vacina em tempos pandêmicos... Sociedade que sofre profundamente por falta de empatia e que transforma todo sofrimento, dor, angústia que não sentem na pele, em "mimimi". Sociedade que mata gays, negros e deixa morrer todo aquele que é diferente ou anormal (conforme classificam aos que fogem a regra, à norma).

Dito isto, eu verdadeiramente, sinto muito. Imagino os transtornos que tiveram durante o percurso para tentar resolver as questões com a aprendizagem do Moacir. Acredito quando diz que tentou através do diálogo. Mas como bem sabemos, este caminho é muito mais tortuoso, lento e requer paciência. Também concordo com sua opinião sobre processo judicial ser a última opção. Pois esta escolha traria ainda mais dor, sofrimento e extensão do problema a quem menos tem responsabilidade sobre tudo isso... seu filho.

Obrigada pelo compartilhamento, saiba que realmente não está sozinha na luta e estaremos aqui, para escutá-la, aconselhá-la e acolhê-la.

Fronteira do pensamento abissal

Mães, quais medicações ajudaram seus filhos com TDAH?

Em casa, fizemos uso de alguns medicamentos, mas não conseguimos a adaptação com nenhum deles. Resperidona deixou meu filho muito choroso, sentimental e meio grogue. Já a Ritalina, o deixou agitado, ele não parava de falar. Daí a médica suspendeu.

Vejo aqui no grupo que muitos fazem uso desses (e outros) remédios juntos, nós fizemos uso separadamente dos dois medicamentos citados.

Sei que há mães aqui, que são contra a medicalização para o TDAH. Há outras ainda, que não gostam que compartilhem nas redes os nomes, dosagens e a forma que utilizamos os remédios para o tratamento de nossos filhos, afinal, o que funciona para uma criança pode não dar certo para outra, cada corpo é único. Mas eu gostaria de saber sobre a experiência de vocês, pois a nossa, não foi como esperado, utilizamos várias medicações, sem sucesso com nenhuma delas.

Isso não quer dizer que eu vá fazer uso das indicações/conselhos e medicar meu filho de forma displicente, até porque precisa de receita médica para compra dos medicamentos.

Apesar das repreensões, acredito que nosso grupo seja exatamente para isso: para compartilhar experiência, informações, para dar dicas, conhecer os remédios e outros caminhos possíveis para o tratamento e lidar com as dificuldades causadas pelo TDAH.

Meu filho também faz terapia, porém ela por si só, não tem efetividade se ele não estiver medicado.

(Mãe do Eçapira²⁵)

Mães, concordo que a Neurociência é superinteressante, agrega muitas melhorias à sociedade e que medicamentos são necessários para o bem-estar e saúde da humanidade. Também me traz conforto (e sensação de controle), compreender biologicamente e quimicamente o que acontece em nossos corpos e arredores.

Entretanto, gostaria de convidá-las a pensar para além do pensamento iluminista, calcado na metodologia do “pensamento verdadeiro”, do conhecimento “científico como único e verdadeiro”, do “penso, logo existo!”,

Para o sociólogo Boaventura de Sousa Santos, na obra *Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes* (2009), “o pensamento moderno ocidental é um pensamento abissal”. Um sistema de dois

²⁵ Segundo o dicionário online de nomes próprios, o nome Eçapira, de origem indígena, significa “o que se procura”. Esse nome foi escolhido em razão da história da mãe que não encontra medicamento que se adapte ao corpo de seu filho. Mas segue na busca, na procura de normalizar o corpo.

universos distintos, “distinções visíveis e invisíveis”, que dividem a realidade social entre os que estão ‘deste lado da linha’ e os que estão ‘do outro lado da linha’. “A divisão é tal que “o outro lado da linha” desaparece enquanto realidade, torna-se inexistente, e é mesmo produzido como inexistente”. (SANTOS, 2009, p. 23)

Nos Grupos do Facebook, esta linha, mesmo que invisível, também é percebida. A todo momento vemos postagens de mães que concedem à ciência moderna o “monopólio da distinção universal entre o verdadeiro e o falso”, atribuindo à “ciência” médica o reconhecimento como única forma de conhecimento válido, eficaz e efetivo, confiando suas vidas e de seus filhos, unicamente aos resultados medicamentosos. E isso, por diversas vezes, causa certo conflito nos grupos.

Nesta mônada, especificamente, tal “linha abissal”, materializou-se, fez-se visível! Compartilho que os comentários que sucederam à narrativa que originou esta mônada, em certo momento, foram hostis. E me causou espanto as discussões, pois estavam fazendo daquele ambiente, até então amistoso, de compartilhamento de experiências, em divisão entre “zonas selvagens” (quem não detém o conhecimento científico) e “zonas civilizadas” (quem detém o saber pautado em dados da “ciência”).

Concordo que o compartilhar de nome de remédios, receitas, ervas, óleos e qualquer outra forma de tratamento que usam para cuidar de seus filhos, podem ser perigosas se feitas de forma independente. Confesso que quando ingressei no grupo, achei tudo uma “loucura”! Qualquer ação a ser feita, deve ser acompanhada por um profissional especializado – afinal, trata-se da saúde de nossos filhos!

Entretanto, pensemos um pouco para além deste horizonte. O que nos interessa não são as substâncias químicas, é antes, a substância vivida! As experiências, os saberes construídos por quem mais entende – com conhecimento de causa – do corpo de nossas crianças (que é único), nós, as mães. Descortinemos a cientificidade do TDAH. O que nos interessa são os detalhes, a partilha, os sentimentos, a troca de experiência vivida, a matéria humana.

Inclusive, gostaria pedir licença aos leitores para compartilhar minha tristeza e indignação. Em pleno final de pesquisa (janeiro de 2022), ao abrir o grupo, apenas por hábito de acompanhar as narrativas, vejo a postagem da administradora dizendo ter banido do grupo (e afirmou que continuará a banir) uma mãe que compartilhou postagens com outros grupos (ok, até aí compreendo que entramos em questões de ética, partilha de informações que talvez não tenha sido autorizada). E que iria aproveitar a oportunidade para pedir que parassem de compartilhar “coisas

desnecessárias” (do tipo perguntas sobre medicamentos para o tratamento do TDAH, entre outras). Orientou que utilizassem a ferramenta “lupa” para buscar o que desejavam saber, pois possivelmente, já havia informações postadas. Isso evitaria excessos e repetições. Pediu ainda que parassem com “lamentações sobre os filhos”, pois nem sempre o que relatam, é referente ao TDAH.

Aquilo me causou (e ainda causa, toda vez que rememoro!) tanta indignação, que fiquei momentaneamente sem reação. Essa postagem caiu como uma verdadeira bomba, para mim e para o grupo. Questionei meu trabalho, pensei nas questões éticas, teóricas... Por fim, entrei novamente no grupo e percebi, através dos comentários, que um abismo havia se aberto ali, ou ainda, erguido uma muralha, que claramente dividia o grupo entre mães que aplaudiam (literalmente, através dos “emoji²⁶”) e entre mães que repudiavam a atitude da administradora, defendendo que aquele ali era um espaço coletivo, justamente para o compartilhar: de emoções, sentimentos, dúvidas, conhecimentos.

Isso que acabei de contar, revela muito sobre o momento em que estamos vivendo: a polarização política do país, o negacionismo, as violências, o não diálogo, o fascismo despertado, as injustiças, a desumanidade, os pensamentos abissais, a necropolítica...

E por isso, se faz ainda mais importante, e necessário... evidenciar, anunciar, denunciar! Trazer pessoas para fazer reflexão sobre atitudes como essas e reforçar a luta por um contramovimento coletivo – já iniciado a décadas – de um pensar para além da linha, um “pensamento pós-abissal” que busca não somente justiça social, mas também “justiça cognitiva global” (SANTOS, 2009, p. 31).

Se pensar significa estar dentro dos moldes da ciência, quem não tem acesso a esta, não existe? Aqueles que não seguem a norma culta, ou ainda, não tem a chamada “autoridade”, não produz conhecimento? Analfabetos, Indígenas, Quilombolas, Ribeirinhos, Crianças Autistas, TDAH – seus filhos! -, as mães... não são detentoras de saber nenhum, portanto, não existem?

Para nós, dos grupos, estamos todos na existência, pedindo para existir, e por isso, (Re)Existimos! Resistimos!

²⁶ Emoji é um pictograma ou ideograma, uma imagem que transmite a ideia de uma palavra ou frase completa. O termo “**emoji**” é de origem japonesa, composto pela junção dos elementos e (imagem) e moji (letra). ... Como já diz o ditado popular: “uma imagem vale mais que mil palavras”.

Estou aqui para segurar na mão e reforçar o time de mães que NÃO deixarão de compartilhar suas sensibilidades. Nosso grupo é espaçostempos para diálogo, narrativas de nossos sentimentos, memórias. É diverso, é plural, com fronteira aberta, em constante movimento, onde deve haver abertura para todas, todos e todes!

E finalizo esta seção com o “Rap do sossego”, que dedico àquelas responsáveis pela construção “do muro de Berlin” do grupo, àquelas que queriam nos conter do lado de lá.

Rap do sossego

Para esta seção,
 Gostaria de fazer uma prosa,
 Um longo e bonito textão,
 Mas tem coisas que só
 Se diz bem em verso,
 Eu confesso!
 Certa vez, li um texto
 De autor desconhecido
 Se tratava da rotina
 De médico mal comprometido.
 Não me opus
 Iniciei a leitura
 Dos ‘mandamentos do médico do sus’
 Nele dizia...
 Se você não sabe o que tem, dê **Voltaren**.
 Se você não entende o que viu, dê **Benzetacil**.
 Apertou a barriga e fez “ahnnn”, dê **Buscopan**.
 Caiu e passou mal, dê **Gardenal**.
 Está com dor bem grandona, dê **Dipirona**.
 Se você não sabe o que é bom, dê **Decadron**
 Vomitou tudo que ingeriu, dê **Plasil**
 Se a pressão subiu, dê **Captopril**.
 Se a pressão deu mais uma grande subida, dê **Furosemida**!
 Chegou morrendo de choro, ponha no soro.
 Pelo não, pelo sim, dê **Rocefin**.
 Se nada deu certo, não tenha neurose.
 Diga que é nova virose.
 E digo mais...
 Para a mãe do menino descentrado
 Vou mandar um recado
 Para cada loucura,
 Dá-se um nome, um medicamento.
 Que assusta menos
 E deixa de ser sofrimento.
Psicoestimulante
 É a escolha mais certa
 Para tratamento do corpo errante

Metilfenidato é a primeira opção
 para o candidato
Ritalina, Concerta
Metadate, Daytrana, Quilivant,
 Se quiser, posso ir adiante.
Os antidepressivos, ajudam
 A recobrar os sentidos,
Imipramina, Nortriptilina, Atomoxetina,
Bupropiona, Desipramina e Fluoxetina.
 Mas se o problema é ainda pior
Antipsicóticos trará sossego maior
Tioridazina ou Risperidona
 Ajudam a controlar o comportamento,
 E daquela criança que conhecia,
 Não sobra nem pensamento!

Letícia Kudo

5.3 Entre diálogos e sensibilidades: compartilhando memória afetiva

Vejo-te

Olá mães. Vi este texto em outro grupo, me emocionei e gostaria de compartilhá-lo com vocês. Pois as vezes, tudo o que precisamos, é saber que estamos sendo vistas.

"Vejo-te levar seu filho à terapia, enquanto seus amigos levam seus filhos ao futebol ou ao ballet.

Vejo-te fugir da conversa quando teus amigos se vangloriam de realizações e notas de exames.

Vejo-te a fazer malabarismo com eventos e reuniões.

Vejo-te sentada ao computador durante horas pesquisando sobre o que seu filho precisa.

Vejo-te fazer cara feia quando a gente se queixa pelo que a ti, parece bobagens.

Vejo-te desaparecer pouco a pouco.

Vejo-te ultrapassando teus limites pela tua família.

Vejo-te a mostrar respeito aos professores, terapeutas e profissionais médicos que cuidam do teu filho.

Vejo-te perder-se no caos do dia-a-dia e acordar cedo pela manhã seguinte, para fazer tudo outra vez, com a mesma garra e determinação.

Sei que se sente invisível, como se ninguém a percebesse. Mas quero que saibas, eu a vejo!

O que fazes importa! Vale a pena!

Quero que saibas que não estás sozinha.
 Que o amor é o mais importante e que és a melhor nisso.
 Me orgulho de ti e seja como for o dia de hoje, vales muito!
 Você está indo bem!
 E... vejo-te!"

Mãe da Teçá

Dizem que a pele não mente, não esconde, não dissimula. Assim, reitero, minha pele não foi capaz de mentir, de esconder: estou arrepiada! Concordo com você que às vezes, tudo o que precisamos é saber que somos percebidas, que somos vistas.

Para pseudônimo de sua filha, pensei em um nome de origem indígena que significa “atenta; aquela que está de olhos atentos” – Teçá -. Portanto, você é mãe daquela que tem olhos atentos para... ver-te! E saibas, que és vista. Esteja certa também, que não trouxe somente acalento a este ponto de encontro. Trouxe também encorajamento, força, esperança, ou ainda, o esperar - no sentido freiriano.

O seu narrar, quebrou (e continuará a quebrar) barreiras existentes entre o passado e presente e, certamente, despertará muitas mães a retornar à vida, para evocar uma utopia. Quem sabe possamos até, rememorando as palavras da filósofa Jeanne Marie Gagnebin, “ousar esboçar uma outra história, a inventar o presente” (GAGNEBIN, 2001, p. 93).

A todas que compartilham desta rotina, meu abraço e minha sincera palavra: vejo-te!

Marcas reais, de um transtorno real

É com o coração partido, que começo esse relato.
 Essa da foto, é minha filha Inaiê, ela tem 9 anos, tem TDAH do tipo desatento, também perda de memória recente e atitudes infantilizadas para a idade. Não toma medicamento pois a neuropediatra me aconselhou iniciar somente quando ela se sentir prejudicada na aprendizagem da escola.
 Apesar dos déficits, minha filha é super inteligente. E o fato de eu ser professora ajuda muito na aprendizagem e desenvolvimento dela.
 Ela tem ciência de suas dificuldades e compreende que precisa treinar muito mais que os colegas para ter êxito em uma atividade.

Essa semana tem um trabalho sobre folclore para apresentar, e já estamos treinando... criamos um teatrinho, caprichei na fantasia, tudo pra ela se destacar e ficar feliz.

Mas hoje, Inaiê veio tentar me explicar que não entende o porquê na escola ela sempre sobra nas brincadeiras e nas escolhas dos participantes dos grupos. Me contou que acha que ninguém gosta dela, porque ela não é escolhida pra nada. E quando ela tenta participar, os colegas não permitem que ela faça nada. Assim, ela só consegue grupo depois que a professora intervém.

Meu coração partiu em mil pedacinhos. Não segurei o choro e me agarrei a ela. Pediu pra dormir comigo, e claro que eu deixei. Expliquei a ela que quem estava perdendo era os colegas, pois ela é muito inteligente e meiga. E que se for da vontade dela optar por ter aula online em vez de presencial, que por mim tudo bem. Ou ainda, se quiser mudar de escola no próximo ano, eu a apoiarei e seguirei com ela na busca de uma nova escola e novos amigos que a trate conforme ela merece.

Sei que muitas mães passaram (e ainda passam) por esses mesmos problemas, seja na escola, na igreja, na família, pois nem todos tem paciência com nossos filhos.

Já entrei em contato com a escola. Eles são ótimos e já iniciaram atividades de integração entre as crianças. Ainda essa semana começarão as visitas à Psicóloga da escola e estou tentando agendar consulta com outra Psicóloga, para que possa dar acompanhamento à minha filha.

Vai dar tudo certo!!! Mas escutar tudo que Inaiê disse, me trouxe um sentimento enorme de impotência, e isso dói demais!!!

(Mãe da Inaiê)

Nas trincheiras do academicismo, que não permite juízo de valores e sentir com os sujeitos, questiono... como não se sensibilizar?

Ao ler sua narrativa, não tenho dúvidas de que sua menina é uma criança incrível e especial. Por isso, pensei para ela o nome Inaiê²⁷, de origem Tupi, que significa “águia solitária”. Ela foi assim nomeada não somente pela descrição contada e forma como ela se sente. Também porque é um nome original, singular e raro, como a caracteriza.

A compreensão, parceria e afetividade com que se dispõe a ajudar Inaiê superar os limites dela é fundamental para formar uma criança afetiva, segura e com fortalecimento socioemocional. Procurar uma instituição que a acolha, trabalhe com a diversidade e dê ferramentas para que as crianças se desenvolvam em um âmbito

²⁷ Segundo o site <https://www.dicionariodenomespropios.com.br/teca/>, segundo senso de 2010 havia somente 300 registros deste nome, em todo Brasil.

global, é muito importante. Mas adianto que onde quer que vá, estará sujeita a conviver com pessoas que promovem a diferenciação, classificação e exclusão. Então, aconselho que o melhor que há para fazer, é preparar Inaiê para esta luta! Dar-lhe as ferramentas necessárias para lidar com tais situações - fortalecê-la de amor, segurança, afetividade, empoderamento e o máximo de coragem que conseguir (e imagino que já o faz).

À Inaiê, diga-lhe que sinto ainda mais pelos amigos dela, que, na falta da convivência com ela, estarão muito mais pobres de experiência vivida, de amor, carinho, e tudo mais que ela é capaz de transmitir somente através de um sorriso.

5.4 Aprendendo com elas!

Pedagogia da maternidade

Olá meninas, sou nova no grupo, tenho um filho de 5 anos com TDAH.

Tenho visto muitas postagens, na qual sofro, choro, aprendo, fico revoltada, ansiosa... junto com vocês.

E gostaria de aprender mais com vocês!!!

Obrigada pela acolhida e por não permitirem que eu me sinta sozinha.

Somos guerreiras!!!

(Tainara Janaina)

Mãe, que narrativa grandiosa! É pequena, singela, mas tão sincera e potente. Foi tão significativo, que pensei em nominá-la através de dois nomes que definem a impressão que me causou.

De origem Tupi, Tainara significa “estrela”, “iluminada”. Enquanto Janaína, também de origem indígena, significa “protetora do lar”, “mãe dos peixes”, “sereia dos rios”. Mas alguns pesquisadores acreditam que teria se originado a partir do sincretismo de crenças e lendas africanas e indígenas, visto que Janaina é também considerado um dos nomes de Iemanjá, segundo as tradições dos cultos afro-brasileiros, uma orixá que simboliza a divindade do mar, “deusa do mar”, “rainha do mar”. Portanto, seu nome significa “a estrela protetora do lar”, que vigia e guarda aos seus.

Durante as buscas dos nomes, quando li o significado e a lenda associada ao nome Tainara, imediatamente lembrei-me de sua narrativa. Na tradição indígena existe uma lenda chamada de Tainá-kan que conta que Tainá era uma estrela venerada pelos índios como se fosse um deus e que visitava a terra sob a forma de um homem. Tainá teria sido responsável por ensinar ao seu povo o cultivo da mandioca.

Assim, gostaria de dizer-te que tua narrativa é potência, é brecha, é insurgente. Como a estrela, em seu feixe de luz, é, ao mesmo tempo, pequena, porém grandiosa perante a escuridão. Sua fala nos ensina sobre respeito, escuta, empatia, afetividade, sensibilidade, enquanto o que deseja, é antes, aprender.

E hoje, eu aprendi com você!

6 SENSIBILIDADES FINAIS PARA UM CAMINHO ABERTO

Mas o que me move e me apaixona, hoje, é a convicção de que estamos começando a trilhar novos e diferentes caminhos, e que estes podem nos levar a descobrir espaços cotidianos de luta na produção de significados distintos daqueles a que vêm nos aprisionando, há séculos, em uma naturalizada concepção unitária do mundo e da vida.

Marisa Vorraber Costa

A experiência é um caminho aberto à continuidade.

Maria Carolina Bovério Galzerani

Na escrita das sensibilidades finais, percebo que a experiência do mestrado me deixou mais dúvidas do que as que tinha, quando ingressei no Programa de Pós-Graduação. O caminho aberto à continuidade, conforme as palavras de Maria Carolina Bovério Galzerani, deixa em mim a sensação de ter ficado para trás tantas outras reflexões, questões, diálogos... Ainda há tanto a dizer. No entanto, o momento requer “arremate à tessitura desta narrativa”, como diria a Ilka Miglio.

Quando li as palavras de Marisa Vorraber Costa (na epígrafe), rememorei todo meu percurso durante a pesquisa. E me trouxe tranquilidade perceber que, hoje, compartilho da mesma paixão em trilhar novos e diferentes caminhos. Caminhos estes que nos leva a descobrir espaços, ou ainda, espaçostempos cotidianos de luta, produção de significados, de saberes, de sensibilidades, de práticas pedagógicas que desaprisiona, que fortalece e aconchega.

Me alegra perceber que, há tempo, consegui permitir-me desconstruir, para reinventar uma pesquisadora – e pessoa – outra, atenta ao ouvir, à importância (e compromisso!!!) com uma pesquisa de qualidade, porém, sem perder a capacidade de sentir com, de ter empatia, tato... sensibilidade. Me alivia (como a quem desprende-se de um pesado fardo) ter iniciado a trajetória de descortinamento, de livramento das

amarras de um pensamento colonizado, que estava (e ainda está) profundamente arraigado em meu ser, saber e fazer.

Me enriquece compreender que a vida, bem como tudo que nos cerca, é transitória, logo, nossos ambientes também são. E estou convencida de que os grupos do Facebook são espaçotempos de insurgências! Afinal, foi nesta esquina, neste local, que se fez possível os encontros, a formação e fortalecimento de toda uma comunidade. Foram nessas terras abstratas que as mães - até então sozinhas, à espera de uma brecha e tempo para falar e encontrar quem as ouvissem – puderam promover a ocupação, movimento, luta, a pedagogia materna. Foram nessas terras, conhecidas por ser improdutivas, que elas ousaram fertilizar, produzir e erguer sua bandeira.

Através do diálogo, diariamente, elas rememoram. Logo, reconstroem, (re)significam conceitos e pré-conceitos através de recortes, que são também falhos, transitórios, pois as memórias se movimentam no tempo. Assim, elas agem a contrapelo da produção das memórias dos vencedores para se tornarem pessoas visíveis, sujeitas históricas.

A pesquisa, portanto, ousou denunciar e resistir ao apagamento das experiências vividas, as quais abarcam diferentes saberes, que são atravessados por diversas sensibilidades que também nos constituem humanos, no tempo, no espaço e nas relações. É na relação com o outro, que elas carregam a sabedoria ainda aberta a outros sentidos. Sentidos esses, desestabilizados ao ver e ouvir as imagens formadas pela partilha de suas experiências vividas.

Nos grupos, pude testemunhar o despertar de muitas mulheres, mães, que encontram coragem de retomar a vida, evocando a utopia (no sentido benjaminiano), fazendo deste, local também para a ação política, para denúncia, engajamento, para o ensino e aprendizagens. Elas ousaram romper com a cultura do silêncio, dos tabus. Em tempos de distanciamentos, elas emergiram a arte de narrar, tornaram-se sujeitas mais, promovem diálogo recíproco e horizontal, que permitiu ações coletivas. Elas abriram brechas! Nos ensinam que dizer a palavra, é um direito humano e não somente de uns e outros.

Do entrelaçar das memórias, se fez a produção desse tecido, permeado de sensibilidades e de vida! Através de suas narrativas, pude revisitar tantas outras memórias guardadas que já nem me lembrava, e outras, que passei a conhecer.

Vocês me acolheram, me ensinaram, dividiram comigo a preciosidade maior: a experiência vivida.

As sujeitas que muitas vezes entraram emudecidas, invisibilizadas, saem desses grupos fortalecidas, encorajadas, donas da própria história - sujeitas históricas. Pois os diálogos estabelecidos são também fios de identidade, entrecruzados por fios de ação, educação, insurgências, resistências e de liberdade! Fios estes, que hoje, também se encontra entretecido em minha história e memória.

Neste tear, o que começou com fios singelos de dor, medo, inseguranças, pedidos de ajuda, sentimentos de fracasso e impotência, colonialidades... Tornou-se tecidos de Esperança, Contra-Movimento, Decolonização dos Ciberespaços.

Por tudo que foi dito, acredito que os grupos de mães de TDAH do Facebook, não se trata de uma comunidade qualquer, algo que não seja digno de não ser notado. Pois são milhares de mães, milhares de narrativas, que trazem junto memórias de uma comunidade inteira. Experiências construídas em diferentes camadas de tempo. Uma experiência que é lugar em cada uma delas, e agora, também em mim e em todos aqueles que de suas sensibilidades compartilharam.

Sendo assim, fico feliz por ver que este trabalho cumpriu seu ciclo e estou serena no momento que ela se desprende de minhas mãos, de minhas palavras.

Mas este é só o início de uma caminhada. Depois do encontro com uma vereda para o descanso, o caminho se abre novamente à continuidade....

Então, sigamos, de mãos dadas!

7 REFERÊNCIAS

ABDA (Associação Brasileira de Déficit de Atenção). **O que é TDAH**. Disponível em: <https://tdah.org.br/sobre-tdah/o-que-e-tdah/>. Acesso em: 30 de maio de 2020.

ALMEIDA, Mirianne Santos de. **Entre gritos e silêncios: ecos de uma pedagogia de (re) existência com meninas quilombolas**. Aracaju: UNIT, 2019. 165 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Tiradentes, 2019.

ANTOUN, H; MALINI, F. **Ontologia da liberdade na rede: a guerra das narrativas na internet e a luta social na democracia**. Revista Famecos. Porto Alegre, v. 17, n.3, set./dez. 2013.

ARRUDA, Eucidio Pimenta. Cultura e Ensino de História da Perspectiva das Redes Sociais e do Ciberespaço. In: ZAMBONI, Ernesta; GALZERANI, Maria Carolina B.; PACIEVITCH, Caroline (Orgs.). **Memória, sensibilidades e saberes**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2015.

BARRETO, Lucas Wendell de Oliveira. **Sai do armário, Clio-Ensino! (r)existências LGBTQIA+ no Ensino de História**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Tiradentes. Aracaju: UNIT, 2021.

BAUMAN, Z. **Identidade**. Entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR Editor, 2005.

BENJAMIN, Walter. **O Narrador**. In: Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política** – ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas, volume I, 2. edição, São Paulo: editora Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte. Ed. Da UFMG/ Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

BERARDI, Franco. **La fábrica de la infelicidad**. Nuevas formas de trabajo y movimiento global. Traficantes de Sueños, 2003.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. A aventura da modernidade. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2007.

BOTO, Carlota. **Instrução Pública e Projeto Civilizador: o Século XVIII como Intérprete da Ciência, da Infância e da Escola**. São Paulo: USP, 2011. 379 f. Tese – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

BUJES, Maria Isabel Edelweiss. **Infância e maquinarias**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

. Outras Infâncias? In: SOMMER, Luis Henrique (Orgs.). **Educação e Cultura Contemporânea: articulações e transgressões em novas paisagens**. Canoas: ULBRA, 2006.

CHAGAS, Polyana Amorim. **Um olho na TV e outro no computador**: repercussão de produtos televisivos no Twitter. Revista Científica do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão, São Luis, v. 19, n. 7, jan.- dez. 2010.

CHAGAS, Alexandre Meneses. **A contribuição do Facebook no processo da aprendizagem colaborativa**. Dissertação (Mestrado em Educação). – Universidade Tiradentes. Aracaju, 2013, 224p.

CASTELLS, M. **Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. CASTELLS, M. *La Galaxia Internet*. Barcelona: Areté, 2001.

COUTO, Edvaldo Souza. **Pedagogias das conexões**: Compartilhar conhecimentos e construir subjetividades nas redes sociais digitais. In: PORTO, Cristiane; SANTOS, Edméa (Org.). *Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar*. – Campina Grande: EDUEPB, 2014.

CORRÊA, Bianca Rodrigues. **Ensino de História e Narrativa**: Potencialidades de uma Imagem Constelar. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas – SP. 2011.

CUNHA, Nara Rúbia de Carvalho. **Primaveras Compartilhadas**: (re)significando a docência na relação com a cidade, memórias e linguagens. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2016.

EDUCAUSE. 7 Things You Should Know About Facebook II (Online). Disponível em: <https://library.educause.edu/resources/2007/5/7-things-you-should-know-about-facebook-ii>. 2007. Acesso em: set. 2020.

FRANÇA, Cyntia Simioni. **O canto da Odisseia e as narrativas docentes**: dois mundos que dialogam na produção de conhecimento histórico-educacional. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, Paulo . **Pedagogia do oprimido**. 50 ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2005.

FREIRE, Paulo . **Pedagogia da esperança**: um encontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo . **Extensão ou comunicação?** Tradução Rosisca Darcy de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. Rio de janeiro: Paz e Terra, 1981.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1994.

FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da Sociedade** – Curso no Collège de France (1975-1976). (Aula de 17 de março de 1976). São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FOUCAULT, Michel. **O sujeito e o poder**. In: DREYFUS, Hubert & RABINOW, Paul. Michel Foucault. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p. 273-295. 2006

FOUCAULT, Michel. **Segurança, Território, População** – Curso no Collège de France (1977-1978). (Aula de 25 de janeiro de 1978). São Paulo: Martins Fontes, 2009.

GALEANO, Eduardo. Os filhos dos dias. Tradução Eric Nepomuceno. Editora L&PM. eISBN: 978.85.254.2726-7. 2012.

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. **Memória, tempo e história**: perspectivas teórico-metodológicas para a pesquisa em ensino de história. Cadernos CEOM, n. 28, Chapecó, SC: Unochapecó, 2008.

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. **Memória, história e (re)invenção educacional**: uma tessitura coletiva na escola pública. In: MENEZES, Maria Cristina (org) Educação, Memória e História. Campinas-SP: Mercado das Letras, 2004.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Memória, História, Testemunho**. In: BRESCIANI, Stella & NAXARA, Márcia (orgs). Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Limiar, aura e rememoração**: ensaios sobre Walter Benjamin. São Paulo: Editora 34, 2014.

GROSFOGUEL, Ramón. **Decolonizing Political-Economy and post-colonial studies**: transmodernity, border thinking, and global coloniality. In Unsettling postcoloniality: coloniality, transmodernity and border thinking. Chappel Hill, NC: Duke University Press. 2008.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder e classificação social**. In: SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula. (Org.). Epistemologias do Sul. Coimbra: 2009. p.73-117.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e Comunicação**: Interconexões e Convergências. Educ. Soc., Campinas, vol. 29, n. 104 - Especial, p. 647-665, out. 2008. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias**: O novo ritmo da informação. 8ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

LEMOS, A. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2008.

LEMOS, A.; LÉVY, P. **O futuro da internet**: em direção a uma ciberdemocracia. São Paulo: Paulus, 2010.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A Cultura Mundo**: resposta a uma sociedade desorientada. Tradução Maria Lúcia Machado. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo na sociedade de massa. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

MAGALHÃES, José Luiz Quadros de. **Democracia e Constituição**: tensão histórica no paradigma da democracia representativa e majoritária – a alternativa plurinacional boliviana. In: FIGUEIREDO, Eduardo Henrique Lopes; MONACO, Gustavo Ferraz de Campos; MAGALHÃES, José Luiz Quadros de. **Constitucionalismo e democracia**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

MALDONADO-TORRES, Nelson. **Sobre la colonialidad del ser**: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSFUGUEL, R. (Org.) **El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar, Universidad Central-IESCO, Siglo del Hombre Editores, 2007.

MARTIN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

MESQUITA, Ilka Miglio. **Urdidura e Trama de memórias do ensino de história**. Aracaju: EDUNIT, 2017.

MIGNOLO, Walter. **La idea de América Latina**. La herida colonial y la opción decolonial. Barcelona: Gedisa, 2007.

MOREIRA, José António; JANUÁRIO, Susana. **Redes sociais e educação reflexões acerca do Facebook enquanto espaço de aprendizagem**. In: PORTO, Cristiane; SANTOS, Edméa (Org.). **Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar**. – Campina Grande: EDUEPB, 2014.

PAIM, Elison Antonio; LUÍS, Solange. **Decolonizando Tempos, espaços, memórias e experiências educativas na província de Huíla – Angola**: narrativas sobre escolas. *Revista África(s)*. vol. 7. 2020

PAIM, Elison Antonio. **Memórias e Experiências do Fazer-se Professor(a) de História**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

PORTO, Cristiane; SANTOS, Edméa (Org.). **Facebook e educação**: publicar, curtir, compartilhar. – Campina Grande: EDUEPB, 2014.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina**. In: LANDER, E. (Org.). La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas Latinoamericanas. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 227-277.

ROSA, Maria Inês Petrucci; RAMOS, Tacita Ansanello; CORRÊA, Bianca Rodrigues; ALMEIDA JR, Admir Soares de. **Currículo e narrativa**: potencialidades das mônadas para uma outra compreensão dos acontecimentos educativos. Currículo sem Fronteiras, v.11, n.1, p.198-217, Jan/Jun 2011

RIBEIRO, José Carlos. **Mídias sociais**: saberes e representações. SciELO - EDUFBA. 2001

RICHTER, Bárbara Rocha. **Hiperatividade ou Indisciplina?** O TDAH e a patologização do comportamento desviante na escola. Porto Alegre: UFRGS, 2012. 126 f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências) – Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências – química da vida e saúde. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: 2012.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. Coimbra: 2009. p.73-117.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para além do pensamento abissal**: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula. (Org.). Epistemologias do Sul. Coimbra: 2009. p.73-117.

SANTOS, Edméa. **A cibercultura e a educação em tempos de mobilidade e redes sociais**: conversando com os cotidianos. In: FONTOURA, H. A. 112 da; SILVA, M. Práticas Pedagógicas, Linguagem e Mídias: desafios à pós-graduação em Educação em suas múltiplas dimensões. Rio de Janeiro, ANPEd Nacional, 2011.

SANTOS, Edméa; SANTOS, R. **A tessitura do conhecimento via mídias e redes sociais da internet**: notas de uma pesquisa-formação mutirreferencial em um Curso de Especialização. Educação em Foco (Juiz de Fora), v. 18, p. 43-71, 2013.

SANTOS, Edméa; ROSSINI, Tatiana Stofella Sodré. Comunidade REA-Brasil no Facebook um espaço de ativismo, autorias, compartilhamentos e inquieta es. In: PORTO, Cristiane; SANTOS, Edméa (Org). Facebook e educa o: publicar, curtir, compartilhar. Campina Grande. EDUEPB, 2014.

SANTOS, Edméa. **Pesquisa-Forma o na Cibercultura**. 1^a ed. Teresina: EDUFPI, 2019.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das raças**: cientistas, institui es e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVEIRA, S. A. **Redes de relacionamento e sociedade de controle**. VIRUS. São Carlos, n. 4, dez. 2010.

TAVERNA, Carmen Silvia Rotondano. **Medicalização de Crianças e Adolescentes**. Revista Semestral da Assoc. Bras. De Psicologia Escolar e Educacional. São Paulo, v.15, n. 1, p. 169 – 171, jan 2001.

THOMPSON, Edward Palmer. **A Miséria da Teoria**: ou um planetário de erros. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

WHERTEIM, M. **História do espaço**: de Dante à Internet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

WALSH, Catherine. **Pedagogías decoloniales**: Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re) vivir. Tomo I. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2009.

WALSH, Catherine. (Org.). **Pedagogías decoloniales**: Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. TOMO II. Quito: Abya Yala, 2013. 583p.

ZAMBONI, Ernesta; GALZERANI, Maria Carolina B.; PACIEVITCH, Caroline (Orgs.). **Memória, sensibilidades e saberes**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2015.
PORTO, C., and SANTOS, E., orgs. Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2014.